

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem

ALEXANDRE MAURO BRAGION

SAUDADE: A UTOPIA RURALISTA DE THALES CASTANHO DE ANDRADE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

LITERATURA BRASILEIRA

ORIENTADOR: PROF. DR. CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL

CO-ORIENTADOR: PROF. DR. ALEXANDRE SOARES CARNEIRO

CAMPINAS

2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

B73s

Bragion, Alexandre Mauro.

“Saudade”: a utopia ruralista de Thales Castanho de Andrade / Alexandre Mauro Bragion. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Carlo Eduardo Ornelas Berriel.

Co-orientador: Alexandre Soares Carneiro.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Literatura. 2. Ruralismo. 3. Utopia. 4. Educação. I. Berriel, Carlo Eduardo Ornelas. II. Carneiro, Alexandre Soares. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

BANCA EXAMINADORA:

Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Orientador

Alexandre Soares Carneiro

Co-Orientador

Enid Yatsuda Frederico

Membro-Titular

Josiane Maria de Souza

Membro-Titular

Cristina Martins Fargetti

Membro-Suplente

Rosana do Carmo Novaes Pinto

Membro - Suplente

**Este exemplar é a redação final da
tese / dissertação e aprovada pela
Comissão Julgadora em:**

IEL/UNICAMP

2007

26 / 04 / 2007

Prof. Dra. SILVANA MABEL SERRANI
Coordenadora Geral de Pós-Graduação
IEL/UNICAMP
Matr. 06440-8

58174002

RESUMO:

O presente texto objetiva apresentar uma leitura do romance infantil *Saudade*, de Thales Castanho de Andrade, visando mostrar como ele – ao atender aos anseios da oligarquia rural paulista e brasileira – se configura como um instrumento pedagógico que, durante as primeiras décadas do século XX, veiculava entre os leitores mirins um discurso ruralista que fazia do campo e da vida rural o caminho para a felicidade do brasileiro. Para isso, além da análise crítica da estrutura de *Saudade*, estabelece-se aqui uma leitura histórica que abrange o período no qual o referido romance foi produzido, bem como também expõe os referenciais pedagógicos que ele sustenta e o sistema literário que o circunda.

ABSTRACT:

The objective of this text is to present a reading of the children's novel "Saudade" by Thales Castanho de Andrade with the aim of showing how it, by complying with the interests of the dominant rural society of Sao Paulo and Brazil, becomes a pedagogical instrument which, in the two first decades of the 20th century, made a ruralist discourse which presented rural and country life as a way for the happiness of Brazilians circulate among young readers. Thus, besides the critical analysis of the structure of "Saudade", a historical reading comprising the period in which the novel was written is carried out as well as the pedagogical references which it supports and the literary system in which it is included are exposed.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 01	
Mundo rural: um tema como herança.	15
1.1 Thales e Piracicaba: paixões, mitos e desejos.	27
1.2 Breves reflexões acerca do ensino rural no Brasil: da abolição da escravidão ao romance <i>Saudade</i> , de Thales Castanho de Andrade.	31
Capítulo 02	
<i>Saudade</i> : uma idéia fora de lugar.	39
2.1 Sobre a estrutura de <i>Saudade</i> : uma história que se quer verdadeira.	41
2.2 Um enredo verdadeiro?	44
2.3 Do campo à cidade.	45
2.4 Chacarinha.	50
2.5 Da cidade ao campo.	51
2.6 Um mundo escondido em uma estrutura.	55
2.7 A estrutura e personagens: o modelo burguês europeu inserido. no universo rural brasileiro.	58
2.8 Mário: o bom menino não faz xixi na cama.	59
2.9 A sagrada família.	64
2.10 Uma estrutura a serviço da Pedagogia e da política ruralista paulista.	69
2.11 A alegria de sentir Saudades.	74
2.12 A saudade como ufanismo.	79
2.13 Saudade à portuguesa.	83
Capítulo 03	
A pedagogia ruralista de Thales Castanho de Andrade.	89
3.1 Reflexos de um Panorama Literário.	91
3.2 O sistema literário do início do século vinte escondido num álbum de recortes.	95
3.3 As (não)revelações de um álbum de recortes: encanto ou verdade?	98
3.4 Quem colocaria rubricas em seu próprio álbum de recortes?	100
3.5 Inventário.	102
3.6 Na série das cartas.	102
3.7 Na série das fotos.	103
3.8 Na série das ilustrações.	108
3.9 Na série dos cartões.	109
3.10 Na série dos recortes de jornal.	111
3.11 Na série das cartas contratuais.	113
3.12 De Thales a Lobato (ou de Lobato a Thales?).	115

Capítulo 04

A Revista Educação **121**

4.1 O registro da ineficácia do ensino rural. **123**

4.2 Tudo como sempre foi... **129**

4.3 De volta a Thales. **133**

Considerações Finais **135**

Anexos **147**

Bibliografia **153**

AGRADECIMENTOS

Ao final desta longa viagem pela obra de Thales de Andrade, percebo que muitas seriam as pessoas às quais eu precisaria dizer o mais sincero e mais profundo “muito obrigado”. Afinal, muitos foram os seres bondosos que – se não vieram a se tornar interlocutores diretos deste trabalho – por meio de um sorriso, de um olhar ou de uma palavra de conforto, colaboraram, a seu modo, para que este estudo pudesse chegar a esta etapa. A todas essas pessoas, deixo aqui os meus mais sinceros agradecimentos.

Não poderia eu, todavia, deixar também de tecer alguns agradecimentos mais do que especiais. Em primeiro lugar, agradeço à amiga e mestra Josiane Maria de Sousa – minha primeira (e eterna) orientadora. Fiel mentora e interlocutora, foi a professora Josiane a responsável por, ainda em minha iniciação científica, apontar os caminhos para que a realização desta investigação pudesse um dia vir a acontecer.

Agradeço também ao meu bom e dedicado orientador, professor Carlos Eduardo Ornelas Berriel. Mestre que, depositando sua confiança em meu trabalho, conduziu-me com orientação sempre segura, certa e ponderada.

Ao meu novo mestre (e co-orientador recente desta pesquisa), professor Alexandre Soares Carneiro, deixo aqui registrado também a minha gratidão pela boa vontade e pelo auxílio dedicado no momento final desta atividade.

À amiga, mestra e colega Cristina Fargetti, agradeço também pelas palavras de incentivo e pelo empenho dedicado a este trabalho.

Aos bons, fiéis e eternos amigos Paulo e Josiane, Francisco e Terezinha, Karine, Adelino e Maria Teresa, o meu muito obrigado! Sem a doce presença de vocês esta jornada jamais teria se completado.

Aos meus pais, professores que também se dedicaram ao ensino rural.

Agradeço também à direção do Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes (pelo carinhoso e profissional acolhimento que dedicou a esta pesquisa), à direção do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (pela boa vontade na cessão de importantes documentos sobre a vida de Thales), à Unicamp (que acolheu esta pesquisa e abraçou esta causa) e a Universidade Metodista de Piracicaba (instituição que, de portas abertas, possibilitou o contato direto com os originais da revista “Educação”, aqui utilizados).

Ao meu singelo “cãopanheiro” Miró, que ao meu lado acompanhou-me pacientemente ao longo de todas as etapas da escrita deste texto...

À minha esposa Tânia, pessoa a quem dedico este trabalho.

*O gênero 'literatura infantil' tem, a meu ver, existência duvidosa.
Haverá música infantil? Pintura infantil?
A partir de que ponto uma obra literária deixa de
constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige
ao espírito do adulto?
Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com
interesse pelo homem feito?
Qual o livro de viagens ou aventuras, destinado a
adultos, que não possa ser dado à criança,
desde que vazado em linguagem
simples e isento de matéria de escândalo?
Observados alguns cuidados de
linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz.
Será a criança um ser à parte, estranho ao homem,
e reclamando uma literatura também à parte?
Ou será a literatura infantil algo de mutilado, reduzido, de desvitalizado –
porque coisa primária,
fabricada no pressuposto de que a imitação da infância
é a própria infância?*

Carlos Drummond de Andrade.
Literatura Infantil. *Obra Completa*, Rio de Janeiro: Aguilar, 1967, p. 596.

INTRODUÇÃO

Tendo uma especial relevância no panorama da literatura infantil que se consolida no Brasil ao início do século XX, a produção literária do piracicabano Thales Castanho de Andrade obteve grande repercussão entre as décadas de 20 a 60. Seus livros – publicados pela *Editora Melhoramentos*, pela *Lobato Editores* e pela *Companhia Editora Nacional* – chegaram mesmo a ser financiados pelo governo do estado de São Paulo e distribuídos às escolas públicas, sendo que muitos desses livros (como *Saudade*, por exemplo) ultrapassaram a surpreendente marca de 50 mil exemplares vendidos em uma única edição.¹

Por conta das questões ecológicas que apresentava em sua obra, Thales passou a ser apontado pela crítica literária atual como um dos pioneiros da literatura infantil a tratar de assuntos referentes à ecologia e, em especial, à vertente do Brasil rural. Ainda nessa mesma trilha, e ressaltando o teor pedagógico da obra de Thales, todavia é Monteiro Lobato quem – quando do lançamento de *Saudade* – vai nos chamar a atenção para o fato de que os livros do mestre piracicabano da literatura infantil eram voltados “para a infância das escolas” e que caíam nos “meios pedagógicos com o fulgor de um raio.”²

Além disso, vale lembrar ainda que – apesar do sucesso estrondoso da obra lobatiana e de sua posterior canonização dentro da história da literatura infantil –, tendo

¹ Dados registrados e disponibilizados pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) por meio de documento datilografado e datado de 18 de setembro de 1979, folha 07.

² MONTEIRO LOBATO *Apud* COELHO, 1991, p. 222.

Monteiro Lobato publicado o seu primeiro livro para crianças apenas em 1921, houve um momento no Brasil em que Thales e Lobato, juntos, fizeram parte do repertório de leitura de algumas gerações de crianças. A esse respeito, nos contam Lajolo & Zilberman:

*Nem só de Monteiro Lobato viveu a literatura infantil do período, bem como nem só do “Sítio do Pica-pau Amarelo” se alimentou o ruralismo na ficção para crianças. O ruralismo até antecede a Lobato, tendo como “arauto” Tales de Andrade, com seu bem-sucedido e já comentado “Saudade”. Este livro faz a apologia da vida agrícola, mesclando elementos idílicos com uma proposta bem clara de trabalho no campo.*³

Por conseguinte, é importante lembrar também que nem só de *Saudade* viveu a obra de Thales de Andrade. Para que se possa ter uma idéia da difusão da obra de Thales entre o público infantil, vale dizer que, produzida entre 1919 e 1961 – datas das respectivas publicações de *A Filha da Floresta* (primeiro livro de Thales) e *Cafezal Assim, Sim!* (seu último livro) – a literatura infantil produzida por de Thales de Andrade contempla a produção de 47 livros que atingiram juntos, numa tiragem geral contabilizada até o final da década de 1970, nada menos do que a marca de dois milhões de exemplares produzidos.⁴

Por trás do bucolismo de temas tão caros – como a contenção do êxodo rural, a valorização da vida no campo, a exaltação do rurícula e a luta pela educação na roça – todavia desvela-se sutilmente em *Saudade* a doutrinação política e ideológica de uma elite que – diante do apogeu da vida urbana e fabril em meio à derrocada do ciclo do café – lançava seus últimos esforços em prol da manutenção de uma oligarquia já em vias de declínio: a oligarquia rural do estado de São Paulo.

³ LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 60.

⁴ Dados registrados e disponibilizados pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) por meio de documento datilografado e datado de 18 de setembro de 1979, folha 07.

Nesse sentido, é preciso que se diga também que – sempre ligada a setores políticos e governamentais subsidiados pelo poder da lavoura paulista – a biografia de Thales de Andrade não esconde que sua preferência pela exploração da temática rural, em meio a uma produção literária voltada à formação da criança brasileira, vai além de seu incondicional e aparente puro amor pela vida campesina.

Oscilando entre o campo e a cidade, Thales fez em vida a mesma “ponte” que procurou estabelecer com sua literatura. Como veremos a seguir, sua biografia nos coloca diante de um panorama histórico no qual se pode descortinar a existência de uma elite intelectual e política que – ao tentar perpetuar-se no poder – ao mesmo tempo em que se apresentava totalmente imersa e mimetizada aos grandes centros urbanos do estado, curiosamente intenta criar uma identidade brasileira pautada na tradição de um modelo aristocrático no qual o universo rural torna-se o grande paradigma.

Dessa forma, a análise de *Saudade*, que aqui se pretende estabelecer, pode nos revelar ainda os ideais utópicos de uma política ruralista que, sem desprezar a presença e a importância da indústria e do setor fabril no país, imaginava poder fazer do Brasil uma nação capitalista que continuasse a se desenvolver e a se estruturar ainda por meio da produção e da comercialização dos frutos do trabalho agrícola.

CAPÍTULO 01

MUNDO RURAL: UM TEMA COMO HERANÇA

*Deus fez o campo, o homem a cidade.*⁵

Era uma vez um ratinho que morava no campo. Certo dia, recebeu ele em sua casa a visita de um ratinho amigo, que vinha da cidade. Ofertando ao amigo da cidade um jantar preparado com as melhores coisas que a vida campestre lhe permitia possuir, o ratinho do campo inesperadamente percebeu que vivia em meio a uma extrema pobreza - pois, na hora da ceia, o visitante rato da cidade se espantara ao ver que, no campo, além das verduras e das raízes secas que compunham o jantar, não havia mais nada de luxuoso nem de sofisticado para se oferecer a um amigo ilustre.

Encantado com os relatos sempre impressionantes do rato da cidade, que descrevia para o rato do campo as delícias dos banquetes que na urbe se poderia fazer, o rato do campo tomou a decisão de acompanhar o amigo a uma visita aos grandes centros.

Lá chegando, os ratos foram logo se instalar em uma rica despensa toda cheia de saborosas guloseimas. No entanto, toda vez que os dois ratos saiam do buraco para tentarem comer alguma coisa, sempre alguém aparecia na despensa. Acovardados, os

⁵ WILLIANS, 2000.

ratos tinham de fugir rapidamente para o apertado buraco no qual haviam se instalado.

Após muitas tentativas, e atordado de fome, o rato do campo resolveu:

- Amigo, a cidade pode ser rica e nela pode haver as maiores delícias do mundo.

*No entanto, aqui não se pode viver tranqüilamente! Deus me permita poder voltar agora mesmo ao paraíso simples, mas tranqüilo, de meu campo...*⁶

Essa fábula de Esopo, muitos séculos distante de nossos dias, parece vaticinar, lá da antiguidade em que foi feita, os rumos que o campo e a cidade assumiriam ao longo da história da humanidade. Mais do que isso, a fábula do *rato do campo e do rato da cidade* acaba por prenunciar um dos temas mais pertinentes à história da literatura universal: o embate entre o campo e a cidade.

Da mesma forma, e levando-se em conta que toda fábula nos aponta uma moral, Esopo – ao nos mostrar o campo como lugar de vida mediana (porém privilegiada) e a cidade como um cenário de delícias mil, mas repleta de problemas que impedem que dentro dela se possa levar uma vida razoavelmente decente – acaba por estabelecer como modelo de vida o dito latino do *fugere urbem*, no qual a troca da cidade pelo campo parece ser a melhor opção de vida que um ser humano pode seguir. Afinal, como nos lembra em seus versos o poeta português Francisco Sá de Miranda - que recupera tal fábula em pleno Renascimento -, a volta do rato do campo para o seu berço rural tornou-se um presente divino, pois

⁶ ESOPPO. Arquivo eletrônico: << <http://alafarrabios.di.uminho.pt/vercial/infantil>>>. Acesso em 20 de março de 2006.

*O Ratinho da montanha,
Aos pés, em pressa tamanha,
O coração lhe caiu.
Enfim passado o perigo
da morte, que ante si vira,
o coitado só consigo
polo seu repouso antigo,
que mal deixara, suspira.
Minha segura pobreza,
se chegarei a ver, quando
a vós torne, e esta riqueza,
mal, que o mundo tonto preza,
fuja, se puder, voando!*

*Ai baldias esperanças,
meu entendimento fraco!*

*Deixemos tais abastanças,
tais riquezas, tais mostranças.
Deus me torne ao meu buraco!*⁷

Como se pode ver, a presença do universo rural na literatura não é uma ocorrência recente. Na verdade, retrocedendo no tempo - a fim de revisitarmos diferentes escolas e períodos literários - verificaríamos que o campo, a lavoura e demais elementos do mundo

⁷ SÁ DE MIRANDA. Arquivo eletrônico: << [<http://alafarrabios.di.uminho.pt/vercial/infantil>](http://alafarrabios.di.uminho.pt/vercial/infantil)>>. Acesso em 20 de março de 2006.

campesino sempre tomaram parte das mais distintas criações literárias que foram produzidas ao longo de toda a história da literatura.

Deixando para trás o mato virgem de Mário de Andrade, passando por Canudos, pela arcádia mineira e ultramarina, passeando pelos bosques do romantismo europeu, cruzando o oceano em busca de novas terras, caminhando pelo medievo das cantigas "de verde pino" em direção aos campos de Virgílio, veremos que permeia a literatura um sem fim de obras e de autores que emprestam da terra, da vida no campo e do trabalho agrícola os elementos basilares para a construção dos enredos de suas histórias.

Buscando o passado primevo da temática ruralista na literatura ocidental, encontraremos elementos do mundo campestre já em alguns dos primeiros dramas cômicos originários da Antigüidade clássica. Em *As Nuvens*, de Aristófanes, por exemplo, Estrepsíades introduz o argumento da peça lamentando as dívidas que contraiu por causa da mania comprar cavalos que tem seu filho Fidípedes. Em *Os Arcaneus*, aproveitando para satirizar a origem humilde de Eurípedes, Aristófanes põe a personagem Diceópolis pedindo folhas de verduras diante da casa do grande dramaturgo - que, segundo consta, realmente era filho de uma verdureira. Em *A Paz*, também de Aristófanes, é com a ajuda de lavradores que Trigueu consegue libertar a paz escondida por Zeus dentro de uma caverna.

Apesar de sabermos que o ruralismo ainda não se constituía propriamente como um tema dentro desses primeiros textos dramáticos, surgindo, na verdade, como mímese de uma organização social de grande importância durante a antiguidade clássica, poderíamos dizer que até mesmo as próprias raízes do teatro ligam-se ao universo do rural - uma vez

que, segundo Aristóteles, a origem da dramaturgia muito tem a ver com os cultos e as procissões em louvor a Dioniso - adorado pelos gregos como o deus dos campos e da fertilidade.

A bem dizer, o culto à terra e à agricultura já se fazia presente até mesmo na tradição oral, literária e/ou religiosa, dos povos antigos. Ainda entre os gregos, por exemplo, figuras como as de Perséfone e Deméter - ao personificarem a fecundidade do solo, a sementeira, o plantio, a colheita e todo ciclo natural que envolve o processo de produção agrícola - marcam na mitologia grega o apego às coisas do mundo rural. Na mesopotâmia, ligando a terra e os céus, são os míticos jardins suspensos da Babilônia que denotam o tom campestre impresso na tradição desse povo bíblico. No entanto, são os hebreus que - em busca da sempre eterna terra prometida - inevitavelmente nos arrastam em direção ao paraíso campestre mais conhecido de todos os tempos: o Éden.

Se Deus fez o campo e o homem a cidade, como nos contam as mais variadas tradições, precisar com segurança o aparecimento do ruralismo como tema universal é, portanto, um empreendimento de difícil concretização. Da mesma forma que o ruralismo, a origem da temática que evidencia o contraste entre campo e cidade enquanto formas fundamentais de vida também remonta a Antigüidade - fato que se torna aparente quando entramos em contato com a fábula do rato do campo e do rato da cidade, de Esopo.

De acordo com Willians,⁸ o contraste retórico entre o campo e a cidade cristalizou-se na história universal justamente no momento em que Roma passou a ser vista como um grande organismo independente. Segundo o historiador, nas sátiras mordazes de gregos e romanos já se pode perceber uma característica que se tornou mais do que convencional ao longo de toda a história da literatura: um explícito catálogo de formas de corrupção na cidade.

Expondo o lado ilusório e enganador das cidades, sátiras poderosas como as de Juvenal vieram exercer uma influência extraordinária sobre a literatura clássica subsequente, vindo a ser revividas em muitos lugares e por muitas e muitas gerações. Em torno das comunidades existentes na antiguidade cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas em relação à vida rural e à urbana. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida, de paz, de inocência e virtude simples; e à cidade, por sua vez, associou-se a idéia de saber, de comunicação, de luz.⁹

Por outro lado, poderosas associações negativas também se tornaram tradicionais em relação a esses dois mundos: a cidade passou a ser vista como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo carregou consigo, por sua vez, o estigma do atraso, da ignorância e da limitação.

Mediante a cristalização do campo e da cidade como sendo locais de respectiva tranquilidade e corrupção, fugir da cidade e refugiar-se na natureza tornou-se, portanto, uma prática tradicional na literatura. Via de regra, procurando expor a força opressora e o

⁸ WILLIANS, 2000, p. 11.

⁹ *Ibid.*

brilho ilusório da cidade, a literatura da Antigüidade clássica deixara como herança uma tradição literária que, tendendo a suavizar a vida no campo, muitas vezes deixa de lado a dura realidade do trabalhador rural.

Conseqüentemente, a origem do "bucolismo", enquanto característica literária, liga-se ao mesmo passado remoto do contraste entre campo e cidade presente nas sátiras de Juvenal. Entretanto, é em *Os Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo, que encontramos um dos mais antigos prenúncios da valorização do mundo bucólico ante a vida citadina.

*Se recuássemos na história da literatura à cata de textos significativos sobre a vida campestre, haveremos de retroceder a um período muito anterior ao de Virgílio: ao século IX a.C., época de Os Trabalhos e os Dias, de Hesíodo.*¹⁰

Apontado - juntamente com Homero - como o grande criador dos deuses para os gregos, Hesíodo - falando do seu próprio trabalho, o de agricultor, e dirigindo-se a um público bem determinado, composto por seu irmão, por pequenos agricultores de uma determinada região da Grécia e também de alguns poucos poderosos proprietários fundiários que habitavam os centros urbanos - mostra-nos em *Os Trabalhos e os Dias* sua visão sobre a organização do mundo dos mortais, apontando sua origem, suas limitações e seus deveres.

Revelando-nos o que para ele seria o alicerce sobre o qual se fundamenta a própria condição humana, Hesíodo aproveita também para enaltecer a nobreza de seu trabalho de

¹⁰ WILLIAMS, 2000, p. 28.

agricultor ante a desfaçatez e esperteza de Perses - que, fraudando um litígio que partilharia a herança de bens paternos, rouba-lhe as terras que por direito seriam suas:

*Ó Perses! Mete isso em teu ânimo:
A Luta malevolente teu peito do trabalho não afaste
para ouvir querelas na ágora e a elas dar ouvidos.
Pois pouco interesse há em disputas e discursos
para quem em casa abundante sustento não tem armazenado
na sua estação: o que a terra traz, o trigo de Deméter.
Fartado disto, fazer disputas e controvérsias
contra bens alheios poderias. Mas não haverá segunda vez para
assim agires. Decidamos aqui nossa disputa
com retas sentenças, que, de Zeus, são as melhores.
Já dividimos a herança e tu de muito mais te apoderando
levaste roubando e o fizeste também para seduzir reis
comedores de presentes, que este litígio querem julgar.
Néscios, não sabem quanto a metade vale mais que o todo
nem quanto proveito há na malva e no asfódelo.¹¹*

Mesmo sendo o mundo helenístico do século III a.C. o período no qual o bucolismo, no sentido mais estrito do termo, veio a configurar-se como forma literária,¹² e mesmo encontrando-se em Virgílio, dois séculos depois, uma forma textual que em sua elaboração mais se aproxima da idéia de "bucólico" que temos hoje, não podemos esquecer que os poetas aos quais convencionalmente chamamos de "bucólicos" apareceram no cenário literário muito tempo depois de Hesíodo, cerca de seis séculos mais tarde; devendo-se a ele, portanto, a justa atribuição de precursor:

A paisagem bucólica de Teócrito fora imediata e próxima: encontrava-se junto aos muros da cidade. A Idade do Ouro de Hesíodo fora uma lembrança mítica, que contrastava com a idade e ferro dos homens modernos, na qual o trabalho é não só necessário como louvável. Em alguns trechos de Virgílio ocorre uma transformação na qual a paisagem torna-se mais distante, transformando-se na própria Arcádia, e a Idade do Ouro é

¹¹ HESÍODO, 1996, p. 25.

¹² WILLIAMS, 2000, p. 29.

*encarada como algo que existe lá no presente, ao mesmo tempo evocada e celebrada pelo poder da poesia.*¹³

Na literatura infantil, apesar da origem recente do gênero, a gênese da temática ruralista estende-se também ao longo da história. Tendo como fontes naturais um vasto celeiro de contos e lendas da tradição oral da Idade Média, as primeiras obras publicadas para crianças vão aparecer no cenário livreiro europeu apenas em fins do século XVII.¹⁴ Contudo, por tratarem-se basicamente de fábulas e de contos de fadas - recuperados e reorganizados por escritores como La Fontaine, Fénelon e Perrault - podemos dizer que essas obras ainda não apresentavam as marcas típicas de um idílico universo bucólico-rural tal como podemos notar nos textos clássicos greco-romanos.

No entanto, não se pode negar que a natureza mágica dos bosques e dos seres encantados das florestas, que abundantemente são evidenciados nesses contos, já sinaliza a valorização de uma temática que prioriza os elementos da natureza em detrimento de um mundo industrializado que se prenunciava ao longo século XVIII. Como nos contam Lajolo & Zilberman,¹⁵ a literatura infantil, desde o seu aparecimento na Europa moderna, mostrou preferência particular pelo mundo rural como local para o transcurso de ações, apelando quase sempre para a elaboração de personagens ligadas ao campo - sejam elas animais ou seres humanos.

As imagens do campo e da fazenda não vão, portanto, tardar a aparecer nos textos destinados às crianças. Aprender apenas o que é útil e estritamente necessário à

¹³ WILLIAMS, 2000, p. 33.

¹⁴ CARVALHO, 1984, p.50.

¹⁵ LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 61.

sobrevivência, ocupar-se das artes naturais ao invés das artes industriais, valorizar os frutos da agricultura e através dela descobrir a verdadeira essência humana são alguns dos preceitos que desde muito cedo passam a fazer parte do universo da literatura dedicada às crianças.

No Brasil, vindo surgir a literatura infantil quase que somente no século XX, sua gênese ruralista apresenta-se próxima de nossos dias. Exercendo um papel fundamental na transformação da sociedade rural para a urbana - como veremos mais adiante - as produções literárias para as crianças, inspiradas na mais pura tradição européia, logo vão se valer da temática campesina para desenvolver o enredo de suas histórias.

Recuperando e adaptando obras publicadas para as crianças da Europa, o universo do sítio e do trabalho agrícola vai fincando aos poucos as suas raízes na literatura infantil brasileira. Seguindo modelos europeus de valorização do moto "dever e pátria," ¹⁶ a literatura infantil brasileira - ao se estruturar como um gênero praticado por autores de reconhecido prestígio - vai abraçar definitivamente a causa da valorização do universo rural, eclodindo em obras de estrondoso sucesso editorial - como é o caso dos romances *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac, *Saudade* (1919), de Thales Castanho de Andrade, e *Narizinho Arrebitado* (1921), de Monteiro Lobato.

No entanto, vale dizer que a literatura infantil produzida no Brasil nesse primeiro momento deve ao seu próprio tempo a sua razão de existir. Salvo semelhanças temáticas, ao fazer do Brasil um grande sítio a literatura infantil brasileira que se inicia a partir da

¹⁶ LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 33.

primeira década do século vinte distancia-se da tradição clássica ao legislar em causa própria.

Produzidos num momento em que o Brasil urbano começava a se desenvolver, os textos dessa primeira fase "autônoma" da literatura infantil brasileira, ao valorizarem a vida na roça ante a industrialização que se avultava no país, propagandeavam a imagem de um Brasil que ainda queria encontrar no campo a sua identidade econômica e cultural. Estimulando o combate à acumulação de capital industrial e renunciando a negação de uma forma de vida urbano-fabril, esses livros evidenciam a existência de um movimento político-ideológico que intentava fazer da vida rural um modelo a ser eternamente seguido.

Segundo Lajolo e Zilberman,¹⁷ nesse primeiro grande momento da literatura infantil brasileira deixa de ser o sítio apenas o cenário no qual deve transcorrer o enredo das histórias. De acordo com as autoras, o campo representa nessas obras uma concepção a respeito do mundo e da sociedade, corporificando a partir delas um projeto estético que envolve literatura infantil e aspirações políticas pensadas para um Brasil republicano que se estabelecia e se fortalecia - e que, pelo menos aparentemente, se queria em vias de industrialização.¹⁸

Herdeira de uma tradição que remonta à antiguidade clássica, é nesse contexto que a literatura infantil produzida pelo piracicabano Thales Castanho de Andrade vai tomar corpo entre adultos e crianças do Brasil. Apologista da natureza e da felicidade por meio da vida

¹⁷ LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 52.

¹⁸ *Ibid.*, p. 33.

rural, abordando aspectos tais como a devastação das matas, o incentivo ao reflorestamento, a defesa de animais úteis à lavoura, a proteção às aves, o combate à saúva, a obra de Thales vai claramente abraçar um programa político que tentava inculcar nas crianças a idéia de que somente no campo se pode ser feliz. Apoiando claramente o seu sucesso no tríade pedagogia - livro infantil - escola pública, para os educadores brasileiros desse início de século XX vão os livros de Thales constituir-se num grande evangelho ruralista que visava ensinar às crianças uma idéia bem determinada do que viria a ser a pátria.

Desta feita, a obra de Thales de Andrade sinaliza hoje a presença de um movimento político-ideológico que, visando manter no poder uma tradição oligárquica rural, a todo custo vai procurar resgatar os valores de um universo campestre que francamente se via ameaçado pelo processo de industrialização que se avultava no país.

Nesse sentido, e partindo de uma acurada leitura sobre *Saudade*, a proposta deste trabalho objetiva pensar que movimento é esse que se estabelece na educação brasileira do início do século XX e como ele vai fazer da produção literária de Thales Castanho de Andrade o seu ícone maior.

1.1 Thales e Piracicaba: paixões, mitos e desejos.

*Quanto temor e quanto sangue há
no fundo de todas as coisas boas.*

Nietzsche.¹⁹

Valer-se de um aforismo de Nietzsche como epígrafe para um texto que se põe a discutir literatura infantil pode parecer uma iniciativa fora de propósito. Todavia, quando reconhecemos que a literatura desperta nas pessoas os mais recônditos sonhos e as mais veladas paixões, decerto temos de admitir que – em meio ao fogo cruzado das discussões que cercam o debate literário – sempre é bom termos por perto o duro e maciço escudo da razão a nos trazer de volta às trilhas da atividade científica. Além disso, quando paixão e desejo encontram-se inseridos em um debate crítico costumeiramente vemos a vaidade, sorradeira, juntar-se a eles – instalando uma crise na qual a razão, se não chamada às pressas, dificilmente consegue intervir.

Nesse sentido, pode-se dizer que, envolta em paixões avassaladoras e desejos ardentes, a literatura infantil produzida por Thales Castanho de Andrade não foge à fogueira das vaidades que circunda o sentimento amoroso mais banal. Cercados de ferozes admiradores – na verdade, leitores e amigos fiéis, inveterados e radicais –, Thales de Andrade e sua obra representam – para aqueles que conhecem seus livros e sua trajetória política e literária – um marco na cultura da cidade de Piracicaba (e, por que não dizer, na cultura do estado de São Paulo).

¹⁹ NIETZSCHE, 1999, p. 52.

Sem exageros, podemos dizer que qualquer pesquisador que se puser a conhecer e a estudar mais de perto a obra de Thales de Andrade verificará que a recepção de sua obra aponta em especial para a paixão de um seleto grupo de leitores piracicabanos – leitores esses que, já há algumas décadas, vêm tentando resgatar a imagem de Thales escritor; a fim de trazê-la de volta ao cenário nacional da literatura infantil.

Ora, em um país frequentemente acusado de descaso em relação à sua memória cultural, a obstinada dedicação de alguns leitores para com a vida e a obra de um escritor/educador como Thales não pode ser de forma alguma rechaçada. Todavia, e como nos lembra Nietzsche, se por trás de toda boa ação sempre se esconde muito sangue e muito temor, a paixão desenfreada desse seleto grupo por Thales e por sua obra acaba deixando no ar um cheiro perigoso de bairrismo, rivalidade e mitificação.

Na verdade, um olhar exterior e acurado sobre o universo que envolve, hoje, os livros de Thales de Andrade poderá perceber o grande empreendimento que uma determinada parte da comunidade piracicabana realiza em prol do resgate da obra e da imagem de Thales. Para se ter apenas uma visão ainda panorâmica desse curioso e particular fenômeno que cerca a literatura de Thales, vale citar como exemplo uma matéria publicada pelo “Jornal de Piracicaba”, no dia 07 de setembro de 2002 (em seu caderno infantil), na qual se pode ver um resumo das principais atividades que foram e vêm sendo desenvolvidas em torno da vida e da obra desse mestre piracicabano – tais como: uma reivindicação de apoio financeiro para que os livros de Thales possam ser reeditados e redistribuídos à garotada de hoje; a criação de uma associação de amigos de Thales de Andrade; a elaboração de semanas comemorativas “Thales de Andrade” – realizadas na

Biblioteca Municipal de Piracicaba (biblioteca essa que comporta em seu interior uma biblioteca infantil que leva o nome de “Biblioteca Infantil Thales Castanho de Andrade”) –; a difusão de produções teatrais e o trabalho com contadores de estórias que se revezam nas escolas e nos centros comunitários da cidade recontando as mais variadas estórias que Thales produziu ao longo de sua vida.

Por assim ser, ao se intentar refletir mais a fundo sobre a obra de Thales torna-se fato que a ligação dele com a cidade de Piracicaba não pode ser deixada de lado. Afinal, sempre que a obra ou a figura de Thales são lembradas, inevitavelmente emerge junto delas o universo no qual elas se criaram: o interior do estado de São Paulo e, em especial, Piracicaba.

Valorizada por Thales em seus principais livros – como em *Saudade e Campo e Cidade*, por exemplo –, Piracicaba parece querer, hoje, retribuir ao autor os louros que esse lhe rendeu em suas estórias. Numa via de mão dupla, a relação Thales/Piracicaba nos leva a uma interessante equação de caráter, como já foi dito, eminentemente bairrista: Piracicaba valoriza Thales, que por sua vez (ao prefigurar no rol dos ilustres escritores infantis do Brasil) pode vir a destacar Piracicaba entre as demais cidades brasileiras.

Da mesma forma, e sob a égide dessa mesma equação, procede a relação de Piracicaba para com os demais escritores de literatura infantil que com Thales dividiram o cenário das letras e o mercado editorial brasileiro no início do século XX. Ou seja, há entre os adoradores de Thales um impulso inevitável para coroá-lo como pioneiro da literatura infantil ou como pioneiro da temática rural dentro dessa vertente literária – fato que sempre

se impõe quando se trata de valorizar e destacar a figura de Thales dentre os demais escritores da literatura infantil brasileira.

Quase sempre rivalizando de maneira direta e interminável com a obra de Monteiro Lobato, o orgulho de muitos leitores de Thales – embrenhados numa minuciosa busca cronológica que visa descobrir qual dos dois autores primeiro se aventurou pelas veredas da literatura infantil – não permite que um verdadeiro diálogo entre a obra de Thales e de seus contemporâneos realmente se estabeleça de forma crítica.

Nesse sentido, e ao contrário do que inicialmente possa parecer, o que aqui se propõe – ao se tenta situar aqui a problemática que envolve o culto a Thales Castanho de Andrade e à sua obra – não objetiva apenas apontar excessos ou desmistificar paixões. Da mesma forma, de maneira alguma se intenta diminuir o valor de Thales enquanto educador ou de sua obra enquanto literatura. Assim também não se pretende criticar ou ridicularizar qualquer esforço para se difundir a leitura ou o acesso aos livros desse mestre piracicabano – afinal, como já foi dito, num país acusado de não ter memória nem educação, qualquer tentativa de se incentivar a leitura dever ser sempre bem-vinda.

O que aqui se pretende, na verdade, é mostrar – se possível fora dos limites da paixão – valor e a importância da obra de Thales dentro de um contexto que toma por base o estabelecimento de um gênero de produção literária destinada às crianças brasileiras. Contudo – e sem contar que por trás dessa intenção possa existir, a *la Nietzsche*, qualquer intuito malévolo – pode-se dizer que analisar a obra de Thales tentando desmistificá-la e

destituí-la de seu posto celestial é poder debater de forma criteriosa a sua importância dentro do panorama da educação e da literatura infantil brasileira do início do século XX.

1.2 Breves reflexões acerca do ensino rural no Brasil: da abolição da escravatura ao romance *Saudade*, de Thales Castanho de Andrade.

Na trilha pela desmistificação da obra de Thales importa logo deixar claro que, ao contrário do que muitos querem crer, a história do ensino rural no Brasil não é tributária ao mestre piracicabano da literatura para crianças. Da mesma forma, nem mesmo a história do ensino rural paulista pode ter sua origem primeira relacionada a um suposto pioneirismo de Thales Castanho de Andrade pelas veredas do ensino agrícola. A bem dizer, atribuir a Thales tal pioneirismo é – como veremos a seguir – não reconhecer o verdadeiro papel por ele desenvolvido na história da educação ruralista do estado de São Paulo e do Brasil.

Nesse sentido, vale dizer que a história do ensino rural brasileiro até mesmo remonta o nascimento de Thales Castanho de Andrade – tendo a sua gênese efetivamente centrada no período pré-abolicionista de nosso país. De acordo com Priore & Venâncio,²⁰ em meio à atmosfera de eminente abolição da escravatura, já pairava nos ares da corte brasileira uma perceptível preocupação com a educação dos trabalhadores rurais. Tal preocupação, todavia, pautava-se efetivamente em questões econômicas, pois o que de fato preocupava aos poderosos do “Império” nesse momento era a manutenção do poder centralizado num sistema agrícola que – então – via-se ameaçado pelo processo de modernização e urbanização que começava a emitir seus primeiros raios sobre o país.

²⁰ PRIORE & VENÂNCIO, 2006, p.176.

Impulsionada assim por um pequeno grupo de proprietários rurais, a educação do camponês passou a ser encarada como uma questão de fundamental importância para a necessária renovação e revitalização do sistema agrário do país – pois, estando o campo em vias de substituir a mão de obra escrava pela assalariada, era preciso reeducar e instruir esse trabalhador rural (frequentemente caracterizado como rude, indolente e improdutivo).²¹

Assim, antes mesmo da independência do Brasil, os primeiros idealistas do ensino rural começaram a redigir as primeiras propostas educacionais voltadas aos camponeses brasileiros. Como exemplo desse primeiro esforço ruralista, vale registrar que – já no ano de 1811 – “circula pela cidade do Rio de Janeiro um texto assinado por *Mr. Germain*, no qual se defende a criação da primeira escola brasileira de ensino superior destinada à formação de *ingénieurs agrários*”.²² Trinta anos depois, em seu “Manual do Agricultor Brasileiro”, é a vez de o fazendeiro carioca Carlos Augusto Taunay retomar a defesa do ensino agrícola – apontando em seu texto a necessidade de se investir na criação de escolas superiores em agricultura.²³

Na década de 1850, o governo imperial brasileiro assume definitivamente a defesa do ensino agrícola no país, e em 1861 o *Ministério da Agricultura do Império* registra entusiasticamente, em relatório oficial, a criação de quatro associações rurais cuja função primordial era viabilizar a criação das primeiras escolas normais dedicadas à formação do

²¹ PRIORE & VENÂNCIO, 2006, p. 176.

²² *Ibid.*

²³ *Ibid.*

professor rural – e que foram distribuídas em quatro estados brasileiros: Bahia, Sergipe, Pernambuco e Rio de Janeiro.²⁴

No entanto, é a *Lei do Ventre Livre* o que definitivamente vai estimular a criação de escolas voltadas diretamente para o ensino rural;²⁵ uma vez que era esperado que as crianças libertas viessem a se constituir numa grande demanda de alunos sobre qual as escolas rurais poderiam investir seus esforços. De acordo com Priore e Venâncio,²⁶ na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, é criado pelo *Instituto Fluminense de Agricultura* o chamado *Asilo Agrícola* – instituição na qual as crianças poderiam não só aprender o trabalho com a terra, mas também a arte da fabricação de chapéus.

Nessa mesma trilha, no ano de 1873 surge em Pernambuco a *Colônia Orfanológica Santa Isabel* – destinada especialmente ao ensino da criança liberta. No ano seguinte foi a vez do estado do Piauí inaugurar o seu *Estabelecimento Rural de São Pedro de Alcântara* – ao qual se seguiram a *Colônia Orfanológica Cristina*, no Ceará, e a *Colônia Nossa Senhora do Carmo de Itabira*, em Minas Geras.²⁷

Apesar de todos os esforços empreendidos pelos estados visando a educação dos libertos, essa primeira grande experiência não frutifica. Apesar das expectativas do *Mistério da Agricultura* da época, a maioria absoluta dos proprietários de escravos preferiu permanecer com as crianças libertas mesmo após elas terem completado os oito anos de

²⁴ PRIORE & VENÂNCIO, 2006, p. 176.

²⁵ *Ibid.*, p. 183.

²⁶ *Ibid.*

²⁷ *Ibid.*, p. 180.

idade; uma vez que, mesmo libertas, era bem mais vantajoso para os senhores tê-las por perto e sob controle.²⁸

A partir de 1880, como a experiência com os libertos não funcionara, é a vez de se investir no ensino rural voltando-se agora o seu foco para os filhos dos fazendeiros. No ano de 1878, o *Congresso Agrícola* retoma a idéia da criação de escolas de ensino superior que oferecessem aos alunos um curso completo em ciências agrárias e naturais; e que também pudesse credenciar esses alunos como bacharéis em agronomia ou como engenheiros agrônomos – podendo assim, os formandos, gozarem de todas as honras e privilégios que os bacharéis de ciências jurídicas já gozavam.²⁹

Em se tratando de instituições rurais de ensino superior, vale lembrar também que na América Latina as primeiras escolas superiores de ensino agrônômico também despontaram no cenário internacional antes mesmo de se fundar em terras brasileiras esse tipo de instituição – como exemplo, vale citar a fundação da Universidade de Chapingo, no México, ocorrida em 1854;³⁰ sendo que, no Brasil, porém, os primeiros projetos em prol da criação de tais instituições foram frutificar apenas ao final da década de 1880.³¹ Sobre esse assunto, nos contam Priore & Venâncio:

Em 1877, na localidade de Cruz das Almas, Bahia, foram feitos os primeiros esforços para implantá-la. O mesmo é registrado, em 1883, no Rio Grande do Sul. Entre 1887 e 1889, foi a vez de os paulistas anunciarem a proposta de criação da Escola Prática de Agricultura de Piracicaba e da Estação Agronômica de

²⁸ PRIORE & VENÂNCIO, 2006, p. 182.

²⁹ *Ibid.*, p. 183.

³⁰ *Ibid.*

³¹ *Ibid.*

*Campinas – sendo que a primeira instituição funcionou somente a partir de 1901. Aos poucos vão surgindo novos projetos: em 1908, a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária do Rio de Janeiro, em 1918 a Escola de Agronomia do Ceará; em 1920, a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, em Minas Gérias.*³²

Em meio a escolas destinadas a crianças libertas e a instituições de ensino superior que visavam aos filhos dos grandes fazendeiros brasileiros, o balanço dessa primeira empreitada em prol da educação ruralista não termina – todavia – com saldo positivo. Apesar de todos os esforços empreendidos, até as primeiras décadas do século XX o ensino rural no Brasil não havia conseguido consolidar-se da forma que seus primeiros idealizadores esperavam – pois, à exceção de algumas instituições de ensino superior, boa parte das instituições escolares rurais que foram abertas nessa primeira empreitada ruralista não conseguiu manter-se em funcionamento por muito tempo.

Praticamente distante dessa primeira saga (e desse primeiro fracasso) ruralista, provavelmente por ainda estar se fortalecendo economicamente ao longo do século XIX, pode-se dizer que o estado de São Paulo (a partir da estruturação de sua poderosa oligarquia rural), ao aderir de forma mais objetiva ao ideal do ensino ruralista apenas nas décadas iniciais do século XX, dá início a um novo ciclo dentro da história da educação brasileira do homem do campo.

³²MALAVOLTA, Eurípedes. As ciências agrícolas no Brasil. In: FERRI, Mário Guimarães e MOTOYAMA, Shozo. *História das Ciências no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1979-1981, pp. 105-149, *apud* PRIORE & VENÂNCIO, 2006, p. 184.

Assim, se por um lado pode pesar sobre o estado de São Paulo o fato de ser um dos últimos estados brasileiros a aderir a tal campanha educacional de maneira efetiva, por outro lado pode-se dizer que tal demora favoreceu o contato dos paulistas com a experiência realizada pelos estados vizinhos. Por conseguinte, se a experiência mostrava aos educadores paulistas que o simples investimento na abertura de cursos e escolas superiores especializados em agricultura não era suficiente para se atingir de forma exitosa a complexa tarefa de instruir o homem do campo, ela também instaurava entre eles a necessidade de se propor novos projetos educacionais voltados para o mundo agrícola.

É nesse sentido que a figura de Thales Castanho de Andrade aparece, então, como a de um divisor de águas dentro da história da educação rural no Brasil. Afinal, mais do que apenas incentivar a abertura de escolas rurais, Thales – como veremos – vai procurar resgatar e edificar no estado de São Paulo uma verdadeira cultura das coisas do campo.

Se nos é permitido pensar que o campo é uma invenção da cidade – uma vez que só podemos ter a noção do que vem a ser o campo quando contrapomos campo e cidade –, podemos dizer que Thales, ao lançar-se no universo da educação do rurícula, parece ter percebido que para se renovar a forma de se olhar para a zona rural era de fundamental importância resignificar esse ambiente. Consequentemente, e como tentaremos provar mais adiante, Thales parece ter percebido também que essa resignificação não podia ocorrer apenas junto às pessoas que habitavam o mundo rural, mas, em especial, devia ocorrer também junto às pessoas da cidade – que, afinal de contas, precisavam acreditar novamente no potencial econômico que o campo ainda tinha a oferecer.

O que aqui se intenta mostrar, portanto, é que *Saudade*, a consagrada obra de Thales, vem a constituir-se, como veremos, no principal instrumento por meio do qual o grande paradigma que Thales intentava forjar para o mundo rural pôde ser facilmente disseminado entre as pessoas da cidade (e, em especial, entre as crianças da cidade: *adultos do amanhã*).

Além disso, levando-se em conta que Thales (indo na contramão de propostas como as de Monteiro Lobato – que em 1918, através de seu “Jeca Tatu”, expõe aos citadinos as mazelas e as doenças da zona rural) vai procurar criar por meio de seus livros uma nova concepção de mundo rural e uma nova imagem do caipira, veremos também como essa imagem criada por Thales aparece, com em espelho, projetada em artigos teórico-pedagógicos elaborados por renomados educadores ruralistas e publicados ao longo das primeiras décadas do século XX na *Revista Educação* – periódico que, como veremos mais adiante, era custeado e dirigido pelo então Departamento de Instrução Pública do Estado de São Paulo.

Assim, passaremos agora a análise de *Saudade*, intentando mostrar que no campo de Thales não há lugar para o indolente, para o preguiçoso, para o matuto – pois, como se verá, na roça de *Saudade* habitam apenas os vencedores, os verdadeiros empreendedores do mundo rural; seres capazes de produzir grandes esforços em prol de sua sustentação e da sustentação de seu mundo agrícola. Posteriormente, ao sinalizarmos os ideais ruralistas veiculados nessa referida obra, os compararemos com as propostas defendidas pelos educadores ruralistas e publicadas na já aqui citada revista *Educação*.

Isto feito, tentaremos, finalmente, redimensionar criticamente a importância de *Saudade* dentro da história da literatura infantil e da história da educação no Brasil; procurando apresentar, assim, a função desse romance de Thales de Andrade enquanto um poderoso instrumento ideológico a serviço de uma oligarquia rural eminentemente em ruínas.

CAPÍTULO 02

SAUDADE: UMA IDÉIA “FORA DE LUGAR”

Se dentro da insipiente história da literatura brasileira pode-se dizer que o romance para adultos existiu no Brasil muito antes de existir por aqui romancistas,³³ pode-se dizer também que a gênese da literatura infantil brasileira não reserva para o romance infantil uma fórmula muito diversa dessa – uma vez que os primeiros textos voltados às crianças brasileiras começam a aparecer em nosso mercado editorial antes mesmo que no país os primeiros escritores se dispusessem a produzir obras propriamente dedicadas às crianças.

Seguindo um modelo europeu que via no livro infantil um aliado imprescindível para o processo de formação dos cidadãos,³⁴ em sua versão brasileira a literatura infantil não escapa às amarras da doutrinação pedagógica que tão bem caracteriza o aparecimento de tal gênero na Europa – uma vez que (fruto das novas relações burguesas que se estabelecem entre a escola e a família a partir do século XVIII, apontada muitas vezes como sublitteratura, não sendo reconhecida como produção artística por grande parte da crítica literária) vai a literatura infantil encontrar na função pedagógica a sua razão de ser e de existir.

De finalidade pragmática, estruturados a partir de objetivos nitidamente didáticos, esses primeiros textos para crianças vão apresentar-se marcadamente comprometidos com a

³³ SCHWARZ, 2003, p. 35.

³⁴ LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 32.

educação e com a conseqüente dominação da criança.³⁵ No Brasil, esses primeiros “pedagogos” da literatura infantil brasileira, no entanto, além de terem de enfrentar um mercado recheado de traduções e adaptações de obras européias, também vão passar por uma acentuada crise de identidade; fato que, diga-se de passagem, também pode ser observado nos primeiros romances brasileiros voltados para o público adulto. Se ao adotar o gênero romance foi também o romancista brasileiro obrigado a acatar as ideologias importadas que à estrutura do romance se ligavam – como nos lembra Schwarz³⁶ –, ao adotar o gênero infantil o escritor brasileiro vai também aceitar os meandros que esse novo gênero trazia consigo.

Visto que ao longo da gênese da literatura infantil no Brasil vivíamos em um país agrário e controlado por grandes oligarquias rurais,³⁷ esses primeiros autores da literatura infantil acabaram por converter a ideologia pequeno-burguesa que os livros europeus difundiam em práticas pedagógicas que – atendendo a um programa político determinado por essas oligarquias –, objetivavam ensinar à criança brasileira valores relativos à importância do campo e do trabalho agrícola.

É nesse sentido que, sendo um dos primeiros livros brasileiros dedicados ao público infantil, *Saudade*, do piracicabano Thales Castanho de Andrade, torna-se exemplo concreto dessa adaptação de um gênero e de uma ideologia europeus à realidade social de um Brasil agrário. Constituindo-se numa utopia rural que “endossa e propaga a imagem de um Brasil

³⁵ ZILBERMAN, p. 16, 2003.

³⁶ SCHWARZ, 2003, p. 35.

³⁷ *Ibid.*, p. 13.

que encontra na agricultura sua identidade cultural, ideológica e econômica”,³⁸ *Saudade* estrutura-se a partir da idéia de que no campo está toda a tradição histórica do país (portanto, o seu passado) e dele depende o destino da nação (ou seja, o seu futuro).

Portanto, vamos agora, passo a passo, visualizar como tal programa ruralista aparece em *Saudade*, e como sua estrutura, suas personagens e seu enredo faziam chegar ao leitor-mirim as bases ideológicas desse discurso ruralista.

2.1 Sobre a estrutura de “Saudade”: uma história que se quer verdadeira.

Aberto em tom de memória, *Saudade* é apresentado ao leitor como sendo a síntese das aventuras vividas por Mário - narrador-personagem dessas memórias - que, já não podendo voltar aos tempos de sua infância e meninice, encontra no registro escrito de suas lembranças uma forma de reviver e perpetuar as mais doces recordações de sua ingênua e deliciosa vida de criança.

No desenrolar dessas recordações vale a pena observar que, ao contrário do que se poderia esperar, o contrato ficcional que inicialmente se estabelece entre leitor e narrador – e que sinaliza ao leitor o fato de estar ele diante de um livro que se quer ser lido enquanto memória – não se apresenta por meio da voz do próprio Mário, mas sim se estabelece por meio de uma introdução feita por um narrador em terceira pessoa (como se pode ver no trecho: "Mário foi crescendo, foi crescendo e... ficou moço. Um dia, cheio de saudades da sua meninice, quis escrever a história da vida dele.").³⁹

³⁸ LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 40.

³⁹ ANDRADRE, 1971, p. 09.

Nesse sentido, pode-se dizer que, de certa forma, essa voz emprestada à introdução que antecede a narrativa de Mário acaba por contrariar a tradição das ficções para adultos que, em seu tempo, apresentavam-se enquanto memórias narradas em primeira pessoa - como é o caso, por exemplo, de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" e de "Dom Casmurro"⁴⁰, ambos de Machado de Assis.

Por conseguinte, mais do que contrariar essa tradição, esse narrador primeiro de *Saudade* acaba também por conferir à narrativa (que adiante ficará ao encargo de Mário) um tom fabular muito próximo do universo dos tradicionais contos de fadas - pois, em sentido contrário ao título dado a essa introdução ("Uma história... verdadeira"), tal narrador em terceira pessoa não deixa de iniciar seu referido preâmbulo com o tradicional "era uma vez"; tão característico ao mundo das histórias orais das quais se originam as chamadas "narrativas maravilhosas".

Em meio a uma escrita que se aproxima do universo oral ou diante de uma narrativa oral que se converteu ao mundo da escrita, essa aparente - e por que não proposital - crise entre *factum* e *fictum* que introduz o leitor nas saudades de Mário inevitavelmente acaba por construir uma atmosfera ficcional que não se quer muito distante da realidade - impelindo o leitor a mergulhar numa história que, se não é verdadeira, se quer como verdade⁴¹:

⁴⁰ MACHADO DE ASSIS, 1990.

⁴¹ Curiosamente a fusão entre o real e o imaginário vai também ser retomada por Monteiro Lobato em muitas de suas histórias infantis (como em *O Pica-pau Amarelo*, de 1939), tornando-se uma importante característica de sua obra para crianças. A esse respeito, conferir também ZILBERMAN, 2003, p. 164.

*Era uma história grande, mesmo tão grande que dava um livro. Mário mandou fazê-lo. Quando o livro ficou pronto, deu-lhe o nome de Saudade. Sei que já adivinharam o resto da história. Saudade é este livro.*⁴²

Fechando esse preâmbulo que antecede a narrativa em primeira pessoa a ser realizada por Mário, o poema "Coração", de Guilherme de Almeida, aparece como uma longa epígrafe das memórias desse nostálgico narrador-personagem. Estrategicamente colocado entre a introdução em terceira pessoa e o início da narrativa em primeira pessoa, centralizado ao longo de uma página inteira, "Coração" – além de preparar e inserir o leitor numa atmosfera que valoriza as recordações da infância (como se pode ver no trecho: "lembrança, quanta lembrança/dos tempos que já lá vão/Minha vida de criança/minha bolha de sabão"⁴³) – funciona também como um interlúdio, fazendo com que o deslocamento do foco narrativo da terceira para a primeira pessoa aconteça de forma suave; evitando assim que as vozes desses dois narradores tornem-se – de forma brusca – díspares ou dissonantes aos olhos/ouvidos do leitor.

Todo esse jogo polifônico que abre as saudades de Mário (polifonia essa que, como vimos, é formada pela voz em terceira pessoa que introduz a narrativa de Mário, pela voz do poema e, por fim, pela voz do próprio Mário) de certa forma nos legitima a pensar, na verdade, na inserção de mais uma voz dentro desse cenário: a catártica e silenciosa voz do leitor. Afinal, como nos conta Sampaio Dória, em comentário introduzido numa edição do próprio *Saudade* - publicado pela Companhia Editora Nacional, já no ano de 1971 -, ao

⁴² ANDRADE, 1970, p. 09.

⁴³ *Ibid.*, p. 10.

longo da leitura de *Saudade* nós, leitores, temos a impressão de revivermos, "com um aperto no coração, os dias descuidosos de nossa meninice", e chegamos a ter "saudades do que fomos." ⁴⁴

Inserido no romance – emprestando dele as suas próprias lembranças e revivendo com ele tempos de doçura e paz – é pela voz de Mário que, enfim, inicia o leitor a sua viagem por um mundo infantil prenhe de saudades e recordações; um mundo tão perfeito, tão maravilhosamente idílico, que muito possivelmente esse leitor acabará por sentir vibrar em seu ser, numa espécie de paradoxal utopia regressiva, a nostalgia de tempos talvez nunca antes por ele vividos.

2.2 Um enredo verdadeiro?

Em termos de estrutura, pode-se dizer que o enredo de *Saudade*, que como já foi dito chega ao leitor por meio da voz de Mário, divide-se em duas grandes seqüências:

- a) A saída de Mário e de sua família em busca de uma vida na cidade.
- b) A volta de Mário e sua família para a vida do campo.

Tal divisão, como veremos a seguir, expõe de forma clara as diferentes realidades nas quais a vida do campo e a vida da cidade se encontram inseridas – o que, de certa forma, acaba por proporcionar ao leitor a possibilidade de se estabelecer comparações entre uma e outra forma de vida.

⁴⁴ ANDRADE, 1970, p. 05.

2.3 Do campo à cidade

Iniciando-se a primeira sequência com uma forte marcação do foco narrativo em primeira pessoa – sendo um "eu" a primeira palavra dessa voz narrativa que nos colocará a par de suas memórias – vale dizer que a primeira lembrança exposta por Mário, ao abrir o enredo de sua vida, muito rapidamente remete o leitor ao mundo da infância rural dessa personagem; infância essa que vinha sendo vivida muito alegremente em um sítio de propriedade da família - ao lado do pai (Raimundo), da mãe (Emília) e da irmã (Rosinha).

O anúncio da venda da fazenda e a posterior mudança de Mário com sua família para a cidade geram a primeira grande tensão na vida desse menino – e, conseqüentemente, se insere na narrativa como o primeiro grande problema a tirar o nosso narrador personagem do seu estado inicial de tranqüilidade (fato que podemos comprovar observando o trecho: "lembro-me de ter chorado muito ao deixar a fazenda (...). Agradavam-me. Diziam para que eu não fosse bobo e largasse de chorar à toa".).⁴⁵

Abalado com a nova vida, as primeiras impressões que Mário tem da cidade não são positivas. A tensão gerada com a mudança para a cidade inicia um processo de piora, pois para Mário tudo na cidade lembra a tristeza: a casa na cidade não era tão grande quanto a casa do sítio, o quintal da casa da cidade nem se quer tinha uma árvore e, logo de cara, ao abrir a janela, Mário se depara com um enterro passando em frente a sua casa.

⁴⁵ ANDRADE, 1971, p. 11.

Tudo na cidade parece estranho aos olhos do menino, tudo parece barulhento demais, tudo parece muito ruim – e, como se poder perceber no fragmento que se segue, o estado de tranqüilidade inicial em que Mário se encontrava logo no início da narrativa parece estar cada vez mais distante: "não estava contente. Achava tudo esquisito, tão barulhento! Aquilo parecia um sonho ruim. Fui dormir com o sítio na imaginação." ⁴⁶

A narrativa de Mário sinaliza sempre ao leitor o forte desconforto sentido pela personagem que, vivendo forçosamente na urbe, sonha em poder voltar ao campo. Evoluindo-se a tensão da narrativa num movimento de gradação ascendente, o desconforto que Mário sente em meio à vida citadina leva a personagem a um estado de insatisfação cada vez maior, pois mesmo após dois meses de vida na cidade, Mário ainda sente muita saudade do sítio – sendo que a vida na cidade começava a se apresentar pouco vantajosa e pouco prazerosa em relação à vida que ele, menino, levava em meio ao campo.

Buscando na memória elementos que possam exemplificar sua insatisfação com a vida que se levava na urbe, Mário relembra o fato de que na cidade ele não podia viver à vontade como no sítio, pois na cidade ele tinha de andar sempre bem vestido o dia inteiro - o que, para ele, "era um castigo". ⁴⁷ Na exposição constante de suas insatisfações, Mário lembra ao leitor que, se por um lado, na cidade, ele nem se quer podia sair de casa – pois as ruas se apresentavam perigosas demais, cheias de veículos em alta velocidade –, por outro lado nem mesmo dentro de casa ele podia ficar em sossego – pois a casa era sempre perturbada por pessoas que, "de manhã até a noite, batiam palmas no portão ou faziam soar

⁴⁶ ANDRADE, 1971, p. 12.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 11.

a campainha".⁴⁸ Na visão do menino, na cidade toda a sorte de gente incomodava a tranqüilidade da família, sendo que ora era o padeiro, o leiteiro, ora era um mascate, um cego ou até mesmo aleijados os que perturbavam a paz de quem, dentro de casa, tentava realizar a algum tipo de tarefa.⁴⁹

Aumentando o estado de infelicidade da personagem – iniciado, como vimos, com sua mudança para a cidade – ao recordar a crítica situação financeira que a família enfrentava na urbe, Mário também demonstra não compreender o modo de agir das pessoas que habitam os centros urbanos. Ao ver que o pai vivia sendo enganado por uma gente sem palavra, que comprava fiado no armazém da família - montado com o dinheiro da venda do sítio - e que jamais retornava para cobrir as dívidas feitas e honrar a palavra, Mário passa a ver na população citadina a personificação da maldade, chegando mesmo a classificar as pessoas da urbe como "velhacas".⁵⁰

Continuando, em sua angústia juvenil, a comparar a vida que levava no campo com a vida que agora se estabelecia na cidade, Mário sinaliza não entender qual a vantagem de se morar nos centros citadinos – pois no campo tudo era gratuitamente provido pela natureza: o arroz, o feijão, o açúcar, as batatas, os ovos, as verduras, o leite, a água, os frangos, as frutas, as flores, etc. Mas, na cidade, tinham de comprar tudo isso a preços elevadíssimos.

⁴⁸ ANDRADE, 1970.

⁴⁹ *Ibid.*

⁵⁰ *Ibid.*, p. 15.

Ainda no plano das tensões, e dando continuidade à saga da família na cidade, Mário revela que a vida citadina exigia esforços cada vez mais cruéis de todos em casa. Rememorando sua imensa insatisfação com a vida urbana, ele se lembra que o pai, Seu Raimundo, precisou vender o armazém para cobrir as dívidas contraídas – e recorda também, com grande tristeza, o fato de que, forçados a uma economia brusca, teve a família de se mudar para uma casa ainda menor, sendo que até mesmo os móveis tiveram de ser vendidos.

Além disso, é com pesar que Mário nos revela que, sem o armazém, seu Raimundo se viu obrigado a procurar um emprego - coisa que até então ele nunca havia feito, pois no sítio era senhor de sua situação. Num ápice de tensão, Mário rememora que, como seu Raimundo não conseguira rapidamente emprego, a família empobrecia - e, no banco, as economias que restavam da venda do sítio iam cada vez diminuindo.

Caminhando na exposição dos problemas que assolam a vida na cidade, melancolicamente Mário ainda nos informa nessa primeira seqüência narrativa, que Dona Emília – tentando amenizar os problemas financeiros que a família enfrentava – teve de começar lavar e a passar roupa para fora, além de cozinhar, engomar, torrar café e ainda cuidar de todos em casa. No entanto, como o dinheiro não dava, Mário se recorda que sua tristeza na cidade crescia cada vez mais; principalmente quando via que a mãe, ao sair para fazer compras, tinha de pesquisar em todas as lojas possíveis o preço do produto que desejava – sendo que ela, ao se ver obrigada, também não tinha vergonha de "pechinchar".

51

⁵¹ ANDRADE, 1971, p. 18.

O narrador revela ainda ao leitor que na cidade, em meio a tantas tristezas, as mais cruéis remediações tornavam-se para a família motivos de alegria – como exemplo, Mário relata a alegria que invadiu a casa quando seu Raimundo, após meses de luta, conseguiu um emprego miserável em uma fábrica de chapéus. Se "nem para os ricos a cidade é boa", para os remediados ela se torna insustentável.⁵²

Mário e sua família começam, então, a compreender que na "cidade se tem tudo e ao mesmo tempo não se tem nada" - afirmação essa que também se revela na seguinte fala de seu Raimundo:

*De que me serve a abundância nos mercados, nas lojas e nas vendas, se tudo é a peso de dinheiro? Para que me prestam os belíssimos e espaçosos prédios que vejo por aí, se a casa onde moramos é pequena, abafada e com vizinhos importunos e sem educação? De que me valem as festas e os espetáculos, se para freqüentá-los é preciso tempo, dinheiro e boas roupas? Que grande serviço me prestam as praças ajardinadas, se estão longe de minha pobre vivenda?*⁵³

Caminhando para o final dessa primeira seqüência narrativa – e buscando uma solução para o problema que aflige o narrador e a todos que com ele convivem –, a volta de Mário e de sua família ao campo passa a ser apontada por todas as personagens como uma necessidade – pois, na cidade, rapidamente chegariam à mais profunda miséria. Nesse

⁵² *Ibid.*

⁵³ *Ibid.*, p. 21.

momento, Mário relembra então os esforços do pai, seu Raimundo, para iniciar uma viagem de volta para o lugar de onde, na visão do nosso narrador-personagem, nunca deveriam ter saído.

2.4 Chacarinha

Nesse ponto da narrativa temos uma interrupção nos fluxos dos acontecimentos para vermos inserido na história um texto de Max Duran, intitulado "Chacarinha". Esse texto - que aparece encaixado na ordem dos acontecimentos narrados como sendo um recorte de uma revista, enviado via correio pelo patrão de seu Raimundo, o dono da fábrica de chapéus - é uma "narrativa de um pequeno e feliz proprietário" que, espantado com a facilidade, prosperidade e riqueza da vida do homem rural, se propõe a contar aos quatro ventos como pode ser feliz o homem que tiver a coragem de deixar a cidade para viver no campo.⁵⁴

Convencido que seu Raimundo deve voltar para o campo - pois "a vida na cidade é inadmissível em relação ao campo," é⁵⁵ o senhor Pontes⁵⁶ (dono da fábrica de chapéus na qual trabalha seu Raimundo) quem vai intermediar o negócio entre seu Raimundo e doutor Gilberto (um advogado que, tendo recebido umas terras como herança, procura um lavrador fiel ao ofício do campo a quem ele, num arroubo de patriotismo, possa ajudar a prosperar – possibilitando assim que, com a prosperidade desse lavrador, o Brasil também prospere!).

⁵⁴ ANDRADE, 1971, p. 26.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 24.

⁵⁶ Vale aqui chamar a atenção do leitor para o fato de que é o Sr. Pontes quem vai possibilitar a volta da família de Mário ao campo, fazendo assim, como o próprio nome da personagem indica, a “ponte” necessária para as demais personagens transitarem entre campo e cidade.

Esboçando uma tentativa de diminuir a tensão provocada na narrativa com a vinda de Mário e de sua família para a cidade, ao se fechar o negócio entre seu Raimundo e doutor Pontes, a narrativa de Mário passa então a dar conta dos preparativos da família para a tão esperada volta para a zona rural. Mudando o tom melancólico com que narrava os fatos na cidade, Mário se enche de expectativa e júbilo, reconhecendo no doutor Gilberto um exemplo de homem bom e feliz - pois, pensando em ajudar a pátria a prosperar, doutor Gilberto ajudara a família de seu Raimundo a voltar para o campo: "ser bom é ser feliz", vaticina agora o pai do alegre menino.⁵⁷

Encerrando o ciclo de relatos das infelicidades da vida na cidade – e, conseqüentemente, fechando essa primeira seqüência narrativa de *Saudade* – Mário começa então a se recordar dos fatos ligados à volta de sua família ao campo.

2.5 Da cidade ao campo

Como se fosse possível redescobrir esse universo rural do qual era oriundo, nessa nova seqüência narrativa tudo ganha ares de uma ótima novidade aos olhos do menino narrador. Contrariamente à vida que levava na cidade, Mário vai descobrindo que o campo reserva a seus habitantes as coisas mais espetaculares: como exemplo, vale citar o espanto de Mário ao perceber que no campo não há médicos, porque praticamente não se precisa deles, uma vez que quase não há doenças nem doentes (fato esse que também se pode perceber na fala de um dos vizinhos das terras recém adquiridas pela família de Mário: "faz

⁵⁷ ANDRADE, 1971, p. 33.

muitos anos que o médico não pisa nesta casa").⁵⁸ Da mesma forma, e contrariamente às lembranças que guarda da cidade, Mário recorda que suas primeiras impressões do campo revelam que, no sítio, as pessoas se dão muito bem, todos são bons, são honestos e se ajudam mutuamente.

Distanciando-se da tensão estabelecida no início da primeira seqüência – e aproximando-se cada vez mais daquele estado de tranqüilidade que tomava conta da personagem antes de ela mudar-se para a cidade – Mário se lembra então que, como o sítio adquirido pelo pai ainda não tinha qualquer espécie de infra-estrutura, a mudança de toda a família para o sítio não poderia ocorrer repentinamente - sendo que, a princípio, apenas seu Raimundo para lá se mudaria (e, de fato, junto a um grupo de trabalhadores, chamados carinhosamente de "camaradas", Raimundo se muda para a terra da qual agora é o feliz proprietário).

Nesse ínterim, o narrador nos conta que as adversidades que o pai ia enfrentado na nova vida rural na verdade não poderiam ser chamadas de adversidades – pois tão logo chega ao sítio, tão logo Raimundo começa a lucrar com sua nova aquisição. Como Mário nos revela, derrubando apenas um terço das matas, seu Raimundo já conseguira madeira suficiente para construir as habitações, fazer lenha e ainda vender - sendo que, com o dinheiro da venda das madeiras de lei, Raimundo pôde adquirir enxadas, sementes e outros produtos necessários à estruturação do sítio. Numa gradação ascendente rumo à felicidade, a narrativa passa a se tornar um elenco de lembranças dos dias felizes nos quais Mário aguardava ansiosamente a mudança definitiva da família para o sítio.

⁵⁸ ANDRADE, 1971, p. 30.

Nesse ponto, o nosso narrador-personagem – ao relatar suas idas e vindas em visita ao sítio do pai - apresenta ao leitor a figura de um bom e dedicado homem do campo: Nhô Lau. Amigo das crianças, sábio em sua humildade, inventivo, paciente, honesto, incansável, agradável e profícuo contador de histórias, Nhô Lau, ao contrário dos habitantes da cidade, personifica a idílica vida do homem do campo; e é ao lado de nhô Lau que Mário vai passar boa parte de sua infância, aprendendo como é bom ser um feliz e honesto trabalhador rural.

Próximos de uma solução definitiva para os problemas da família – e contrapondo explicitamente a vida maravilhosa que o campo oferece ante a desgraçada vida citadina a qual todos sucumbiram –, essa segunda seqüência revela ao leitor que, uma vez estabelecidos no sítio – batizado com o nome de Congonhal –, Mário, seu Raimundo, dona Emília e Rosinha vão poder, enfim, descobrir que a vida vale a pena; pois no sítio tudo é resolvido para que a família lá possa se estabelecer sem prejuízos de qualquer espécie. Encaminhando sua narrativa para um desfecho feliz, Mário se recorda que, no sítio, logo todas as necessidades são solucionadas, pois tudo se arranja rapidamente – sendo que até mesmo uma linda escola e uma educada e sensível professora encontravam-se a espera de Mário e de sua irmã Rosinha.

Entre a lida diária e os estudos, Mário vive nessa grande seqüência final uma feliz temporada ao lado de seu primo Juvenal (que vem da cidade porque está doente e

precisando dos ares do campo), ⁵⁹ que vai passar alguns meses junto da família de seu Raimundo. Juvenal vivencia com Mário, então, as delícias das brincadeiras que só o universo da roça parece permitir - afinal, livres de qualquer perigo, juntos os dois meninos vão passar o dia pescando, andando a cavalo, ouvindo histórias, subindo em árvores, correndo atrás de insetos e desenvolvendo toda a sorte de atividades lúdicas inspiradas no trabalho rural (sendo que até uma bandinha musical eles acabam montando juntamente com os amigos da escola na qual Mário estudava).

Seguindo por esse norte, as lembranças de Mário ainda dão conta das belas festas que no sítio se realizavam, como é o caso da festa de São João. Rica em fogos de artifício e repleta de gente feliz, a festa de São João que Mário guarda em sua memória atravessa a madrugada recheada das mais variadas guloseimas e dos mais deliciosos quitutes: batata doce, arroz doce, capilé, assados dos mais variados, farofas e tantos outros pratos que mal cabiam nas mesas dispostas no terreiro. Em meio a tanta alegria, à tanta fartura e a tanto sonho, Mário e seus familiares percebem que a vida vivida na cidade nada mais fora do que um sonho ruim e distante, do qual ninguém quer jamais se lembrar novamente.

Nesse final de narrativa, só a prosperidade domina o sítio – que cada vez mais se torna rentável. Seu Raimundo, que antes precisava comprar mantimentos, agora já os dá às pessoas pobres da cidade - como nos lembra Mário: "Que diferença! Antigamente papai comprava feijão e arroz. Agora ele os dá!" ⁶⁰ Na memória de Mário, o sítio "Congonhal"

⁵⁹ Cabe aqui citar que, a partir de *Saudade*, outros romances infantis brasileiros vão também fazer do campo um lugar de cura para os males da saúde; como é o caso de *No Sertão de Mato Grosso*, de Ivan Engler, publicado em 1964. A esse respeito ver: LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 99.

⁶⁰ ANDRADE, 1971, p. 56.

foi se transformando em um grande e rentável sítio – sendo que seu Raimundo logo conseguiu saldar a dívida da compra das terras do sítio com doutor Gilberto.

Ao final dessa seqüência, Mário nos lembra ainda que apenas uma coisa começava, muito levemente, a perturbar a tranqüilidade de seu Raimundo: o destino que ele daria ao estudo e a carreira do filho. Todavia, Mário também se recorda que é o velho senhor Pontes⁶¹ - aquele mesmo dono da fábrica de chapéus que havia insistido para que Raimundo voltasse ao campo - quem, em visita ao Congonhal, sugere que Raimundo faça com que Mário, agora mocinho, vá estudar Agricultura na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, na cidade de Piracicaba.

A narrativa de Mário encerra-se, então, com a lembrança do dia em que ele, com muita dor no coração, mas com muita vontade de aprender coisas novas sobre o campo, despede-se do “Congonhal” rumo à cidade de Piracicaba.

2.6 Um mundo escondido em uma estrutura

Ao se analisar a estrutura formal de *Saudade*, torna-se necessário dizer que a sua divisão em duas grandes seqüências, tal como acabamos de apresentar, nos permite visualizar claramente o caminho que Mário e sua família percorreram até encontrarem uma vida plena e feliz. Afinal, como se pôde observar na descrição dessas seqüências, em busca da felicidade, Mário e sua família percorreram uma longa trajetória que, aos olhos do leitor,

⁶¹ Vale ressaltar aqui, novamente, que é mais uma vez o Sr. Pontes quem vai proporcionar a volta de Mário, agora, para a cidade; fazendo novamente a “ponte” necessária entre campo e cidade.

aparece definida por meio de um contínuo movimento de deslocamento que vai do campo para a cidade e, posteriormente, da cidade para o campo.

Ora, nesse sentido não seria leviano afirmar que esse deslocamento inicial da família de Mário na primeira seqüência – deslocamento esse que, como vimos, se dá do campo para a cidade – prefigura de forma clara o êxodo rural tão característico no Brasil, e em especial no estado de São Paulo, ao longo das duas primeiras décadas do século XX – período no qual, diga-se de passagem, dá-se também a primeira publicação de *Saudade*.

Da mesma forma, também não seria leviano reconhecermos nas agruras sofridas na urbe por Mário e por seus familiares representações das dificuldades que o homem do campo – habituado a uma vida de simplicidade – muito provavelmente encontraria caso se dispusesse, como Mário e sua família, a seguir a rota campo - cidade.

Podemos dizer ainda que, nessa primeira seqüência de *Saudade*, funcionando como uma espécie de parábola ou de texto moralizante,⁶² pode-se perceber que a vida cruel reservada na cidade para Mário e para seus familiares inevitavelmente transforma-se em um exemplo a não ser seguido por todos aqueles que, iludidos pelos brilhos da urbe, de fato sonhavam em poder lançar-se – ao longo das décadas iniciais do século XX – ao atrativo mundo dos grandes centros urbanos. Mais do que isso, lembrando que *Saudade* é uma obra destinada ao público infantil, nada nos impede de ver nessa primeira parte que as

⁶² Importa ressaltar aqui que tal característica retoma de forma peculiar a fábula de Esopo (*O rato do campo e o rato da cidade*) citada no início deste trabalho.

desventuras de Mário funcionam como um verdadeiras alegorias a incutir nas crianças leitoras a idéia de que na cidade não se pode ser feliz.

Por outro lado, se a rota campo-cidade não traz prosperidade à vida desse narrador personagem, o caminho inverso se mostrou a ele infalivelmente recompensador. Na segunda seqüência de *Saudade*, a inversão de rota, que agora leva Mário e sua família da cidade para o campo, inverte também o destino final das personagens do romance – fazendo com que esse destino ganhe um novo norte, repleto de contínua e crescente felicidade.

Tomando-se o mesmo raciocínio há pouco desenvolvido na primeira seqüência analisada, da mesma forma poderíamos reconhecer nessa segunda parte da narrativa uma outra espécie de parábola a profetizar, agora, a necessidade de se fixar o homem no campo. No entanto, essa segunda seqüência narrativa apresenta-se muito mais extensa do que a primeira, e, conseqüentemente, muito melhor detalhada aparece aos olhos do leitor.

Na verdade, ao longo dessa segunda seqüência narrativa pode-se notar que o narrador – mais do que ocupar-se em elencar aleatoriamente as vantagens do campo em relação à cidade – gasta muito mais esforços no sentido de detalhar as vantagens que Mário e seus familiares obtêm ao voltarem para o campo.

Em outras palavras, ao vermos que a seqüência dois é a grande seqüência do texto – ou, melhor dizendo, é a seqüência sobre a qual vai se dar a maior parte do desenvolvimento do enredo do romance –, podemos afirmar que a fixação da idéia da volta do homem para o

campo torna-se muito mais evidente no romance do que a simples tentativa de se produzir uma história na qual o combate ao êxodo rural venha a servir como mote.

Nesse sentido, vale ainda observar que é nessa seqüência final que se expõe ao leitor a idéia de que – ao final de uma longa e cruel peregrinação familiar pela rudeza da vida citadina – Mário e sua família descobrem que é justamente no campo que se encontra a felicidade que todos almejavam.

Portanto, em síntese, essas duas grandes seqüências narrativas sobre as quais o romance é estruturado nos levam a crer que – muito além do que apenas intentar inculcar no leitor a idéia de se fixar o homem no campo, numa tentativa de conter o êxodo rural que assolava as duas primeiras décadas do século XX – *Saudade* acaba por tentar preconizar a urgente necessidade de se estimular a volta do homem ao campo – lugar de onde, de acordo com o enredo do romance, nunca ninguém deve sair.

Dessa forma, pode-se concluir que, antenado às questões históricas do Brasil das duas primeiras décadas do século XX – período no qual, de certa forma, já se temia a derrocada da lavoura paulista – *Saudade*, indo além da denúncia do êxodo rural que deseja conter, por meio de sua estrutura narrativa atende ao programa ideológico de uma oligarquia rural que, em via de perder o poder ante a ameaça da urbanização, procura – como nos diz Adducci – reorganizar a realidade de um Brasil arcaico por meio das mais variadas teorias importadas de uma Europa já modernizada.⁶³

⁶³ ADDUCCI, 2000, p. 84.

2.7 Estrutura e personagens: o modelo burguês europeu inserido no universo rural brasileiro

Aceitando-se a idéia de que o livro infantil e a escola são instituições que se originam, ao longo do século XIX, na tentativa de se legitimar e de se consolidar uma instituição maior – a da família burguesa –, ⁶⁴ pode-se dizer que, dentro do plano das adaptações às quais, como vimos, a literatura infantil brasileira se submete, *Saudade* atende quase que fielmente o quesito que diz respeito à exemplar constituição da família burguesa que se quer ver estabelecida em definitivo na sociedade brasileira: o pai bom e trabalhador (Raimundo), a esposa dedicada e fiel dona de casa (Emília), o bom e irrepreensível filho (Mário), a filha boa e futura dona de casa (Rosinha).

Reproduzindo e inserindo um modelo europeu de organização familiar em meio a um idílico universo rural brasileiro, *Saudade* também reserva às suas personagens a vivência de uma verdadeira utopia familiar – afinal, dentro da organização familiar que a obra apresenta, todos cumprem perfeitamente o papel que lhes cabe dentro dessa pré-moldada instituição “burguesa”. ⁶⁵

Dessa forma, e como veremos agora, ao manifestarem também essas personagens valores e preceitos morais extremamente rígidos, tornam-se elas – ao não se mostrarem constituídas por qualquer espécie de vício ou defeito – paradigmas perfeitos da família que a oligarquia rural brasileira que ver estabelecida junto ao campo.

⁶⁴ LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 17.

⁶⁵ A esse modelo de valorização da família burguesa presente dentro dos romances infantis, Regina Zilberman intitula de “modelo eufórico”. A esse respeito ver: ZILBERMAN, 2003, pp. 207 – 211.

2.8 Mário: o bom menino não faz xixi na cama...

Triste com sua vida na cidade ou alegre com sua volta ao sítio, Mário jamais perde de vista a sua boa educação. Respeitador, alegre, brincalhão, esforçado e, acima de tudo, extremamente obediente, a personagem central de *Saudade* é, do início ao final da narrativa, o maior exemplo daquilo que poderíamos chamar de um filho virtuoso.

Primeiramente, em meio às dificuldades financeiras vividas pela família, Mário – mesmo estando apenas no segundo ano do grupo escolar – não se acanha em pedir aos pais para que lhe arranjem um emprego para que possa colaborar com as despesas da casa (algo que, obviamente, é negado por seu Raimundo e por dona Emília):

*Raimundo vai procurar emprego. A cidade é grande: espero que ele encontre logo serviço que lhe sirva.
- Papai também arranja um emprego para mim?* ⁶⁶

Em casa, Mário também não poupava esforços, sendo sempre o primeiro a se dispor a ajudar no que fosse preciso (“Eu era o comprador de carne. Todas as manhãs, logo depois do café com pão, ia ao Largo Municipal, onde ficava o açougue” ⁶⁷). À noite, quando todos estavam em casa, era Mário quem lia livros, revistas ou jornais para a família reunida – sendo que jamais ia para a cama sem a autorização dos pais e nunca deixava de dar boa noite a todos antes de ir deitar-se:

⁶⁶ ANDRADE, 1971, p. 16.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 18.

*Ora, já estava pendendo de sono! Perguntei então, a papai, se era preciso ler mais. Como me respondesse que não, disse-lhe boa noite e fui para a cama.*⁶⁸

Exemplo de bom comportamento, Mário sempre era elogiado pelos adultos por conta de seus bons modos para com todos – fato que sempre lhe enchia de orgulho:

*Vendo que o moço se levantava, apressei-me a entregar-lhe o chapéu e a bengala. Ele agradeceu e disse a papai:
- Saio gostando de seu filho. É menino ativo e muito delicado.
Palavra que fiquei cheio de mim...*⁶⁹

Assim como dá exemplo de disciplina e bondade o menino que, como diz o adágio popular, não faz xixi na cama, Mário também não tolera os vícios dos adultos, demonstrando ser um obstinado opositor de tudo o que for contra os benefícios da natureza humana – como o hábito de fumar, por exemplo:

*Eu que ia tão bem até ali, vi-me forçado a fazer cara feia. O Pascoal metera-se a fumar charuto e soltar cada baforada que me obrigava a tossir. Felizmente apareceu uma porteira e ele, ao saltar do trole para abri-la, deixou de fumar e pôs fora o resto do insuportável charuto. Que alívio!*⁷⁰

No plano dos bons exemplos, a doutrinação praticada pela narrativa não pára por aí – afinal, não basta apenas dar bons exemplos sem se demonstrar o que se pode ganhar com isso. A bem dizer, ao longo da narrativa a bondade e obediência de Mário quase sempre reservam a ele momentos do mais puro prazer – seja esse prazer desencadeado pelo simples orgulho a encher-lhe o peito ou mesmo proporcionado por prêmios e recompensas diversas:

⁶⁸ ANDRADE, 1971, p. 22.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 28.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 30.

- Não deveria consentir que você me acompanhasse, disse-me papai. Apesar disso consisto. Sabe por que procedo assim?
- Não, senhor.
- Outro dia, você recebeu o Dr. Gilberto de uma bonita maneira. Quero premiá-lo por isso.⁷¹

Demonstrando ser capaz de manter sempre um comportamento irrepreensível, pode-se dizer que ao longo de toda a narrativa a educação do menino Mário segue um preceito único – vaticinado por seu pai – que diz: “a bondade é a maior riqueza que se pode alcançar no mundo.”⁷² Sob esse prisma de bondade, os raros e pequenos deslizes do menino – que praticamente não se configuraram propriamente como deslizes – são rapidamente percebidos por ele mesmo e imediatamente redimidos:

Saí contra a vontade de papai. Agora é que a coisa vai ser dura de roer. Estou em brasas, arrependido e aborrecido. Com que cara aparecerei diante de papai. (...)
- Bonito, hem, seu Mário? Gritou papai, avistando-me. Pegue naquele caderno e escreva nele a sentença: jamais desobedecerei aos meus pais. Quinhentas vezes. Ouviu bem?
(...)
*Não tugi nem mugi.*⁷³

Da mesma forma e sob a mesma ótica da bondade e da justiça, quando alguma coisa acabava por criar um pequeno desconforto entre Mário e alguma outra pessoa, imediatamente era Mário quem – preocupado em estabelecer novamente a paz e mostrando-se arrependido – se desculpava com o outro, trazendo para si a responsabilidade pelo ocorrido:

⁷¹ ANDRADE, 1971, p. 32.

⁷² *Ibid.*, p. 33.

⁷³ *Ibid.*, p. 150.

- Não sei o que eles vão dizer, sei é que estou com um espinho atravessado na garganta. Estou aborrecido de verdade. Fui um desastrado, um tontão (...).
- Assim é que eu gosto de ver, rapaziada, disse nhô Lau. A gente bem educada assim é que faz. Quando reconhece ter errado não tem vergonha de dar o braço a torcer!⁷⁴

Honesto, Mário não aceitava a enganação e a mentira – sendo que jamais prejudicava uma pessoa, fosse ela quem fosse. Quando, certa vez, comprara de um menino um pião de madeira por um preço muito aquém do que – para Mário – o pião valia, Mário se indispôs eternamente consigo mesmo – carregando para sempre a culpa de ter tirado vantagem de alguém em uma determinada situação:

*Em casa comecei a pensar no negócio e vi que fizera um papel feio. Eu tinha sido um refinado tratante. Principiei a imaginar tanta coisa. “Quem sabe se ele irá sofrer por minha culpa; quem sabe se o pião nem era do menino; quem sabe se ele se lembraria de mim, como quem se lembra de um malvado ou de um ladrão?” (...) Um remorso como o que sofri, e sofro ainda, não custará mais de mil réis?*⁷⁵

Como um bom menino em qualquer situação sempre obedece aos pais, Mário – já juvenzinho – não só aceita pacificamente o rumo que seu pai quer dar à sua vida como também demonstra ficar feliz com tal situação, prometendo ao pai não decepcioná-lo em qualquer questão:

Eu estava escutando encantado. Queria ser agricultor, queria estudar agricultura. À medida que papai falava, eu me sentia entusiasmado, e me antevia discípulo modelo, elogiado dos mestres, querido dos colegas, encantado pelas coisas do saber, de consciência tranqüila e de coração livre, abençoado pelos meus.
- Então, Mário, que me responde? Está resolvido a estudar nas condições que lhe proponho?

⁷⁴ ANDRADE, 1971, p. 145.

⁷⁵ *Ibid.*, pp. 92-93.

- *Estou, papai, respondi resolutamente.*⁷⁶

Em vista de todo esse elenco de bons modos e boas maneiras, podemos dizer que, em síntese, no plano da doutrinação que se pode perceber em *Saudade*, a constituição moral e psicológica da personagem Mário mais uma vez nos remete ao paradigma burguês reservado à criança: o de desempenhar diante da sociedade – como nos lembram Lajolo & Zilberman⁷⁷ – um papel de natureza simbólica no qual a criança vem a tornar-se alvo da atenção e do interesse dos adultos, sem que, no entanto, coubesse a ela qualquer responsabilidade econômica ou comunitariamente produtiva.⁷⁸

2.9 A sagrada família.

Sob a égide dessa mesma ideologia burguesa oriunda da Europa do século XIX, *Saudade*, como já dissemos, acaba também por privilegiar a fixação de um estereótipo que faz da família uma instituição na qual a divisão do trabalho aparece predeterminada e inalterável: ao pai cabe o serviço e a sustentação da família, à mãe reserva-se a gerência do lar.

Figura respeitada acima de qualquer outra, Raimundo, o pai, é quem detém o poder dentro da organização familiar. Suas resoluções, boas ou más, são acatadas em qualquer situação – não cabendo a nenhum outro elemento da estrutura familiar qualquer direito ao questionamento de suas decisões. Nem mesmo dona Emília, sua esposa, compartilha com Raimundo qualquer espécie de opinião sobre os rumos que a família deve seguir – pelo

⁷⁶ ANDRADE, 1971, p. 166.

⁷⁷ LAJOLO & ZILBERMAN, 1999.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 17.

contrário, limita-se ela a acatar as determinações do marido, fazendo o possível para ajudar no que lhe for solicitado.

Exemplo de subserviência feminina, dona Emília contraria o que nos dias de hoje chamaríamos de um modelo de “mulher moderna”. Submissa, cabe a ela apenas um controle limitado sobre as coisas e as ações que se realizam dentro do universo doméstico: lavar, passar, cozinhar, cuidar dos filhos e esperar o marido. Dotada de um poder que a faz capaz de aceitar tudo o que lhe for ordenado, Emília não contesta as determinações de seu esposo, assim como também não reclama nem se põe a dar ordens de qualquer natureza – haja vista que até mesmo sobre os filhos Emília parece ter pouco poder, sendo que inevitavelmente cabe ao pai qualquer espécie de tomada de decisão sobre as crianças da casa.

Seguindo os passos da mãe, a filha mais nova (Rosinha) recebe uma educação voltada para o desenvolvimento das habilidades necessárias para o seu aperfeiçoamento na gerência das coisas do lar – sendo que, apesar de estudar na mesma escola de Mário, à Rosinha não se reserva o direito a um futuro distante das atividades domésticas:

*Rosinha era quase uma dona de casa. Não lhe punham medo as caçarolas. Assim como bordava e enchia de poesias uma caderneta de capa azul com letras douradas, também temperava um bolo ou depenava um frango.*⁷⁹

⁷⁹ ANDRADE, 1971, p 160.

Difundido um conceito de estrutura familiar, pode-se dizer que *Saudade* satisfaz plenamente aos ideais projetados sobre a vida burguesa – uma vez que, por meio da constituição de seus personagens, veicula um modelo organizacional que valoriza:

*a primazia da vida doméstica, fundada no casamento e na educação dos herdeiros; a importância do afeto e da solidariedade de seus membros; a privacidade e o intimismo como condições de uma identidade familiar.*⁸⁰

Da mesma forma, ao apresentar sua narrativa estruturada a partir das lembranças do menino Mário – expondo sua vida e valorizando seus passos ao longo de sua trajetória educacional no campo e na cidade – *Saudade* mais uma vez obedece a um modelo de literatura européia que faz da criança um dos baluartes do modelo da vida doméstica burguesa – vida essa em que a criança torna-se o eixo sobre o qual a família deposita seus objetivos; uma vez que cabe ao pai e à mãe a responsabilidade de proporcionar a seus filhos uma chegada saudável e madura à vida adulta.⁸¹

Nessa mesma ótica burguesa, a estrutura familiar na qual aparecem as personagens de *Saudade* também faz com que a idéia de infância que o romance apresenta acabe por corporificar aquilo que Zilberman⁸² chamou de os dois sonhos do adulto:

a) o de se encarnar na criança o ideal de permanência do primitivo, fazendo com que ela se torne o bom selvagem – cuja natureza inocente é preciso ser conservada (fato que, como

⁸⁰ ZILBERMAN, 2003, p. 17.

⁸¹ *Ibid.*, p. 18.

⁸² *Ibid.*

vimos, é recorrente em *Saudade*, uma vez que Mário a todo o momento é retratado como sendo o bom menino, ingênuo e amoroso a correr e a brincar pelas terras de seu pai);

b) o de possibilitar “a expansão do desejo de superioridade do adulto, que mantém sobre os pequenos um jugo inquestionável”,⁸³ (desejo esse que, em *Saudade*, prefigura-se evidentemente em Raimundo – figura à qual nenhum dos membros familiares ousa contestar).

Em síntese, pode-se dizer que – ainda dentro dos moldes europeus – no âmbito da estrutura familiar no qual se apresentam inseridas as personagens principais de *Saudade*, a idéia de infância que se vê difundida aproxima-se também da noção de infância concebida por Rousseau, em *Émile*.⁸⁴ – uma vez que, como também nos conta Zilberman,⁸⁵ em *Émile* podemos observar a inserção da pureza infantil associada a um habitat natural no qual prevalece a natureza primitiva dos campos.

Desta feita, por meio da exposição da vida de Mário, em *Saudade* – assim como em *Émile* – vemos a veiculação da idéia de que o processo de educação ao qual a criança deve ser submetida passa pelo afastamento dela dos grandes centros urbano-sociais; e por sua conseqüente imersão junto a um mundo natural repleto de paisagens acolhedoras e paragens idílicas.

Patenteando-se uma visão que idealiza romanticamente a vida infantil, *Saudade* irmana-se mais uma vez aos precursores europeus da literatura infantil quando faz da vida

⁸³ ZILBERMAN, 2003.

⁸⁴ ROUSSEAU, 1990.

⁸⁵ ZILBERMAN, 2003.

da criança um modelo de vida a ser alcançado pelos adultos. Numa utopia às avessas, pode-se dizer que em *Saudade* a vida de Mário – e a conseqüente exposição de suas qualidades, de sua bondade, de sua honestidade, etc. – reflete, de certa forma, e como já dissemos, o ideal de uma vida perfeita que os adultos e a sociedade burguesa almejam um dia poder alcançar.

Criando paradoxalmente um universo nostálgico que se estabelece por meio da saudade de uma vida infantil que jamais se concretizou ou se concretizará no mundo real, a organização familiar proposta em *Saudade* – bem como a caracterização burguesa de seus integrantes – acaba fazendo com que a criança, numa máxima pedagógica, venha a ser encarada como um modelo ao qual a sociedade deve não só se inspirar, mas procurar atingir. Se, como nos diz Charlot:

*A criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade
querem que ela seja e temem que ela se torne, isto é, do que o
adulto e a sociedade querem, eles próprios, ser e temem tornar-se.*

86

Em *Saudade* essa criança chama-se Mário, e essa sociedade e esses adultos são – como veremos adiante – os representantes de uma oligarquia rural que, em vias de extinção, encontra na educação rural e na literatura infantil uma última cartada para tentar manter-se no poder.

Por conseguinte – e tomando-se ainda neste momento a estrutura familiar que o referido romance apresenta – vale dizer que, ao se comparar, mesmo que de forma bastante

⁸⁶ CHARLOT *apud* ZILBERMAN, 2003, p. 21.

superficial, a estrutura familiar proposta em *Saudade* com a estrutura familiar presente na obra de Monteiro Lobato – contemporâneo de Thales – melhor se pode perceber o caráter pedagógico e paradigmático que a obra do mestre piracicabano da literatura infantil propõe.

Como nos lembra Zilberman, em Monteiro Lobato e em seu “Sítio do Pica-pau Amarelo” a estrutura familiar e social apresenta-se fora dos padrões vigentes na época; revelando-se à primeira leitura que no sítio de Lobato as “instituições basilares da sociedade de seu tempo (e de hoje), como a família (patriarcal), a escola e a religião (a igreja) estão completamente ausentes”.⁸⁷ Assim, e ao contrário do que se vê em *Saudade*, pode-se dizer que a conhecida obra de Lobato para crianças não apresenta nitidamente reflexos da “orientação patriarcal e autoritária que perdurava no período”.⁸⁸

Dessa forma, portanto, se a ausência da família patriarcal e da escola aponta – no dizer de Zilberman – para a utopia concebida por Lobato em sua obra,⁸⁹ podemos dizer que, de maneira oposta, a presença desses mesmos elementos na obra de Thales reforça a noção da utopia rural proposta em *Saudade* – utopia essa que, como se tentou mostrar até aqui, apresenta-se carregada de um viés pedagógico e político que, para melhor compreender a obra de Thales, passo a passo, a partir de agora, tentaremos apresentar.

2.10. Uma estrutura a serviço da pedagogia e da política ruralista paulista

⁸⁷ ZILBERMAN, 2003, p. 157.

⁸⁸ *Ibid.*

⁸⁹ *Ibid.*

Preocupado em adaptar a ideologia vigente num universo europeu burguês-urbano à realidade de um Brasil agrário, *Saudade* carece, enquanto narrativa voltada às crianças, de um desenvolvimento mais complexo. Tendo como conflito gerador de seu enredo apenas a situação de penúria da família de Mário na cidade, quando tal questão apresenta-se resolvida – fato que se dá logo na primeira seqüência narrativa, quando se pode observar a volta da família ao sítio – precipita-se o desenrolar do enredo num grande marasmo; passando ele a não mais apresentar qualquer outra espécie de tensão provocada por problemas ou conflitos a serem resolvidos pelas personagens.

Limitando-se apenas a relatar as aventuras sempre prazerosas da volta de Mário e de sua família ao campo, *Saudade* torna-se uma coletânea de situações e de cenas exemplares que – queria o autor – deveria envolver a vida do homem rural. Além disso, ao desenvolver em cada capítulo uma temática (como, por exemplo, “O Governo”, “O pomar”, “Patriotas”, “As terras”, “Na cidade”, etc), a estrutura de *Saudade* muitas vezes não permite que os capítulos do romance relacionem-se entre si – o que acaba fazendo com que a obra torne-se uma colcha de retalhos na qual se pode visualizar um painel de diferentes assuntos referentes ao universo rural e pátrio.

Nesse sentido, dentro do caráter pedagógico e doutrinário a partir do qual *Saudade* se constitui, não faltam também referências ao mote dever e pátria – também tão característico aos precursores europeus, como é o caso de francês *Le tour de la France par deux garçons*, de G. Bruno, e do italiano *Cuore*, de Edmund de Amicis – romances esses que comentaremos mais adiante.

Atendendo a um programa político que se pautava, como vimos, na valorização das atividades rurais e na volta do homem ao campo, *Saudade* não deixa de fazer referências explícitas ao poder político do qual era fruto direto – afinal, dentro do núcleo familiar controlado por seu Raimundo, pai de Mário, não faltam situações nas quais puderam ser postos em prática por toda a família o orgulho pátrio e a confiança no poder político que ao longo das duas décadas iniciais do século XX se estabelecia.

Dentre as passagens em que se pode verificar tal fato em maior evidência vale citar que seu Raimundo, ao saber que um banco particular estava fechando suas portas e suspendendo o pagamento de seus clientes, exclama:

- Tivemos sorte, Emília! Imagine se andasse nesse banco o resto do que possuímos! Agora estaríamos bem pobres. O banco onde está o nosso dinheiro é forte, mas qual! Já não fico descansado. Sabe de uma coisa? Amanhã vou por na Caixa Econômica tudo quanto tivermos lá no “Lavoura e Comércio” ⁹⁰

De certa forma, a confiança depositada por seu Raimundo na “Caixa Econômica” reflete o seu apego ao governo do estado de São Paulo – que muitas vezes aparece no romance como uma instituição preocupada com a situação do homem do campo. No capítulo intitulado “O Governo”, temos também bem clara a idéia de que, dentro do romance, exerce o governo do estado de São Paulo uma política de incentivo ao trabalhador rural, ocupando-se as lideranças políticas em desenvolver programas que beneficiem o mundo agrário:

- Para que tanta muda? Perguntei a papai.

⁹⁰ ANDRADE, 1971, p. 22.

- *Tanta muda? Isso é apenas o começo meu filho. Esse é o primeiro pedido que fiz. Pretendo fazer muitos outros ainda.*
 - *Pedidos? Então isso é dado?*
 - *É dado, sim.*
 - *E quem é que dá presentes assim?*
 - *O Governo.*
 - *O Governo! Então o Governo dá presentes? Que Governo bom!*
 91

Do mesmo modo, o caráter de programa político que a obra encerra aparece também explicitamente no capítulo intitulado “Patriotas” – no qual se reverencia o patriotismo que esse programa procura veicular entre os leitores mirins do romance. Nesse capítulo, no qual a roça é visitada pelos soldados de uma Companhia de Guerra de uma cidade próxima a “Congonhal”, Mário e os demais habitantes do sítio podem conhecer de perto os soldados “defensores do Brasil”:

O comandante mandou dar três vivas, em homenagem aos lavradores brasileiros.
Como de uma só boca saíram os gritos.
Nisso, um menino, o Paulino, saltou sobre o mourão da porteira, arrancou o chapeuzinho de palha rasgado e gritou:
 - *Vivam os defensores do Brasil!*
 - *Vivam, gritaram todos num delírio de entusiasmo (...).*
De grotas em grotas e de coração em coração ecoou aquele Hino vibrante, voz querida de nossa Pátria! 92

Em especial, vê-se também em *Saudade* que é justamente o Governo o fiel responsável por investir em instituições de ensino que possam dar capacitação àqueles que pretendem ser estudiosos da agricultura. A Escola Superior de Agricultura, Luiz de Queiroz, para a qual Mário segue ao final da narrativa, nada mais é do que um exemplo dessas instituições estatais:

⁹¹ ANDRADE, 1971, p. 104.

⁹² *Ibid.*

*Lembrando-me que há no Brasil uma escola superior de ensino agrícola, de valor reconhecido e justo renome, provida de aparelhamento completo, possuidora de mestres competentes, tendo voltadas para ela, continuamente, as vistas do Governo, procurada por moços de todos os estado do nosso País, resolvi que você passe por ela a fim de que seja, futuramente, um agricultor, guia dos agricultores, em seu benefício e em benefício dos que cultivam o solo.*⁹³

Dessa forma, *Saudade* acaba mais uma vez por satisfazer os anseios políticos de uma oligarquia rural que se quer ver estabelecida sob o modelo europeu de organização; pois se os estados brasileiros, ao final do século XIX, careciam de uma ‘religião cívica’ (patriotismo) capaz de manter a passividade de seus cidadãos,⁹⁴ podemos dizer que *Saudade* é mais uma vez exemplo de que a literatura infantil, ao espelhar tal idealização, configura-se como instrumento de doutrinação e dominação ideológica.

Por fim, e sob essa mesma ótica, podemos dizer também que *Saudade* mais uma vez torna-se parte de um programa político maior no qual o Estado, ao usar a “máquina de comunicação crescentemente poderosa para difundir a imagem e a herança da ‘nação’ e inculcar adesão a ela”⁹⁵, faz com que novas tradições também sejam inventadas e novos sentimentos nacionalistas perigosamente insurjam em meio à população de leitores que possam se inspirar nesse modelo de civismo bairrista e, de certa forma, até mesmo preconceituoso.

Todavia, se por um lado podemos perceber que a superficialidade do enredo nos leva a uma narrativa que se sustenta enquanto parábola de um mundo rural utópico, por

⁹³ ANDRADE, 1971, p. 166.

⁹⁴ ADDUCCI, 2000, p. 34.

⁹⁵ *Ibid.*

outro lado pode-se dizer que as personagens de *Saudade* (mesmo estando elas inseridas em uma história infantil) carecem de uma natureza mais profunda e complexa – haja vista que, ao prefigurarem-se enquanto modelos da vida burguesa européia, apresentam-se pouco elaboradas no que diz respeito a um ponto de vista que atente para a caracterização psicológica e intelectual delas.

Nesse campo das superficialidades, segue também a narrativa de Mário pelas veredas de uma linguagem bastante simples e de fácil assimilação pelos leitores. Não apresentando estruturas sintáticas complexas ou jogos lingüísticos nos quais se possam reconhecer qualquer espécie de culto a um estilo rebuscado, *Saudade* (se comparado a outros romances infantis de seu tempo) apenas desenvolve-se no nível da linguagem padrão da língua portuguesa – o que acaba por proporcionar ao leitor um fluir narrativo que se mostra sem maiores dificuldades; fato que, diga-se de passagem, vem tornando-se uma característica bastante peculiar aos best-sellers atuais, pois faz com que sua leitura esteja ao alcance de qualquer classe social, independentemente do nível intelectual da qual desfruta.

2.11. A alegria de sentir saudades

Como já dissemos, o mundo rural que *Saudade* apresenta ao leitor não mantém conexão direta com a realidade do meio rural de seu tempo. “Congonhal”, o sítio da família de Mário, converte-se no romance em um campo de delícias no qual, como também já dissemos, tudo é perfeito e todas as pessoas são felizes. Em *Saudade* não há tempo para se narrar doenças, não há preocupação em se descrever a morte nem qualquer espécie de

injustiça – sendo que “Congonhal” parece boiar num mundo paralelo, num universo mítico, que se quer real ao mesmo tempo em que se torna intangível.

A autonomia do mundo rural que *Saudade* nos apresenta é tão grande e tão infinitamente inabalável que – com exceção da eterna colaboração do governo que o romance enfatiza – as personagens desse universo podem se dar ao luxo de desprezar qualquer espécie de colaboração externa a ele. Todos os bens que se tem, sejam materiais ou morais, provém unicamente de três fontes: da força do homem do campo, da terra propriamente dita e, em especial, do governo.

Apoiados na riqueza da terra e amparados pela força do poder estatal, nada que advenha de outra instância figura como importante para a vida na roça de *Saudade* – vida essa que parece confluir para uma felicidade de todos aqueles que participam do ambiente da vida no campo (ou seja, em *Saudade*, quem nasce e permanece no campo está destinado a ser feliz).

Na trilha dessa auto-suficiência, nem mesmo a fé parece ser necessária aos personagens que habitam a região do sítio “Congonhal”. Nesse sentido, é curioso notar que em *Saudade* não há nenhuma espécie de profissão de fé, pois as personagens não rogam proteção a nenhum deus, bem como também não fazem promessas ou pedidos a santos ou a qualquer espécie de ser divino protetor – sendo que a única referência religiosa presente no romance fica por conta de uma festa de São João, a qual comentamos há pouco, e sobre a qual nada de seu universo religioso é descrito pelo narrador, limitando-se ele apenas a descrever as comidas e as brincadeiras que nesse dia festivo eram o grande destaque (fato

que se deve, com toda a certeza, porque a proteção que as personagens esperam é a proteção do estado, e não a de Deus – como esperaria, assim, um “matuto”).

Se não há religião sem que haja dor, como nos lembra Nietzsche,⁹⁶ não havendo morte, nem doenças, nem desesperança ou qualquer outra espécie de sofrimento humano no sítio mítico da família de Mário, não há por que haver lá qualquer manifestação de esperança religiosa. Tudo é tão perfeito no campo de Thales de Andrade que até mesmo Deus torna-se desnecessário – pois, afinal, diante de um mundo perfeitamente pronto e acabado, os préstimos divinos tornam-se totalmente inúteis.

Dessa forma, a zona rural em que se situa o sítio de Seu Raimundo – apesar de apresentar escolas, armazéns e postos de correio nela estabelecidos – não apresenta igrejas, nem capelas, muito menos padres ou líderes religiosos. Também entre as personagens de *Saudade* não há benzedeiras, não há curandeiros, não há pregadores ou místicos – figuras tão peculiares ao mundo rural que conhecemos na realidade, berço das mais empolgantes narrativas folclóricas sempre recheadas de elementos sobrenaturais, como lobisomens, mulas sem cabeça, etc.

No entanto, se em *Saudade* ninguém morre, por outro lado lá também ninguém nasce. Ironicamente tem-se em *Saudade* a mais espantosa, constante e perfeita perspectiva de mortalidade e de natalidade que se possa imaginar: ninguém morre e ninguém nasce. Na roça de *Saudade* não há partos, batizados, velórios ou enterros – nem qualquer peça de toda a indumentária ligada ao mundo lúgubre da morte ou à felicidade do nascimento. Pelo

⁹⁶ NIETZSCHE, 1999, p. 52.

contrário, a única passagem em que a morte aparece registrada no romance (numa pequena referência feita pelo narrador a um enterro que passava em frente a sua janela) se dá na cidade – o que mais uma vez ajuda a salientar o aspecto cruel da vida citadina.

Além de não haver nascimentos, mortes ou qualquer manifestação religiosa, vale citar também que em *Saudade* não há registro da existência de qualquer variação étnica, pois todas as personagens que compõem o romance são brancas. Distante da escravidão por apenas trinta anos, uma vez que *Saudade* foi publicado em 1919, torna-se intrigante notar que não há no romance de Thales de Andrade qualquer referência aos negros do Brasil nem à cultura africana – tão marcadamente presente em nossa zona rural.

Se não há personagens negros em *Saudade*, nem mesmo aparecendo como escravos ou filhos de escravos, da mesma forma não há mulatos, não há japoneses, nem mesmo italianos! Todos são apenas e tão somente brasileiros, suspensos num espaço mítico no qual não há rastro de outra herança genética ou cultural que se distancie da refinada tradição européia (da qual, apesar de europeus, os imigrantes “carcamanos” italianos obviamente não fazem parte).

Notadamente, sabe-se que a questão do negro na literatura infantil brasileira demanda um estudo a parte. Todavia, se comungarmos da idéia de que a prosa brasileira a partir do segundo reinado é prova da impropriedade do pensamento brasileiro vigente na época – impropriedade essa que queria fazer do Brasil uma sociedade livre e liberal, mas que ao mesmo tempo se mantivesse escravocrata –, ou seja, se compartilharmos da idéia de

que a prosa brasileira, como nos diz Schwarz,⁹⁷ registra – a partir da segunda metade do século XIX – que as “idéias” liberais brasileiras estavam, numa sociedade ainda escravocrata, “fora de lugar”, tão-pouco poderemos dizer que em *Saudade* elas encontram o seu porto seguro.

Dentro do mundo maravilhoso construído por Thales, como incluir o negro no campo de delícias de *Saudade*? Figura estigmatizada, vítima constante de preconceito, a simples presença do negro dentro do idílio rural de *Saudade* poderia colocar em descrédito toda a perfeição projetada por Thales sobre a roça brasileira e paulista. A presença de um negro no trabalho braçal da zona rural inevitavelmente acabaria por remeter o leitor ao passado escravocrata do país – e, por conseguinte, a figura do escravo poderia projetar sobre o texto, por sua vez, a imagem de tudo aquilo que a roça de *Saudade* quer esquecer: dor, sofrimento, humilhação e morte.⁹⁸

Por outro lado, se como trabalhador rural o negro não teve vez na literatura de Thales, obviamente não seria como um feliz proprietário de terras que ele seria inserido no romance em questão. Sem lugar na história do Brasil do início do século XX – uma vez que desprezado pelos latifundiários brasileiros, que viam na imigração italiana maiores vantagens econômicas, vão pois os negros recém-alforriados caminhar sem rumo por terras brasileiras –, sem lugar na literatura de Thales, excluir do negro foi uma solução política e pacífica encontrada em *Saudade* para que a problemática que envolve a questão sobre a

⁹⁷ SCHWARZ, 2003, p.12.

⁹⁸ Importa citar aqui que a idéia de que a escravidão remete a imagem do campo a uma atmosfera de atraso também aparece como tema de alguns artigos sobre o ensino e a pedagogia ruralista publicados na revista *Educação* – e sobre os quais discutiremos mais adiante.

raça negra (e sobre a escravidão) pudesse passar despercebida do grande público leitor – composto, diga-se de passagem, por uma infinita supremacia branca.

Acima do bem e do mal, livres da dor e da morte, perpetuados num mundo estático e eterno, fadados à felicidade constante, amparados eternamente pelos governantes da nação, plenos de satisfação e júbilo, tornam-se as personagens de *Saudade* habitantes de um reino predestinado, superior aos demais reinos da terra, e irmanam-se aos povos que se quiseram como povos eleitos – não por Deus, porque de Deus, na terra de *Saudade*, se pode prescindir –, como miticamente se quiseram eleitos os gregos, os romanos, os hebreus, os alemães e os portugueses.

Justamente sob a égide desse último povo, os portugueses, é que se fecham as memórias de Mário em *Saudades*. Afinal, pondo fim a sua narrativa memorialista, *Saudade* encerra-se com um poema do não menos patriótico e ufanista poeta português Luiz Vaz de Camões: “A Vida no campo” (viria daí a saudade que Mário nos apresenta ao longo de todo o seu relato?).

2.12. A saudade como ufanismo

O aspecto ufanista e patriótico que se pode observar em *Saudade* – e que faz com que suas personagens insurjam como integrantes de um “povo eleito” e de uma nação que, acima das demais nações, está predestina à felicidade – encontra, todavia, os seus pares na literatura infantil que o precede. *Le tour de la France par deux garçons*, de G. Bruno, e *Cuore*, de Edmundo de Amicis, podem ser apontados, nesse sentido, como dois bons

exemplos que antecedem e bem caracterizam a extrema valorização da pátria e do sentimento nacionalista que se pode observar no romance de Thales de Andrade.

Contando a história de dois meninos órfãos que, em busca de um tio desaparecido, percorrem de norte a sul a pátria francesa, o enredo do romance francês *Le tour de la France par deux garçons* é alimentado, como nos lembram Lajolo & Zilberman, pelo sentimento patriótico que expõe e reverencia o conhecimento dos grandes homens e das grandes obras da pátria francesa, sintetizando-se no romance a "grande lição de que o trabalho, o amor à pátria e a dedicação à família são os penhores da felicidade" ⁹⁹ (fato que, diga-se de passagem, também pode ser observado em *Saudade*).

Não menos patriótico e ainda mais ufanista, o italiano *Cuore*, escrito em 1886, apresenta por sua vez semelhanças ainda muito mais fortes com o romance de Thales de Andrade - que, como veremos, nitidamente o toma como modelo. Assim também como se pode ver em *Saudade*, *Cuore* é narrado em primeira pessoa por um menino que, narrador-personagem, confia suas memórias a um diário – escrito, no entanto, ao longo de um ano letivo. Como em *Saudade*, cada capítulo de *Cuore* desenvolve-se a partir de uma temática específica (como por exemplo, o "Primeiro dia de escola", "Último exame" e "Adeus"), funcionando portanto, o seu enredo, como uma grande colcha de retalhos na qual os acontecimentos vão se ligando por meio dos fios da memória de seu narrador-protagonista.

Além disso, como em *Saudade*, *Cuore* também se apresenta recheado de textos e histórias da vida pátria, doméstica e familiar – histórias essas colhidas por seu narrador-

⁹⁹ LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 33.

personagem ao longo de sua meninice. Nesse sentido, a lição final do livro italiano acaba também sendo a de, no dizer de Lajolo & Zilberman, ensinar aos leitores o amor à pátria e aos mais velhos, à família, "a dedicação aos mestres e à escola, a piedade pelos pobres e fracos" e, essencialmente, o amor à Itália - amor esse que, no entanto, é "tão intenso e exacerbado que, não raro, o preço do patriotismo exemplar é a mutilação e a morte, heróica ou anônima, nos campos de batalha".¹⁰⁰

Como se pode perceber, uma análise comparativa, mesmo que ainda que muito superficial, entre *Saudade*, *Le tour de la France* e *Cuore* nos mostra que tanto a obra francesa, quanto a italiana como a brasileira apresentam-se como perfeitas cartilhas nas quais se objetiva ensinar às crianças o mais profundo amor e o mais profundo respeito por suas respectivas pátrias (não se esquecendo no entanto que, ao contrário do que acontece em *Le tour de la France* e em *Cuore*, a temática de *Saudade* alia, ao lado da questão pátria, uma sumária preocupação para com a revalorização do homem ao campo).

Ainda no plano das comparações, nesse mesmo sentido vale lembrar que, observando-se a estrutura sobre a qual essas narrativas se desenvolvem, é curioso notar também que essas três obras apresentam crianças como protagonistas das mais variadas situações e aventuras desenvolvidas ao longo dos respectivos enredos. Nesse sentido, também nessas três obras as crianças que protagonizam o enredo são caracterizadas como crianças modelares, cuja presença nesses respectivos livros parece ser a de cumprir, como

¹⁰⁰ LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 33.

afirmam Lajolo & Zilberman, a função de tentar "contagiar de iguais virtudes e sentimentos seus jovens leitores". ¹⁰¹

Reconhecendo-se o caráter precursor desses importantes romances juvenis europeus, ao voltarmos a pensar o sistema literário vigente no Brasil entre fins do século XIX e começo do século XX, vemos que, se nos anos que circundavam a República, "quando a noção de pátria e o estímulo ao patriotismo faziam parte da campanha pela modernização social", e *Le tour de France* e *Cuore* eram erigidos no Brasil como exemplos edificantes de literatura infantil, ¹⁰² não é de se estranhar que, em 1910, Olavo Bilac e Manuel Bonfim lançassem pela editora Francisco Alves o romance *Através do Brasil* - romance esse que viria a ser uma espécie de "adaptação requintada" do francês *Le tour de la France* ¹⁰³ - e em 1919, Thales de Andrade, pela Editora Melhoramentos, viesse a publicar um verdadeiro *Cuore* brasileiro: *Saudade*.

Transformados em verdadeiros instrumentos de difusão de civismo e patriotismo, *Le tour de la France*, *Cuore*, *Através do Brasil* e *Saudade* podem ser apontados também, cada um a seu modo, como frutos do mais puro ideal europeu de educação nacionalista vigente no início do século XX - o que faz deles modelos da mais requintada visão ufanista que essas respectivas pátrias, das quais provém esses romances, podiam conceber.

Todavia, se o orgulho pátrio e a valorização da terra faz desses romances juvenis obras política e ideologicamente irmãs - e advindas de um passado lírico

¹⁰¹ LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 33.

¹⁰² *Ibid.*

¹⁰³ *Ibid.*, p. 34.

caracteristicamente romântico – é *Saudade*, entre esses romances, o que mais apresenta raízes profundas e fincadas num passado ainda mais remoto e distante. Apesar de centrado no moto "dever e pátria" - moto esse que se insurge, como vimos, de uma herança provinda das fortes e liderantes nações européias desse começo de século XX – não se pode deixar de considerar que o romance de Thales de Andrade, ao contrário dos outros romances em questão, é perpassado por um forte sentimento pouco característico a essas modelares nações européias: o sentimento de saudade.

Diferentemente dos antecessores italiano ou francês, o tom memorialista que em *Saudade* vai se imprimindo ao longo do romance acaba por inserir o leitor – como se pode notar no fragmento abaixo - numa atmosfera saudosista nada peculiar a essas nações:

*Desde que já não podia voltar àqueles tempos, queria, ao menos, guardar deles recordações escritas em que falasse das horas e horas que passara construindo casa para formigas ou empinando o seu bonito papagaio de papel de seda, ou perseguindo cigarras, colibris, sapos e borboletas.*¹⁰⁴

Tal saudosismo, se pouco tem de francês ou italiano, na verdade em muito se aproxima da mítica saudade de um outro povo europeu que, notadamente marcado por esse sentimento tão ímpar, também se insere no seleto rol dos que - como os habitantes da roça de *Saudade* - querem-se enquanto povo escolhido; a saber: o "povo-saudade",¹⁰⁵ o povo português.

2.13. Saudade à portuguesa?

¹⁰⁴ ANDRADE. 1971, p. 09.

¹⁰⁵ LOURENÇO, 2001, p. 58.

Se pensarmos que a saudade, enquanto sentimento, pode ser concebida como um jogo de memória afetiva que não se revela mais pelo entendimento do que pelo coração – como nos lembra Lourenço ¹⁰⁶ –, também podemos afirmar que uma noção do que realmente venha a ser saudade pode começar a ser pensada a partir da relação do ser humano para com o seu próprio tempo.

Nesse sentido é que, se compararmos a saudade portuguesa com a saudade que o texto de Thales desperta, temos na narrativa de Mário o desfiar de um jogo entre a memória e a relações afetivas que muito se assemelha à mítica saudade que tão bem caracteriza a alma do povo lusitano.

Como nos lembra Lourenço, ¹⁰⁷ habitado a tal ponto pela saudade, os portugueses evitam defini-la. "Essência do sentimento de existência", "brasão da sensibilidade portuguesa", ¹⁰⁸ pode ser a saudade portuguesa, no entanto, concebida como um processo que executa a transformação de uma frustração (ocorrida em um tempo passado) numa vitória (a ser sentida, mesmo que de forma imaginária, no tempo presente das pessoas). Como alguém que presentifica em seus sentimentos a perda de uma "vida que poderia ter sido e que não foi", encarna a alma portuguesa a perda de um passado de glórias que, se na realidade histórica do tempo não atingiu o apogeu desejado, o atingiu no inconsciente de uma nação. Em outras palavras, sintetiza Lourenço:

A saudade (que mais poderia ser?) é apenas isto: a consciência da temporalidade essencial de nossa existência,

¹⁰⁶ LOURENÇO, 2001, p. 25.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 31.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 31.

*consciência carnal, por assim dizer, e não abstrata, acompanhada do sentimento subtil da irreabilidade.*¹⁰⁹

Buscando viver o presente no passado e o passado no presente, ufana-se a saudade portuguesa de um tempo que nunca existiu: um tempo português.¹¹⁰ Adoradora de um império que nunca se estabeleceu, orgulhosa de um tempo de glórias e de reconhecimento que nunca houve, encarna a alma portuguesa uma perturbação que advém da vivência de uma irreabilidade prazerosa, marcadamente presente por meio de uma saudade melancólica e, ao mesmo tempo, feliz.¹¹¹

Nesse sentido é que podemos aproximar o romance de Thales de Andrade da essência da saudade portuguesa. Marcadamente também melancólico, mas também portador de uma melancolia feliz, *Saudade* constitui-se numa descrição saudosa de um universo rural que, como vimos na descrição de sua estrutura, não encontra similares no mundo histórico real.

Portador de uma saudade que se ufana de um passado que nunca existiu, *Saudade* – ao procurar evocar no leitor a saudade de um mundo que, de tão perfeito, evidentemente esse leitor nunca presenciou nem vai presenciar – irmana-se, enfim, à saudade mítica da alma portuguesa.

¹⁰⁹ LOURENÇO., p. 34.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 25.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 31.

Como uma "lâmpada que recusa apagar-se no meio da noite", ¹¹² a saudade portuguesa e a saudade de Thales dão-se o braço numa espécie de comunhão que se recusa a encarar a realidade do tempo histórico, comum aos demais povos e seres (se "ninguém morre no país da saudade, como nos sonhos", ¹¹³ também ninguém morre no mundo rural de *Saudade*).

Da mesma forma, se a saudade portuguesa é a descida do coração ao tempo, na busca de um resgate pessoal e coletivo – como nos lembra Lourenço ¹¹⁴ – *Saudade*, de Thales de Andrade, configura-se como descida a um tempo sonhado não por toda uma nação, mas por uma oligarquia rural que visionava um passado de delícias rurais em pleno despertar de um século modernizante e urbanizador.

Por outro lado, ao apresentar uma estrutura simples – e ao mesmo tempo recheada de preceitos morais e didáticos – *Saudade* aproxima-se, como já dissemos, do tom fabular que tão bem marcou o aparecimento da literatura infantil européia. Todavia, expondo o leitor a um mundo tão perfeito e ao mesmo tempo distante da realidade concreta, a obra de Thales Castanho de Andrade ganha ares de uma utopia ruralista na qual deve procurar se espelhar o homem.

Preconizando a idéia de que tudo no campo vai dar certo, paradoxalmente afasta-se a obra de Thales do cenário ao qual se vê inserida. Ou seja, em meio a um século no qual a cidade surge como um grande sonho, *Saudade* sonha com a volta do campo e de uma

¹¹² LOURENÇO, 1999, p. 15.

¹¹³ *Ibid.*

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 25.

sociedade que praticamente nunca existiu – ou pior, sociedade essa cujo reflexo mais próximo dá, nas duas décadas iniciais do século XX, os seus últimos suspiros.

Nesse sentido, vale a pena observar ainda que o narrador de *Saudade* – ao não medir esforços para expor ao leitor todas as vantagens que a vida no campo apresenta ante a vida na cidade, vindo também salientar as facilidades que ele e sua família encontraram quando, “felizmente”, resolveram seguir o caminho de volta ao campo – acaba por simbolizar, de certa forma, a volta do ser humano ao seio acolhedor da mãe natureza; afinal, nesse caminho de volta ao sítio, tudo parece confluir para que o retorno ao universo rural se realize sem maiores atropelos. Portanto, também é importante notar que, ao deixarem para trás a cidade, Mário e seus familiares deixam para trás o mundo das luzes, da tecnologia, de ilusão e da modernidade: o propalado mundo civilizado – mundo esse que, como vimos, nenhuma vantagem trouxe para as personagens em questão.

Mário descobre por meio de seu retorno ao campo que a hegemonia da natureza prevalece sobre a sociedade urbanizada, desagregadora e gananciosa – uma vez que, em meio à natureza, o homem se torna rico em proporção ao número de coisas que pode prescindir ¹¹⁵; podendo, assim, ofertar a todos os mais variados “bens” que a natureza gratuitamente oferece quando se sabe cultivá-la:

mudando de assunto, papai perguntou se foram entregues ao Hospital dos Lázaros e ao asilo de Órfãos os sacos de cereais que lhes mandara.

¹¹⁵ LOURENÇO, 1999, p. 86.

- *No mesmo dia, Raimundo. No mesmo dia Tonico se encarregou disso. Nessas casa de caridade agradeceram a sua dádiva e ficaram bendizendo o seu nome.*
- *Era meu dever...*
- *Pois olhe, já experimentamos o feijão e ao arroz que você nos deu. São de primeira qualidade. Pelo que vejo, neste ano a coisa correu bem, não é assim?*¹¹⁶

Em *Saudade*, vemos que a redução das necessidades ao estritamente essencial libera o homem dos perigos da vida – mesmo por que a pequena comunidade que vive junto à natureza acaba inevitavelmente se ajudando:

Seu Pedro Benedito recebeu-nos alegremente. Mandou soltar os animais e dar-lhes milho. A mulher dele, Dona Tudinha, tratou logo de matar um frango bem gordo para o almoço. Papai e seu pedro Benedito puseram-se a palestar.
- *Que tal é o bairro? Perguntou papai.*
- *Não é mau, não senhor. É saudável. Ora, só isso já é qualidade de primeira (...). Os moradores das redondezas são bons. Dão-se demais. Auxiliam-se nas ocasiões de apuro.*¹¹⁷

Metáfora de uma vida celestial junto à natureza, *Saudade* enfim transmite ao leitor a idéia de que o campo se basta, não havendo nele a necessidade de qualquer outra intervenção social. No sítio de Mário não entram tratores, não entram maquinarias ou qualquer outro tipo de instrumentos tecnológicos. Tudo é conseguido pelo homem, junto à natureza, por meio da força de seus braços e com uma boa parcela de ajuda do governo. Por outro lado, todo o excedente produzido na roça volta diretamente à natureza, fechando-se nela um ciclo no qual todos os bens do mundo moderno são definitivamente suplantados pela simplicidade da vida no campo.

¹¹⁶ ANDRADE, 1971, p. 56.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 30.

CAPÍTULO 03

A PEDAGOGIA RURALISTA DE THALES CASTANHO DE ANDRADE

Se o desejo de mudar o homem do campo (retirando-o de sua letargia e atraso a fim de transformá-lo num modelo de empreendedorismo e auto-suficiência) foi, como tentamos mostrar até aqui, a força-motriz que impulsionou o desenvolvimento do enredo de *Saudade*, vale dizer que esse novo paradigma que Thales Castanho de Andrade tenta estabelecer para o mundo rural vai, como já dissemos no início deste trabalho, banhar-se na fonte da “pedagogia ruralista” que se desenvolve nos meios educacionais paulistas durante as primeiras décadas do século XX.

Em outras palavras, se a estrutura de *Saudade* faz desse romance um modelo de literatura engajada na renovação da vida no campo, essa idéia de renovação da qual *Saudade* tornou-se ícone constrói-se, por sua vez, a partir de uma cuidadosa elaboração pedagógica que, numa via de mão dupla, tinha no livro infantil e nas escolas da rede pública de ensino o seu grande meio de difusão e fixação.

Nesse sentido, para tentarmos refletir sobre essa relação entre *Saudade* e a “pedagogia ruralista” que toma conta da educação paulista, nos valeremos a partir de agora de duas outras fontes primárias que se relacionam inteiramente com essa obra de Thales; são elas:

- a> Arquivos pessoais de Thales de Andrade – depositados no Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, situado na cidade de Piracicaba.
- b> Artigos da revista *Educação* – revista essa dirigida aos professores da rede pública de ensino do estado de São Paulo.

Como se verá, aquilo que aqui chamamos de arquivos pessoais de Thales é, na verdade, um importante conjunto de documentos depositados pelo próprio Thales de Andrade junto ao Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, situado, como dissemos, na cidade de Piracicaba.

A partir da análise desses documentos (constituídos por uma série de cartas, desenhos, bilhetes, fotografias e contratos editoriais), tentaremos aqui redesenhar o mapa do sistema literário que envolvia a difusão da obra de Thales de Andrade, bem como também procuraremos apresentar como esse sistema – pensado em especial pelo próprio escritor – nos revela hoje uma intensa preocupação de Thales para com a difusão e recepção de sua obra e de sua pedagogia junto aos meios educacionais brasileiros.

Por outro lado, na outra base dessa proposta pedagógica ruralista que acreditamos estar presente em *Saudade*, deparamos também com a chamada *Revista Educação*. Pensada e dirigida especialmente aos professores da rede pública de ensino, custeada pela própria Secretaria de Instrução Pública do Estado de São Paulo, a *Revista Educação* foi um importante instrumento por meio do qual as bases pedagógicas pensadas para a escola pública podiam ser discutidas e apresentadas aos docentes de todo o estado de São Paulo.

Por fim, cabe ainda deixar claro que tanto os documentos de Thales (que agora analisaremos) como os artigos da *Revista Educação* (que analisaremos mais adiante) funcionam aqui como uma “base de dados” para que possamos estender ainda mais o nosso olhar sobre *Saudade*. Ou seja, cruzando as informações colhidas nessas fontes e a análise que apresentamos de *Saudade*, tentaremos melhor compreender a importância desse romance de Thales dentro da história da literatura infantil e da história da educação ruralista em nosso país.

3.1 Reflexos de um panorama literário: Thales Castanho de Andrade (uma autobiografia?).

Nascido em Piracicaba, em 15 de setembro de 1890, filho de um industrial dono de fábrica de bebidas, doces e torrefação de café – que foi também, vale dizer, um dos fundadores da Sociedade Beneficente Operária de Piracicaba –, Thales Castanho de Andrade passou a infância entre a vida citadina e a rural – uma vez que seus avós paternos foram sitiantes chacareiros que habitaram as matas da serra da cidade São Pedro e seus avós maternos representantes modelares da vida citadina de Capivari-SP.

De acordo com uma das biografias de Thales, produzida e disponibilizada pelo IHGP de Piracicaba, vem dos avós sitiantes o grande exemplo que teria despertado em Thales, anos mais tarde, o interesse por levar o ensino às regiões rurais mais distantes dos grandes centros urbanos e educacionais do estado; uma vez que seu avô – Antônio Pinto de Andrade –, substituindo o lápis por um instrumento construído com varetas de carvão

amarradas a cápsulas que envolvem os nós de bambus – encarregou-se de ensinar a esposa – dona Luísa Maria Andrade –, avó de Thales, a ler e a escrever em pleno fundão das matas do sertão paulista.

Do outro lado dessa “balança genealógica”, aparecem os avós maternos de Thales – Augusto César de Arruda e dona Theodora Martins Bonilha Castanho – como fiéis incentivadores da vida urbana e de sua educação voltada para o mundo das letras; pois era o avô de Thales reconhecido e festejado na cidade de Capivari como grande orador e beletrista, chegando mesmo a assumir a função de presidente do Conselho de Instrução Pública do Estado de São Paulo.

Tendo crescido, portanto, entre o campo e a cidade, pode-se dizer que Thales vai continuar a levar essa vida dividida entre a urbe e a roça mesmo depois de ter se formado professor normalista. Lecionando ora nas chamadas escolas rurais isoladas – entre as quais vale citar a Escola Isolada da Estação Banharão, no município de Jaú, e o Grupo Escolar de Porto Ferreira – ora nas escolas situadas nos centros urbanos – como a Escola Normal de Piracicaba, na qual além de atuar como professor (lecionando disciplinas como História da Civilização e do Brasil, História da América, História Geral, Direito, Pedagogia, Psicologia e Prática de Ensino) tornou-se também adjunto de direção e, posteriormente, diretor –, pode-se dizer que ao longo de sua vida adulta Thales continuou a cruzar sempre a mesma “divisa” que separava o campo e da cidade.

Além de ter conseguido conciliar com sucesso a vida rural e urbana, Thales também soube conciliar a vida de professor com a de escritor e político. Ao mesmo tempo em que

se dedicou à produção de sua obra literária, Thales também participou ativamente da vida política do Estado de São Paulo, chegando mesmo a ser eleito para assumir uma cadeira na Câmara dos Vereadores de Piracicaba; além de, por lei especial, ter sido nomeado inspetor técnico do Ensino Rural e, posteriormente, assistente técnico do Ensino Rural, diretor geral do departamento de Educação do Estado de São Paulo, chegando até mesmo a ser, no ápice de sua carreira política, secretário de Educação do Estado de São Paulo.

Perrepista, escreveu textos políticos e partidários publicados em diversos jornais, como “O Jornal de Piracicaba”, “Gazeta de Piracicaba”, “Vida Moderna”. Além disso, vale registrar que é de sua autoria um artigo de página inteira, publicado em “O Estado de São Paulo”, no qual após manifesta insatisfação, o P.R.P. Piracicabano rompia relações políticas com o P.R.P. Central de São Paulo.

Para se ter uma idéia da variedade de documentos que abordam a vida de Thales de Andrade, o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) registra a existência de mais outras cinco biografias publicadas pela imprensa paulista; além de também salientar a inserção do nome de Thales Castanho de Andrade em enciclopédias como a “Delta Júnior” e “Britânica”.

A aparente facilidade de se biografar Thales de Andrade curiosamente nos chama a atenção para um fato aparentemente simples e óbvio, porém de fundamental importância: Thales era um homem biografável! Tal fato, por mais simples que possa parecer, vem a implicar em uma série de relevantes questões quando cotejamos a vida e a obra desse

escritor – afinal, só é biografável aquele que tem uma história para contar (ou uma história para inventar...).

Ao dizermos aqui, portanto, que Thales era um homem biografável – e que ele, por conseguinte, tem uma história para contar – estamos pensando precisamente em dois pontos. Em primeiro lugar, é bem verdade que se diga que, como se pôde comprovar com a pequena biografia acima exposta, enquanto homem público Thales sempre trabalhou e produziu muita coisa – seja como escritor de literatura infantil, seja como educador ou como político – o que faz dele uma figura sobre a qual realmente se pode dizer muito.

Em segundo lugar, diante da quantidade de biografias produzidas sobre ele, podemos imaginar que Thales era uma pessoa disponível para ceder informações sobre sua própria vida. Mais do que isso, a grande quantidade de informações recolhidas e arquivadas pelo próprio Thales em álbuns de recortes e pastas de arquivo – que, conseqüentemente, transformam-se hoje em generosas fontes primárias para pesquisadores e biógrafos – nos leva a crer que o mestre piracicabano da literatura infantil era alguém também preocupado com a difusão de sua imagem de homem público e, por assim ser, com o registro e fixação de sua memória para a posteridade.

Na verdade, pode-se dizer que grande parte do material biográfico referente à vida e à obra de Thales, e que hoje se encontra arquivado em centros e institutos históricos da cidade de Piracicaba – como, por exemplo, no IHGP (Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba), na Biblioteca Pública Municipal de Piracicaba e no Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes –, foi mesmo recolhido ou produzido pelo próprio Thales, ou quando muito por contemporâneos amigos que o secretariavam.

Numa tentativa de provar que Thales realmente se preocupava com a fixação de seu nome e de sua memória, podemos citar como exemplo a existência de dois álbuns de recortes que hoje se encontram arquivados no Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, entre os muitos materiais referentes à sua figura. A bem dizer, esses referidos álbuns destacam-se pelo fato de terem sido cuidadosamente confeccionados pelo próprio Thales e, de maneira curiosa, doados por ele mesmo ao museu.

Em meio a biografias ou autobiografias veladas, vale agora tentar descortinar a imagem que Thales procurou construir sobre si mesmo ao longo de sua vida – ao mesmo tempo em que se preocupava, também, em garantir que tal imagem se perpetuasse muito tempo após sua morte.

3.2. O sistema literário do início do século XX escondido num álbum de recortes.

A produção da arte literária ocupa uma posição bastante singular entre as demais produções artísticas. Talvez por exigir poucos recursos materiais para se ver realizada – afinal, lápis e papel já são instrumentos suficientes para que sua realização possa ocorrer –, ou quem sabe se pela facilidade de se guardar ou “esconder” o que se produziu (ou o que se tentou produzir), mais do que qualquer outra arte a literatura quase sempre acaba por oferecer ao pesquisador a possibilidade de se encontrar um corpus “secreto”, muitas vezes constituído por “vestígios” da criação de uma determinada obra ou até mesmo por obras originais, completas ou parciais, de um determinado autor.

Raros não são, também, os poetas ou prosadores que propositalmente depositam em “baús secretos” os originais de uma criação, sabiamente legando à posteridade o encontro desses originais – reservando, assim, para o futuro, o estudo e a revelação daquilo que um dia foi produzido.

Nesse sentido, por exemplo, clássicos tornaram-se os casos dos portugueses Camilo Pessanha e Fernando Pessoa. Autor de um único livro de poesias, *Clepsydra* - que, se dependesse do próprio poeta, nunca teria sido realmente escrito -, Camilo Pessanha pouco fez para reunir seus poemas em um livro, sendo que apenas rascunhava-os em papéis dispersos que, posteriormente, foram recolhidos por amigos e admiradores.¹¹⁸

Fernando Pessoa, ao contrário de Camilo Pessanha, escrevia, sim, os seus poemas. Todavia, e ironicamente falando, tudo que Pessanha não gastou escrevendo, Pessoa gastou reescrevendo – sendo que, paradoxalmente, muito bem caíria a Pessoa a alcunha de “o encoberto”, uma vez que a grande parte de seus escritos encontra-se até hoje envolta numa “densa neblina”, à mercê de ávidos e ciumentos pesquisadores que se revezam a organizar e reorganizar os manuscritos do “mysthico” português; que nem mesmo se importou em estruturar grande parte de seus poemas a partir de uma ordem “oficial” de versos.¹¹⁹

No entanto, nem só de textos verbais pode alimentar-se o pesquisador ou o estudioso daquilo que se costuma chamar de crítica ou pesquisa genética. Na verdade, uma visita aos mais variados museus ou centros de documentação de nosso país – centros esses

¹¹⁸ PERRONE-MOISÉS, 2003, p. 132.

¹¹⁹ Ver a edição crítica de “A Passagem das Horas”, de Álvaro de Campos, organizada pela professora Cleonice Berardinelle. Imprensa Nacional Casa da Moeda: Lisboa, 1988.

preferencialmente de alguma maneira ligados à memória da leitura ou da literatura – poderá comprovar que tais instituições, via de regra, guardam em seus arquivos uma infinidade de curiosos objetos pertencentes aos mais diversos vultos da literatura brasileira.

O Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE), da UNICAMP, por exemplo, dispõe de um acervo de pertences de Monteiro Lobato do qual fazem parte – além de manuscritos, fotos, pinturas, livros e cartas recebidas ou enviadas por Lobato – objetos que foram de seu uso pessoal, como pentes, lenços e até mesmo um leque dado de presente por Lobato à Dona Purezinha, esposa do escritor.

Já no Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, situado na cidade de Piracicaba, entre livros, cartas, fotos e recortes de jornais, também podem ser encontrados objetos extremamente curiosos ligados à figura do ilustre piracicabano foco de desta pesquisa – como medalhas de honra ao mérito, diplomas, certificados, placas comemorativas e até um protótipo em gesso de um busto que, posteriormente, serviu de fôrma a uma escultura em bronze feita para adornar uma praça situada em frente à antiga casa do escritor.

Ora, se a compreensão do sistema literário de um determinado período passa pela compreensão da tríade relação entre obra, autor e público, ao tentarmos compreender melhor o sistema literário vigente à época de Thales Castanho de Andrade nada melhor do que nos valermos de um acervo no qual se podem encontrar justamente as marcas dessa relação tríade.

Nesse sentido, partindo do acervo pessoal de Thales Castanho de Andrade – depositado no já citado Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes –, tentaremos traçar a partir de agora uma trilha na qual esperamos chegar a vislumbrar as possíveis relações entre Thales, sua obra e seu público leitor.

3.3. As (não)revelações de um álbum de recortes: encanto ou verdade?

Junto às “quiquilharias” de Thales de Andrade que podem ser encontradas no Museu Prudente de Moraes, encontra-se um objeto muito especial: um álbum de recortes organizado pelas mãos do próprio Thales. Disposto na horizontal, encadernado por duras e aveludadas capas de um tom marrom avermelhado, em letras douradas quase apagadas pelo tempo pode-se ler no frontispício de tal álbum a seguinte inscrição: “Encanto e Verdade”.

Nome dado à primeira série de livros infantis publicados por Thales ¹²⁰, os substantivos “encanto e verdade” emprestam ao álbum de recortes do escritor um sentido antitético também estabelecido por Thales em sua primeira série de livros. Afinal, “encanto” sugere um fascínio que quase sempre se origina da magia, da ilusão, da ficção – elementos característicos do universo da literatura infantil. Por sua vez, a palavra “verdade” desbanca semanticamente os sentidos costumeiramente atribuídos ao vocábulo “fascínio” – sendo que “verdade” secamente transporta o leitor (ou o ouvinte) ao mundo do real, do palpável, do verídico.

¹²⁰ Série essa publicada inicialmente pela *Weizflog e Irmãos* - editora que posteriormente passou a chamar-se *Melhoramentos*.

Por assim ser, vale dizer que, mesmo antes de abirmos tal álbum de recortes, *a priori* já começa a se trilhar diante de nossos olhos um caminho que nos reporta a uma relação basilar do próprio universo literário em si: a luta entre *facto* e *fictum*. Em outras palavras, ao nos vermos prestes a vasculhar um álbum de recortes no qual não sabemos muito bem ao certo o que iremos encontrar, a inscrição “Encanto e Verdade” nos desperta para uma série de questões como: que tipo de informações aqui foram arquivadas pelo autor? Quais os critérios por ele utilizados para a seleção do material que estamos prestes a desvendar?

A inscrição “Encanto e Verdade” nos serve como um importante aviso deixado ali por Thales. Uma puxada de orelha, talvez? Uma chama de atenção, quem sabe? Fica na boca o gosto da desconfiança. Fica atrás da orelha a pulga da interrogação a morder a consciência: o que se pode esperar desse álbum? Verdades que nos levarão a conclusões encantadas ou encantos que escondem verdades? Verdades e encantos, lado a lado colados nas páginas de um mesmo álbum, fixados sob um mesmo olhar, tão ligados, tão intrinsecamente ligados que, ao servirem como título ou epígrafe de tal álbum, inevitavelmente conduzem nossos olhos a vasculhar tais recortes sob o olhar da dúvida, da incerteza e até mesmo da desconfiança.

Mais do que um livro de recortes, mais do que um arquivo de doces lembranças, o álbum de Thales solta no ar um cheiro poeirento de um velho projeto muito bem elaborado – e que, através dos tempos, pacientemente aguardava, dentro de um frio armário de aço, o momento de ser descoberto.

A bem dizer, antes mesmo de abrímos tal álbum e de nos aventurarmos por ele, não seria leviano nem ingênuo assumir que nos vem à mente a idéia de que a verdade que tal álbum tende a nos mostrar – por meio de recortes, fotos, cartas e outros materiais – é uma verdade encantada, “ficcionalizada”, premeditada – disposta ali para funcionar mais como uma forma de conduzir o pensamento do pesquisador que por ele se aventurar do que, como um verdadeiro memorial, servir como depositário de agradáveis recordações da vida e das glórias de um homem público.

3.4. Quem colocaria rubricas em seu próprio álbum de recortes?

Carregando no bolso a pista que a inscrição “encanto e da verdade” nos propõe, deparamos – logo na folha de rosto de tal álbum – com outro precioso aviso ali deixado, dessa vez manuscrito pelo próprio Thales. Diz o aviso:

Informação:

- Vários “recortes” daqui foram postos nos cartazes expostos.
- Um “mundo” de artigos, cartas, notícias, fotografias... (material para cobrir tôdas as fôlhas do álbum) fica de fora, guardado em pastas.
- Êste álbum foi oferta de um amigo e colega, 1919.¹²¹

Entre “encantos e verdades” possíveis, a “informação” inicial fornecida por Thales inevitavelmente carrega consigo uma série de questões subliminares. A quem Thales se dirigia? Quem seriam os leitores que Thales idealizava para seu álbum e que se valeriam de

¹²¹ Material arquivado no Museu Prudente de Moraes, Piracicaba-SP (ver anexos: figura 10).

tal informação deixada ali por ele? A que tipo de leitores interessariam tais informações iniciais fornecidas pelo autor e por que teria ele se preocupado em, de forma tão explícita, fornecê-las?

Ora, Thales de Andrade vinha buscando tornar-se um homem reconhecido pelos serviços que prestava e ainda pretendia prestar à educação quando, em 1919, registra ter recebido das mãos desse misterioso “amigo secreto” o álbum no qual vai depositar, durante boa parte de sua vida, “um mundo de informações” a seu próprio respeito. Reconhecido como um educador nato, vindo ainda a ocupar muito cedo cargos públicos referentes à área da educação e do ensino, é também a partir de 1919 que Thales dá início a sua meteórica carreira como escritor de literatura infantil.

Por assim ser, não se pode deixar de imaginar que, já desde 1919 – ano de lançamento de seu primeiro livro infantil, “A Filha da Floresta” (e também da publicação de *Saudade*) –, estivesse Thales a planejar a sua própria história como escritor, servindo-lhe tal álbum como um instrumento por meio do qual poderia ele compor uma memória que, um dia, poderia vir a ser desvendada, por exemplo, por uma pesquisa como esta.

Em outras palavras, as duas primeiras inscrições que introduzem nosso olhar investigativo sobre os guardados nos transmitem a sensação de que Thales – já a partir da publicação de seu primeiro livro infantil – tinha em mente pelo menos o esboço do desenho de sua história como literato; planejando estabelecer, por meio desse poderoso álbum-memória, a forma com que gostaria de ser lembrado dentro da história da literatura infantil brasileira.

Se nossa trilha não estiver equivocada, com certeza os esforços empreendidos por Thales para elaborar um álbum que garantisse a ele um lugar ao sol dentro da história da literatura infantil, também trarão até nós os vestígios do sistema literário vigente nesse início de século – no qual, vale lembrar, se estabelece no Brasil a fixação e a estruturação do gênero literário dirigido às crianças.

3.5. Inventário

Feita a devida apresentação do corpus sobre o qual agora trabalharemos, e estabelecidos os fios condutores que sobre ele conduzirão o nosso olhar, levantamos em inventário os diversos materiais que dentro desse álbum podem ser encontrados.

Apesar de não apresentarem-se assim divididos no referido álbum, podemos agrupar da seguinte forma os documentos que dele fazem parte:

A) série das cartas

- Correspondência passiva cujos remetentes foram crianças leitoras do mestre piracicabano;
- Correspondência passiva cujos remetentes foram adultos que admiravam a obra de Thales;
- Correspondência passiva cujos remetentes foram adultos de destaque dentro do cenário político-cultural brasileiro do início do século XX;

- Correspondência passiva cujos remetentes foram representantes de instituições de grande importância política e econômica no cenário nacional do Brasil do início do século XX;

B) série das fotos

- Fotos de crianças – possivelmente tiradas por Thales;
- Fotos do próprio Thales;

C) série das Ilustrações

- Ilustrações a bico de pena, muito possivelmente elaboradas pelo próprio Thales.

D) série dos cartões

- Cartões de visita – recebidos por Thales;
- Bilhetes postais recebidos por Thales.

E) série dos recortes de jornais

- Recortes de jornais brasileiros – datados de 1919 a 1928;
- Recortes de campanhas publicitárias veiculadas na mídia escrita, sobre os primeiros livros de Thales;

F) série das cartas contratuais

- Cartas que firmam contratos editoriais referentes aos primeiros livros de Thales – publicados pela editora “Weizflog e Irmãos”, atual Melhoramentos, e com a Lobato Editores (ver figura 11)

3.6. Na Série das Cartas:

A primeira parte que nos chama a atenção nessa série de cartas é aquela cujos remetentes eram crianças que se apresentavam como as novas leitoras dos livros de Thales.

Totalizando um pequeno “volume” de apenas quatro cartas, é curioso notar que, ao compará-las, pode-se perceber que elas apresentam os seguintes traços de semelhança (ver anexos: figura 01, 02 e 03):

- a) A tinta com a qual cada uma dessas quatro cartas foram escritas apresenta o mesmo tom de azul – o que muito nos leva a supor que essas cartas muito possivelmente tenham sido escritas com a mesma caneta;
- b) Todas as cartas foram escritas na mesma data, sendo que as quatro quartas apresentam como cabeçalho os dizeres: “5 de junho de 1919”;
- c) Todas as quatro cartas dizem respeito ao mesmo assunto e apresentam basicamente a mesma estrutura: o registro de leitura do livro “A Filha da Floresta” e um comentário elogioso a Thales de Andrade;
- d) As quatro cartas apresentam o desenho de uma florzinha, feito a lápis de cor, figurando no alto da página da carta – cuja firmeza do traço dá a impressão de não ter sido esse desenho produzido pelas mãos de uma criança.
- e) As quatro cartas registram que as quatro crianças remetentes cursavam uma mesma série: o “2º ano B”.
- f) Nenhuma das quatro crianças remetentes das cartas cita, em qualquer trecho de suas cartas, o nome da escola na qual estudavam.

Dessa forma, vale a pena observar que tais cartas mantêm, no entanto, uma relação de semelhança quando comparamos os conteúdos de cada uma delas. Na verdade, pode-se dizer que praticamente todos os remetentes desenvolvem o conteúdo de suas cartas de forma muito parecida – sendo que quase todos não deixam de acusar o recebimento do livro

“A Filha da Floresta”, supostamente enviado a elas por Thales. Tal fato inevitavelmente nos dá a idéia de que Thales não poupava esforços na divulgação de seus livros, remetendo-os diretamente às pessoas às quais ele julgava importante fazer chegar a notícia da publicação de um livro seu.

Tal processo de divulgação supostamente utilizado por Thales para a difusão de seu primeiro livro também pode ser percebido por meio de sua correspondência passiva cujos remetentes eram representantes diretos de órgãos públicos ou de importantes instituições privadas – dentre as quais podemos citar a Sociedade Protetora dos Animais, a Câmara dos Deputados do Estado de São Paulo, a Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, a Diretoria Geral de Instrução Pública, o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio do Brasil, o Banco de Crédito Hipotecário e Agrícola do Estado de São Paulo, a Sociedade Beneficente Operária e a Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Assim como ocorre com as cartas enviadas a Thales pelos leitores “civis”, todas as cartas expedidas por esses órgãos governamentais e por essas instituições privadas são unâimes em acusar e agradecer o recebimento do livro “A Filha da Floresta”.

Nesse sentido, pode-se dizer que as cartas recolhidas por Thales registram duas grandes preocupações suas. Primeiramente, fica evidente que Thales preocupa-se com a difusão de sua obra junto ao público leitor – achando por bem enviar alguns (muitos) exemplares a título de divulgação –, afinal, sem leitor não há literatura. Por outro lado, cabe também ressaltar aqui a preocupação de Thales em relação à recepção de sua obra junto a esse público – uma vez que Thales ocupou-se em recolher apenas aquelas cartas de caráter

elogioso, não deixando margem para que hoje se possa supor terem os seus livros recebido qualquer espécie de reprovação por parte do público leitor.

Por fim, as cartas recolhidas por Thales revelam também o estereótipo do público que Thales visava atingir com seus livros, pois se pode dizer que todas as cartas recebidas provêm de uma elite intelectual que ganhou grande força desde o final do século XIX: a elite paulista – haja vista que os remetentes de tais cartas estão de alguma forma ligados a esse grupo, sejam eles os alunos e professores de escolas públicas do Estado de São Paulo, deputados estaduais eleitos por São Paulo ou os representantes das secretarias e ministérios públicos ligados basicamente à terra e à agricultura.

Enfim, pode-se dizer que o conjunto total das cartas recebidas por Thales e arquivadas por ele em tão precioso álbum, ao revelar o público consumidor que autor procurava atingir com seus livros, nos instiga a seguir nossa investigação procurando seguir a trilha traçada por ele já desde o seu primeiro livro: a trilha da ideologia ruralista.

3.7. Na série das fotos

Apenas quatro fotos podem ser encontradas no álbum “Encanto e Verdade”, de Thales de Andrade. Dessas quatro fotos (ver anexos: figuras 04, 05 e 06), três retratam crianças de origem humilde, negras, pobremente vestidas; a outra foto é um retrato do próprio Thales – que aparece com as mãos em súplica, levantadas aos céus, clamando proteção divina – sentado sobre o tronco enorme de uma frondosa árvore que jaz abatida no meio de um bosque.

É necessário que se registre aqui, também, que as fotos arquivadas por Thales em seu álbum não registram simplesmente instantes de espontaneidade. Pelo contrário, são fotografias que – por apresentarem uma visível preocupação com o posicionamento das pessoas fotografadas, com suas poses e com suas feições – muito se distanciam das características de fotos marcadamente “caseiras”. Na verdade, uma atmosfera artística envolve essas fotos recolhidas por Thales, fazendo delas obras elaboradas a partir de princípios estéticos definidos – e, por que não dizer, elaboradas também a partir de princípios políticos e ideológicos também previamente estabelecidos.

O fato de três dessas fotografias abordarem apenas crianças negras, descalças, pobremente vestidas, já nos parece um indício de que há uma tentativa de se sensibilizar quem vier a observar essas fotos. Todavia, apesar de exibirem uma origem perceptivelmente humilde, tais crianças não se encontram num estado de pauperismo, nem muito menos aparentam esboçar tristeza.

Apesar de trajarem roupas surradas, essas crianças, no entanto, aparecem vestindo coletes, chapéus, boinas e camisas de manga longa – ao mesmo tempo em que pisam, com pés descalços, a terra vermelha daquilo que parece ser um espaço da zona rural – fato que, ao acabar mesclando pobreza, luxo e alegria num mesmo cenário, deixa no ar a feliz idéia de que “a criança é criança em qualquer lugar”, até mesmo sob as maiores adversidades.

A foto na qual Thales aparece sozinho – melancolicamente sentado sobre o tronco cortado de uma árvore enorme – também segue o mesmo viés “artístico” das outras três fotos que acabamos de citar. Posicionando-se com as mãos estendidas aos céus,

aparentando lamentar a Deus o descaso dos homens para com a natureza, Thales veste-se de um ideal bucólico – haja vista que assuntos como a ecologia e a preservação da natureza ainda não faziam parte da “pauta da ordem mundial” do início do século XX.

A produção, o registro, o arquivo e o cuidado na elaboração dessas quatro fotografias mais uma vez nos coloca diante de uma trilha muito próxima de um viés político e ideológico. Afinal, mais do que registrar instantâneos pessoais, essas fotografias eternizam os elementos basilares da produção literária de Thales – elementos esses que ainda hoje fazem com que a obra de Thales seja reconhecida e admirada por muitos: a preocupação com a criança e com a natureza.

Por fim, assim como acontece com a série de cartas recolhidas no referido álbum, a série das fotos que acabamos de comentar sugere mais uma vez certa preocupação de Thales para com a fixação de uma determinada imagem sua junto do público leitor: a imagem do educador ruralista. Portanto, dentro do sistema literário que aqui perseguimos (obra-público-autor), novamente tais documentos registram as artimanhas que foram desenvolvidas nos bastidores da produção literária de Thales de Andrade – e que, de certa forma, muito nos põe a pensar sobre as artimanhas desenvolvidas nos bastidores das principais obras literárias produzidas para as crianças no início do século XX.

3.8. Na série das Ilustrações

Feitas a bico de pena, as ilustrações que Thales recolheu infelizmente não apresentam assinatura – o que, a princípio, impede uma afirmação mais certa sobre se

tais ilustrações são de autoria do próprio Thales. No entanto, o conteúdo nelas desenvolvido e a disposição delas dentro desse álbum podem nos levar a algumas suposições (ver anexos: figura 07).

Apresentando o mesmo traço e a mesma técnica, os desenhos arquivados em tal álbum desenvolvem sempre uma temática ligada ao universo rural. Contrastantes são, no entanto, o desenvolvimento desse tema quando comparamos os desenhos entre si, pois dos cinco desenhos reunidos por Thales apenas um apresenta uma cena trágica relacionada ao mundo campesino: alguns animais magros e outros mortos de fome. As outras quatro ilustrações apresentam o lado bom de se viver no campo: meninos e meninas bem vestidos, um rurícula dormindo à sombra de uma árvore belíssima, um guarda florestal montado a cavalo e um menino nadando alegremente em um lago.

A única crítica ao universo rural presente nessas ilustrações, portanto, não se caracteriza como uma crítica ao campo em si, mas expõe – mais uma vez – o descaso dos homens para com os animais e a natureza. Ao estimular a piedade por meio de uma comoção que se estabelece no plano visual, o referido álbum torna-se novamente um instrumento ideológico, ainda mais se levarmos em conta que tais ilustrações figuram dispostas ao longo desse álbum funcionando como ornamentos – assim como é costume dispor ilustrações ao longo das páginas dos mais variados livros infantis – que a todo momento remetem um possível apreciador a uma temática de cega valorização da vida campesina e de preservação da natureza.

3.9. Na série dos cartões

A série dos cartões postais registra a intimidade de Thales com grandes nomes da alta sociedade paulista e brasileira. São muitos os cartões recolhidos, sendo que todos eles foram remetidos a Thales no intuito de, assim como já vimos nas cartas, acusar e agradecer o recebimento do livro “A Filha da Floresta”, enviado por Thales a esses remetentes.

Pode-se dizer, todavia, que por meio desses cartões postais fica exposta, mais uma vez, a intenção de Thales em divulgar sua obra junto a um público seletivo e pré-determinado – o que acaba por demonstrar novamente a preocupação do autor para com a formação de um público leitor que, de alguma forma, referendasse sua obra. Remetidos por representantes de ilustres famílias paulistas, pode-se dizer que esses postais exercem uma função que vai além do agradecimento ou da simples cortesia. Na verdade, acabam por registrar a aceitação da obra de Thales junto à “elite paulista” – aceitação essa fundamental para que os livros do mestre piracicabano pudessem ganhar mercado e viessem a atingir também outras faixas sociais.

Nesse sentido, dentre os cartões encontrados em meio ao álbum “Encanto e Verdade”, um nos chama a atenção. Trata-se de um cartão postal enviado pelo Ministério da Agricultura e Comércio do Brasil, datado de 1919.

Ao ter como remetente um órgão público federal ligado à agricultura – num momento histórico em que a oligarquia rural, usando todos os seus recursos, ainda lutava bravamente pela sua hegemonia – tal cartão estabelece, mais uma vez, uma ligação entre Thales e os grandes representantes da lavoura e da política brasileira.

Enfim, e levando-se em conta que Thales, apesar de ter assumido vários cargos públicos, nunca assumiu qualquer cargo político de grande relevância, somos inevitavelmente levados a pensar que o nosso autor preferiu prefigurar no cenário político nacional do início do século XX como um nome sempre à sombra do poder; resguardando-se eternamente na pureza da imagem de um literato-educador e pedagogo zeloso de suas crianças.

3.10. Na série dos recortes de Jornal

A trilha que até aqui seguimos encontra nos recortes de jornais arquivados uma clareira na qual a produção de vários outros escritores de literatura infantil do período finalmente se encontra.

Em meio a pequenos recortes de matérias de jornais que apenas registram o lançamento do livro a “A Filha da Floresta” (recortes esses que, diga-se de passagem, em sua grande maioria não apresentam muitas vezes nem mesmo uma referência ao jornal em que tais matérias foram publicadas), encontra-se uma página do jornal “O Estado de São Paulo” – do dia 25 de agosto de 1928 – na qual são elencados os principais livros infantis escritos por brasileiros e publicados de 1919 até 1928.

Exibindo a manchete “Livros Novos”, o referido artigo – ao apresentar ao seu público leitor uma série de obras e autores de especial relevância dentro do cenário da literatura voltada às crianças – faz referências especiais a Thales Castanho de Andrade e

Monteiro Lobato, apresentando-os como expoentes desse gênero que começava a se estruturar de forma mais consistente no país.

Vale notar que a referida matéria, ao apresentá-los lado a lado, aproxima-os, criando entre eles um viés

*Explica-se dahi uma segunda tentativa levada a cabo, quase ao mesmo tempo, por Thales de Andrade e Monteiro Lobato: o primeiro criando com “A Filha da Floresta” a série “Encanto e Verdade”, que é a syntese da fórmula de Eça de Queiroz: “sobre a nudez forte da verdade, o manto diaphano da fantasia” – série ainda em lançamento pela editora Melhoramentos de São Paulo; o segundo fundando a Bibliotheca de Narizinho.*¹²²

Registro da recepção de sua obra pela crítica e pelo público, passados já dez anos do lançamento de “A Filha da Floresta”, Thales parece ter realmente se empolgado com a comparação que, em 1928, “O Estado de São Paulo” estabelece entre ele e Lobato, pois – não feliz em apenas arquivar a referida matéria no álbum que aqui estamos vasculhando – destaca com lápis de cor azul o trecho no qual seu nome aparece associado ao nome do criador de *Narizinho Arrebitado*.

Se estivermos certos em aceitar que, a partir da publicação de “A Filha da Floresta”, em 1919, Thales não mediu esforços para que seus livros ganhassem projeção nacional (fato que pudemos verificar ao analisarmos as cartas e os cartões postais recebidos por Thales), e lavando-se em conta que Lobato (apesar de ter se lançado propriamente como escritor infantil alguns anos depois do Thales) já era reconhecido e respeitado por seus escritos, o mestre piracicabano deve, de fato, ter exultado ao ver concretizar-se nesse

¹²² O ESTADO DE SÃO PAULO. *Livros Novos*. 25/08/1928 (manteve-se na citação a grafia original).

referido artigo o plano por ele estabelecido desde o início de sua carreira: o de figurar entre os grandes mestres da literatura infantil brasileira como o arauto de um mundo ruralista.

3.11. Na série das cartas contratuais.

Dentro do conjunto dos documentos que compõem o álbum “Encanto e Verdade”, a série dos contratos editoriais arquivada por Thales é, sem dúvida, a mais rica e interessante fonte documental que tal álbum apresenta. Vale notar que, pela disposição e pelo cuidado com que foram armazenados nesse álbum, muito nos parece que o próprio Thales tinha bem certa a noção de quão importantes tornar-se-iam esses contratos na posteridade – afinal, ao contrário dos demais documentos, dispersos de forma aparentemente aleatória dentro do álbum – muitas vezes colados com cola branca ou mesmo fita adesiva –, os contratos editoriais dos primeiros livros de Thales encontram-se cuidadosamente “dobradinhos” e “soltos” dentro de envelopes de cor azul clara (esses, sim, colados e dispostos lado a lado em uma mesma página do álbum).

Se a conservação de tais documentos encontra-se em perfeito estado (apresentando apenas algumas marcas das dobras que, com o passar dos anos, firmaram vincos no papel), seu conteúdo, no entanto, é mais fresco ainda – e pode nos revelar preciosas informações sobre o funcionamento do mercado editorial brasileiro que se estabelecia no início do século XX.

Datada de 14 de outubro de 1919, uma das cartas contratuais produzidas pela *Editora Weizflog e Irmãos* (que posteriormente seria incorporada à Editora Melhoramentos)

estabelece em comum acordo com Thales Castanho de Andrade a produção de uma série de dez livros dirigidos ao público infantil – sendo que o nome de tal série, como já foi dito, deveria ser “Encanto e Verdade”, e o livro de abertura da série o já comentado “A Filha da Floresta” (ver figura 08).

Como se pode observar nessa carta, a editora *Weisflog* intrigantemente firma de maneira incisiva a produção de toda uma série de dez livros, não se reservando para acertos futuros os resultados que as vendas do primeiro livro alcançarão. Parece haver uma certeza por parte do autor e dos editores de que a venda desses livros é algo certo – sendo que o investimento na produção de uma série de dez livros não parece provocar qualquer espécie de preocupação em ambas as partes; uma vez que não há nessas cartas qualquer citação nesse sentido.

Tal carta contratual previamente também acorda os valores financeiros a serem pagos a Thales de Andrade pela referida editora, para obtenção dos direitos autorais de toda a série “Encanto e Verdade”, que o autor ainda iria produzir. Compromete-se a editora, por mais incrível que possa parecer, a efetuar os pagamentos na medida em que os livros forem sendo produzidos – sendo que fica previamente estipulado como valor a ser pago pela série a quantia de cinco contos de réis (ou seja, quinhentos mil réis por livro!).

Em outra carta contratual, dessa vez datada de 17 de outubro, portanto dias após serem fechadas as primeiras negociações, a *Weisflog e Irmãos*, de forma muito delicada, procura responder a Thales algumas questões que ele – supostamente por meio de uma outra carta – teria feito aos irmãos *Weisflog*. A saber, um dos pontos mais interessantes aos

quais os editores da *Weisflog* se reportam diz respeito à possibilidade que Thales vê na compra de seus livros pelo governo paulista. Diz a carta:

*Aquisição pelo Governo: de bom grado aceitamos tudo o que V.S. faça nesse sentido como em geral em qualquer forma de propaganda que sempre terá valor máximo pelo prestígio de seu nome.*¹²³

Ora, como já dissemos, Thales de Andrade inicia sua carreira em órgãos governamentais ainda muito cedo – cultivando importantes amizades no meio político ao qual, como também já dissemos, colocava-se ele à sombra. Por conseguinte, e também ao que parece, a proposta de aquisição dos livros de Thales pelo governo estadual de São Paulo não parte dos irmãos Weisflog – que apenas se limitam a agradecer o empenho do autor em conseguir uma possível colaboração do estado.

Isto posto – e diante de contratos em longo prazo, de vultosos investimentos financeiros e de propostas de compra garantidas pelas forças públicas do Estado – consequentemente brota neste momento uma questão inevitável: já estariam os livros de Thales, da série “Encanto e Verdade”, comprados pelo governo do estado de São Paulo antes mesmo de serem publicados?

3.12. De Thales a Lobato (ou de Lobato a Thales?)

A confecção do álbum de recortes empreendida por Thales, como já dissemos, iniciou-se pelos idos de 1919 e se foi prolongando por pelo menos vinte anos – haja vista as

¹²³ Museu Prudente de Moraes. Álbum *Encanto e Verdade*.

datas dos recortes de jornais encontrados em tal álbum. Ao longo desses vinte anos, no entanto, a literatura infantil produzida por Thales ganhou rumos amplos, uma vez que – além da série “Encanto e verdade”, publicada pela Weisflog/Melhoramentos – Thales surpreende o mercado livreiro do Brasil com o aparecimento de seu mais importante romance infantil: *Saudade* (que já em suas primeiras edições chega à marca de 15 mil cópias, tornando-se leitura obrigatória em quase todas as escolas públicas do estado de São Paulo).

Entre 1920 e 1945 – limite cronológico apontado por Lajolo & Zilberman no qual toma corpo uma vasta produção literária voltada para a criançada ¹²⁴ –, pode-se dizer que Thales Castanho de Andrade e Monteiro Lobato dividiram juntos o filão inovador do mercado editorial destinado à literatura infantil. No entanto, se Lobato passa a correr “numa outra faixa”, como também nos lembram Lajolo & Zilberman, ¹²⁵ revezando-se ora como autor ora como empresário-editor, Thales de Andrade seguiu sempre fiel à trilha da literatura infantil que para si projetara nos idos de 1919.

Desta feita, ao encerrar o “ciclo das aventuras dos netos de Dona Benta” em 1944, ¹²⁶ Lobato – que não viria a publicar mais livros no Brasil a partir dessa data –, deixa o cenário da literatura infantil brasileira quase que inteiramente nas mãos de Thales de Andrade; que ininterruptamente dá continuidade a sua produção literária ao longo dos anos cinquenta, sessenta e setenta – deixando, ao falecer, em 1977, aos 87 anos, uma obra

¹²⁴ LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 46.

¹²⁵ *Ibid.*

¹²⁶ *Ibid.*

infantil da qual constam, como já foi mencionado, nada menos do que 47 livros que, até a décadas de 70, chegaram em sua totalidade a atingir a marca de 2 milhões de exemplares vendidos.

Por assim ser, o que se tenta mostrar aqui é que Thales, já desde o lançamento de “A Filha da Floresta”, em 1919, tinha bem formulado em sua mente um projeto de criação de uma obra literária que viesse a se eternizar como um dos ícones da literatura infantil brasileira. Nesse sentido, mesmo difundindo determinadas ideologias, participando ou não de projetos pedagógicos ligados à aristocracia rural ou a qualquer outra convenção política estabelecida, o fato é que a obra de Thales conseguiu atingir uma proporção grandiosa até hoje poucas vezes igualada por qualquer outro escritor infantil – o que nos põe a pensar, portanto, que, mesmo não sendo hoje um nome tão aclamado dentro do cenário da literatura infantil, como é o nome de Monteiro Lobato, Thales conseguiu, a seu modo, atingir o seu intento inicial.

O “modo” como atingiu esse intento é o que de mais importante nos revela Thales por meio do álbum de recortes que aqui nos serviu como corpus para análise, pois, ao contrário do que acontece com muitos dos manuscritos que se encontram arquivados no Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, o álbum de recortes “Encanto e Verdade” não veio parar nos arquivos do museu por um mero acaso ou por doação feita pelos familiares de Thales após a morte dele. Na verdade, curiosamente é o próprio quem oferta ao Museu Prudente de Moraes essa coletânea de informações que aqui acabamos de expor.

Tal fato nos coloca diante de ações premeditadas por Thales, que visivelmente preocupava-se com a sua “vida de autor póstumo”. Nesse sentido, a seleção das informações recolhidas e arquivadas por ele nesse álbum estabelecem um determinado padrão sob o qual, supomos, Thales gostaria de ser lembrado. Ou seja, e como se pôde perceber até aqui, na tríade autor-obra-público que tentamos estabelecer por meio dos documentos recolhidos por Thales, inevitavelmente sempre esbarramos na recorrente: imagem de Thales como “escritor-pedagogo”.

Envolvendo diferentes grupos sociais de poderes distintos – que aparecem revelados por meio dos contatos que as cartas estabelecem – vemos que Thales procurava fazer com que seus livros agradassem, ao mesmo tempo, ao consumidor (os leitores, alunos das escolas públicas estaduais), o patrocinador (no caso, o Governo do estado de São Paulo), aos editores (que praticamente vêem seus livros serem comprados antes mesmo de serem impressos) e à “elite intelectual dominante” (composta pela aristocracia paulista). Mais do que isso, Thales, ao doar seu álbum de recortes ao Museu Prudente de Moraes, demonstra também preocupar-se com registro da recepção de seus livros junto a esses “ramos” sociais, cuidando para que os principais elogios à sua obra não se perdessem ao longo dos anos numa velha gaveta de alguma cômoda da família – bem como, também, como já dissemos, evitando o registro de qualquer espécie de crítica severa ou ácida sobre seus livros.

Por fim, fazendo valer as palavras de Eça de Queiroz, livremente associadas a Thales pelo jornal “O Estado de São Paulo”¹²⁷, se “sob o manto azul da fantasia e esconde

¹²⁷ A fonte citada refere-se a um recorte de jornal (sem data ou números de páginas) recolhido pelo próprio Thales de Andrade. Disponível no Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes.

a sombra diáfana da realidade”, fica posto no início do século XX o estabelecimento de um sistema literário que objetivamente se ocupava em difundir os fundamentos de uma pedagogia ruralista que viesse a atingir por completo a sociedade paulista (em especial, o meio infantil escolar dessa sociedade). Por encanto ou por verdade, vai Thales – valendo-se de um sistema literário previamente elaborado – firmar-se como o arauto dessa pedagogia rural; eternizando-se assim – e ao seu modo – como o grande evangelista do mundo campesino.

CAPÍTULO 04

A REVISTA EDUCAÇÃO

Como tentamos mostrar até aqui, o esforço empreendido por Thales na elaboração e difusão de sua obra e de suas idéias revela que, para o autor, a revitalização do universo rural dependia basicamente da reformulação da imagem decadente que se atribuía ao mundo campesino. Nesse sentido, vale dizer que – partindo das idéias do mestre piracicabano – muitos outros educadores ruralistas também empreenderam esforços no sentido de produzir e registrar “por escrito” as mais variadas discussões a cerca da necessidade de se revalorizar o mundo rural.

Iniciando sua atividade editorial em outubro de 1927, direcionada em especial aos professores da rede pública de ensino, a *Revista Educação*¹²⁸ tornou-se – de acordo com seus editores – um “órgão destinado a livre expressão e crítica de assuntos educativos, sejam os de pura doutrina sejam os de aplicação direta e imediata,” e que objetivava contribuir “de maneira prática e eficaz, tanto quanto seja possível para o progresso científico do ensino”.¹²⁹

Disponibilizando aos leitores interessados preços promocionais para assinaturas anuais ou podendo também ser adquirida em exemplares avulsos, *Educação* aceitava artigos acadêmicos elaborados por todos aqueles educadores que se dispusessem a discutir,

¹²⁸ Educação era produzida e editada pelo Serviço de Instrução Pública do Estado de São Paulo em parceria com a Sociedade Paulista de Educação.

¹²⁹ *Revista Educação*. Editorial publicado na contracapa do volume de número 1, 1927.

à luz da pedagogia então vigente na época, qualquer questão que envolvesse o universo da rotina escolar, bem como também viesse a propor questões pertinentes aos estudos pedagógicos – não sendo *Educação*, diga-se de passagem, um periódico que atendesse exclusivamente ao universo das questões rurais.

Dessa forma, vale dizer que a grande maioria dos intelectuais que colaboravam com a revista pertencia à escola pública. Todavia, se dentre esses intelectuais muitos ocupavam cargos de direção de escola ou instrução de ensino, a quase totalidade tinha como labor diário o ensino em sala de aula. Desta feita, é importante salientar aqui que grande parte dos colaboradores dessa referida revista era composta por professores das mais diferentes disciplinas, tais como Música, Educação Artística, Língua Portuguesa, Matemática, entre outras. Tal fato, se nos chama a atenção para o inusitado de uma situação que revela o professor de escola pública como um intelectual respeitado, a quem cabia também a produção e difusão do saber – fato que, infelizmente, não se faz mais efetivo em nossa atualidade – indica também a abrangência das temáticas sobre as quais a revista *Educação* se ocupava.

Isto posto, e diante da grande quantidade de artigos veiculados nessa revista, selecionamos para esta pesquisa apenas os artigos que sinalizam diretamente o desenvolvimento de questões referentes à pedagogia ruralista e ao ensino rural brasileiro. Assim, uma vez que o objetivo deste trabalho está centrado numa discussão sobre a obra *Saudade* – e levando-se em conta que um trabalho mais minucioso sobre essa revista demandaria um tempo de pesquisa que esta atividade não dispõe –, fica aqui a sugestão

para que uma nova pesquisa, cujo olhar se direcione exclusivamente para o estudo dessa referida revista, possa um dia ser realizada.

4.1 O registro da ineficácia educacional ruralista

Em síntese, os primeiros textos de *Educação* cuja temática ruralista aparece como tópico central abordam, de forma geral, o desenvolvimento de práticas educacionais e administrativas voltadas para a criação e desenvolvimento das chamadas “escolas rurais”. Nessa mesma trilha, a grande maioria desses textos também é unânime em apontar o fato de que, na prática do ensino rural, apenas a criação dessas referidas escolas situadas na zona rural não havia sido suficiente para colocar em prática o tão desejado sonho de escolarizar o campo (prática essa que, como salientamos no início deste trabalho, também não havia funcionado a contento na maioria dos estados brasileiros que, antes de São Paulo, já haviam se aventurado pelas veredas do ensino rural).

Em artigo intitulado *Ensino Rural* – artigo esse assinado pelo professor Firmino da Costa e publicado na *Revista Educação* dez anos após a primeira edição de *Saudade*, portanto no ano de 1929 – vemos que, apesar dos esforços do governos estaduais para por em prática a educação ruralista, o ensino rural continuava a figurar nos meios pedagógicos brasileiros como problema cuja solução urgia ser encontrada.

De acordo com o artigo em questão, como apenas a criação de escolas na zona rural não se mostrava suficiente para “educar” o rurícula, tornou-se necessário racionalizar o currículo ao qual o aluno da zona rural deveria ser submetido. Nesse sentido, Firmino da

Costa propõe em seu artigo que, para que a educação do homem do campo pudesse produzir bons frutos, deveria ela ser sintética, e o professor rural ocupado em “ensinar pouco para ensinar bem, formar o espírito e não enchê-lo.”¹³⁰

Da mesma forma, o referido artigo deixa evidente que até mesmo o perfil do homem do campo – e em especial o do professor rural – necessitava ser alterado; uma vez que pairava também sobre o mestre rural o estereotipo do atraso, da vagarosidade e da ignorância da qual o mundo rural era constantemente acusado. Segundo o autor, para que o ensino do campesino pudesse florescer era necessário primeiramente colocar-se fim a uma cena tão como à zona rural, quando sempre se via “a casinha da escola, lá no alto, banhada de sol em pleno campo verdejante, com sua sala adornada de quadros e de flores, a criança radiante de alegria e de saudade, e eis que chega o pobre professor, velho, surdo e ignorante”.¹³¹

Assim como vimos acontecer na escola ficcional de *Saudade* (aquela conduzida pela doce, sábia e simpática professorinha dona Alzira), a “escola rural” proposta no artigo em questão também devia ocupar-se em fornecer aos seus alunos conhecimentos básicos que permitissem a eles modificarem sua postura não só trabalhadores rurais, mas também de seres humanos.

Dessa forma, o professor Firmino da Costa vai apontar em seu texto as disciplinas ministradas na então escola Rural de Lavras (MG) como modelo de currículo escolar para a

¹³⁰ COSTA, 1929, p. 95.

¹³¹ *Ibid.*

escola rural. Partindo desse modelo, Firmino propõe assim que o currículo básico de toda escola voltada para a educação do rurícola viesse a contemplar, em especial, as seguintes matérias: ensino de arte culinária, corte e costura, jardinagem, marcenaria, corte de cabelo, vacinação, primeiros-socorros e arranjo da casa e das coisas do lar.¹³²

Nesse sentido, vale salientar aqui que, tal como se vê ao longo do enredo de *Saudade*, a grande mudança proposta nesse artigo de Firmino da Costa não objetiva nem privilegia a formação de grandes intelectuais junto ao campo – afinal, para essa formação específica o campesino nela interessado poderia procurar as escolas da cidade. A bem dizer, a grande proposta pedagógica que o texto do professor Firmino Costa estabelece leva em conta a revisão dos saberes básicos necessários a revitalização do universo rural e do rurícola em si; descartando-se, dessa forma, a simples abertura de escolas rurais como solução dos problemas do ensino rurícola.

Finalmente, e ainda nesse sentido, ao encerrar o seu artigo o professor Firmino da Costa sinaliza também que o ensino rural deveria ser projetado levando-se em conta o fato de que seria ele dirigido aos modestos habitantes do campo. Dessa forma, o autor deixa claro que a escola rural seria, portanto, “freqüentada naturalmente por alunos pobres” e que “já se acostumaram, desde a infância, a contentar-se com pouco”; não havendo necessidade, portanto, de criar-se para ela complexos projetos educacionais e de formação intelectual. A esse respeito, nos conta ainda o professor:

¹³² COSTA, 1929, p. 95.

*a pobreza, quando não é miséria, dá ao homem a tempera acrisolada pelo sofrimento. No meio trabalhoso em que ella vive, sem saber do dia de amanhã, surgiria sem duvida o desalento a transformar-lhe o espírito, se não fora aquella tempera que lhe faz manter a esperança, a flor immarcessível da vida. O curso rural será portanto para as famílias pobres uma esperança.*¹³³

Comungando dessa mesma idéia bastante preconceituosa e reducionista, em outro texto de *Educação* é a vez do então professor e membro do Conselho Superior de Ensino, Fernando Magalhães, sinalizar (em artigo intitulado *O Combate ao Analfabetismo na Zona Rural* e publicado em outubro de 1929) que o principal problema a atravancar a educação do homem do campo vinha a ser a própria precariedade da vida no campo.

Diante do terrível quadro social que se abatia sobre a roça brasileira, Fernando Magalhães sugere a criação de internatos educacionais nos quais a criança, ainda habitando a zona rural, pudesse ser retirada da miséria que a rodeava cotidianamente – e viesse assim a encontrar uma nova realidade rural e um novo ânimo; a partir das quais ela poderia se “reorganizar” enquanto ser humano, sem ter que, para isso, deixar propriamente o campo.

134

Diante desse quadro de eminente declínio do ensino rural e do ambiente no qual esse ensino tentava se estabelecer, novas propostas educacionais começam a aparecer registrada nas páginas da revista *Educação* a partir da década de 30. Entre essas novas propostas, a idéia de revitalizar o ambiente rural e de repensar a preparação do professor que viesse a trabalhar no campo torna-se cada vez mais uma temática constante.

¹³³ COSTA, 1929, p. 102 (manteve-se aqui a ortografia original).

¹³⁴ MAGALHÃES, 1929, p. 79.

Em texto publicado em 1930 – pelo então inspetor geral de escolas, professor João Toledo – e intitulado *Preparação e Fixação do Professor Rural*, sugere-se que o professor rural deveria ser preparado para o seu ofício estando ele consciente de sua missão quase que sacerdotal junto às comunidades rurais. Por conseguinte, questiona-se também nesse referido artigo se o estado não poderia, a fim de atrair professores ainda mais dispostos a dedicar-se à laboriosa missão do ensino rural, atribuir algumas vantagens econômicas àqueles que se dedicassem a lecionar em tal região e professassem tal entusiasmo pela vida na roça brasileira.¹³⁵

Apontados como cernes do fracasso da educação rural, tanto o professor rural quanto a escola rural passam, a partir de 1931, a prefigurar nos artigos publicados em *Educação* como o ponto sobre o qual novos avanços e esforços deveriam ser empreendidos para que o ensino do campesino viesse a se tornar um sucesso.

Em artigo publicado em 1931, o piracicabano Sud Minnucci – um dos maiores teóricos militantes do ruralismo paulista – chama a atenção dos leitores da referida revista para o fato de que, a partir da data em questão, insurgia nos meios educacionais paulistas uma nova revolução ruralista. Em *Reforma do Ensino Rural em São Paulo*,¹³⁶ Sud alerta para o fato de que a principal mudança a se efetivar em relação à educação rural era a mudança de mentalidade no que se referia as coisas do campo (tal como apresenta Thales por meio de seu romance *Saudade*). Para que tal mudança pudesse ocorrer, Sud aponta a

¹³⁵ TOLEDO, 1930, p. 15.

¹³⁶ MENNUCCI, 1931.

criação das chamadas escolas rurais normais – escolas essas especializadas em formar o professor que se encarregaria de lecionar na zona rural.¹³⁷

De acordo com Sud, o professor formado em uma escola normal rural teria amplo conhecimento das necessidades do campo, e saberia ministrar – junto aos seus alunos da zona rural – conceitos fundamentais para se criar uma nova identidade para os rurículas; tirando-os do seu estado letárgico e atrasado. Segundo Sud, os professores normais rurais, por meio de uma formação específica, teriam

*amplas noções das atividades agrícolas e das necessidades higiênicas e sanitárias de seus habitantes. Devem estar, sob qualquer aspecto, como um consultor de toda a população sobre os mil problemas da zona rural.*¹³⁸

A partir desse artigo de Sud, a revista *Educação* passa a publicar então uma série de outros artigos nos quais se desvenda os perigos e os cuidados com a preparação do professor e da escola normal rural. Como exemplo dessa temática, podemos citar os textos *O Ensino Rural: como iniciá-lo nas escolas normais rurais* (texto de autoria do professor Benedito de Assis, publicado no ano de 1933) e o texto homônimo *O Ensino Rural* (cuja autoria é do professor Abílio de Carvalho, e sua data de publicação também é 1933).

Finalmente, e imersos nessa nova empreitada ruralista pela criação da escola normal rural e pela formação diferenciada do professor rural, chega a fazer parte das publicações de *Educação* até mesmo um “decálogo do professor rural”, cujos itens incidem em

¹³⁷ MENNUCCI, 1931, p. 06.

¹³⁸ *Ibid.*

extremos radicalismos que acabam por destacar a profissão do “professor rural como a mais importante dentre todas as profissões”.¹³⁹

4.2. Tudo como sempre foi...

Por outro lado, as últimas edições da revista *Educação*, publicadas em 1945, revelam que, mais uma vez, os esforços empreendidos pelos educadores rurais não frutificara. Nem mesmo a criação dos chamados cursos normais rurais ou o investimento na revitalização das coisas do campo (tais como projetos que objetivavam a difusão de práticas de higiene pessoal e sanitarismo, entre outros) conseguiram imprimir modificações que sensibilizassem de alguma maneira a população campestre a fim de impulsioná-las no sentido da mudança desejada.

Em *Problemas Ruralistas*, publicado na *Educação* do ano de 1945, o inspetor escolar Ulisses Freire da Paz aponta como o grande responsável pelo fracasso do ensino rural “a obsessão pela miragem urbana” (e não mais a deficitária instrução técnica do professor rural ou a desordenada abertura de escolas no campo).¹⁴⁰ Segundo Paz, se a zona rural continuasse a se apresentar decadente e atrasada como estava, não haveria atrativos que pudessem trazer até ela professores interessados, responsáveis e dedicados às coisas da roça.

¹³⁹ *Revista Educação*, 1936, p. 216. (Editorial).

¹⁴⁰ PAZ, 1945, p. 266.

No mesmo caminho, António de Oliveira aponta – em seu artigo *O Problema da Escola Rural*, de 1945 – que o ensino na “aldeia” só se tornaria eficaz quando viesse atender melhor a própria aldeia, não a transformando num simulacro da cidade.¹⁴¹ Segundo o autor em questão, o ensino da aldeia não pode criar seres para a cidade, sendo que “um menino lavrador” teria de ser cada vez melhor preparado para ser “cada vez mais lavrador”:

*Uma aldeia perfeita é a antípoda da cidade perfeita. Uma aldeia perfeita é aquela onde não há analfabetos, onde se pratica culturas racionais, se estabelecem os mais variados sistemas irrigatórios.*¹⁴²

Finalmente, e encerrando essa série de publicações da revista *Educação*, é o professor Paulo Pinto de Carvalho quem conclui, em *Educação e Escola Rural*, publicado também em 1945, que o ensino rural só se realizaria de forma completa se o sistema educacional proposto à zona rural levasse em conta apenas e tão somente às necessidades do homem do campo.

Assim, e de maneira geral, ao longo da análise dos artigos da revista *Educação* aqui apresentados pode-se perceber que tanto a prática pedagógica ruralista como os problemas frequentemente elencados pelos educadores (bem como também as soluções para o ensino do campesino) não variaram muito durante as quatro primeiras décadas do século XX.

¹⁴¹ OLIVEIRA, 1945, 129.

¹⁴² *Ibid.*, p. 129.

De 1927 a 1945, as críticas aos problemas do ensino rural e as novas propostas para o seu desenvolvimento repetiram-se em ciclos temáticos que quase sempre levavam em conta:

- a. o fato de que a simples criação de escolas rurais não resolvia a crise da educação do rurícula;
- b. a importância em se investir na formação e qualificação do professor rural;
- c. a importância em se repensar o currículo praticado nas escolas rurais;

Na verdade, neste momento de nosso trabalho não nos parece leviano afirmar que uma síntese de todas as reivindicações, críticas e sugestões feitas ao longo de todos esses artigos apontam para o fato de que, de uma forma ou de outra, a máxima do ensino rural parece ser uma só: a necessidade de se redimensionar a idéia de zona rural – uma vez que urgia imprimir a ela ares de uma organização social “civilizada” e que nada devesse às cidades.

Nesse sentido, não poderíamos deixar de citar aqui que, ao longo dos anos, e de forma repetida, a chamada pedagogia ruralista que a revista *Educação* acaba por documentar retoma sempre a mesma fórmula apresentada por Sud Mennuci em seu artigo *A Guerra à Zona Rural* – publicado na revista em *Educação* já no ano de 1933.

Em *A Guerra à Zona Rural*, Sud vaticina que as zonas rurais foram colocadas fora “do círculo de ressonância geral”, e que, “longe dos bulícios da cidade, ignaras de suas

forças e de suas necessidades, continuam relegadas ao desamparo e ao esquecimento.”¹⁴³ Além disso, Sud chama também a atenção para o fato de que a escravidão praticada no Brasil foi, a seu ver, a grande responsável por imprimir às coisas do campo uma atmosfera de mundo servil, cruel, rude e atrasado¹⁴⁴ (vale lembrar que tal fato já foi aqui mencionado quando, ao analisarmos o enredo de *Saudade*, comentamos sobre a questão da não presença de negros na “roça” de Thales de Andrade).

Nesse rumo, Sud afirmava que era necessário – antes de qualquer esforço na construção de escolas ou na formação do professor rural – criar uma nova cultura das coisas do campo (fato esse que, como tentamos mostrar, torna-se uma constante ao longo do enredo de *Saudade*), a fim de que nele se pudesse definitivamente abandonar certas “práticas primitivas” que faziam da roça um poço de “resíduos sentimentais de um passado longínquo” e uma recordação “dolorida de uma sociedade ultrapassada”.¹⁴⁵

Definindo a essência do que, para ele, deveria ser a verdadeira pedagogia ruralista, concluiu Sud:

*O Brasil precisa, urgentissimamente, é de reabilitar a sua roça. Mas só o fará, hoje em dia, se souber dar-lhe conforto idêntico ao que deu às cidades, se adotar uma política diversa, tenaz e imutável, de incorporar, de uma vez por todas, a zona rural à nação, dando-lhe o mesmo grau de cultura que almeja para os meios urbanos.*¹⁴⁶

¹⁴³ MENNUCCI, 1933, 16.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p.16.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 32.

¹⁴⁶ *Ibid.*

6.3 De volta a Thales...

Resta-nos agora, ao final deste capítulo, voltarmos nossa atenção para o objeto primeiro de nosso estudo neste trabalho: a obra *Saudade*, de Thales de Andrade. Se nos perguntássemos neste momento qual a relação entre Thales e todos esses artigos aqui analisados, talvez a primeira resposta a essa questão não conseguisse de imediato vislumbrar relação alguma direta entre eles – afinal, Thales não aparece em nenhuma das publicações da revista *Educação* aqui analisadas. Todavia, poderíamos nos fazer a seguinte questão: afinal, onde estaria Thales, o arauto do ruralismo paulista, enquanto seus correligionários se dedicavam a publicar artigos acadêmicos sobre o ensino rural?

A resposta a essa questão, no entanto, parece ser mais do que evidente: Thales estava escrevendo para crianças! Ou seja, mais do que apenas conjecturar sobre questões rurais e novas políticas educacionais, mais do que apontar defeitos ou sugerir soluções para o problema do ensino rural, Thales estava executando na prática (e antecipadamente) todas as teses expostas por seus colegas educadores.

Vale lembrar que não nos cabe neste momento refletir sobre a validade ou não da causa ruralista – uma vez que, obviamente, não poderíamos nos esquecer aqui dos fatores econômicos ligados a essa questão aparentemente tão pedagógica. Todavia, pelo bem ou para o mal, não podemos deixar de reconhecer a perspicácia de Thales e de sua ação educacional. Afinal, Thales agia, e sua ação perigosamente valia-se de dois dos mais eficazes instrumentos pedagógicos e moralizantes de todos os tempos: a literatura e o livro infantil.

Por outro lado, ao fazermos o exercício de se cruzar as teses defendidas nos artigos em questão com o enredo de *Saudade*, podemos perceber que as idéias centrais estabelecidas nesses textos aparecem inevitavelmente camufladas na trama vivida pelo protagonista do romance e pelas demais personagens que o cercam. Portanto, podemos afirmar que – se a pedagogia de Sud e de seus correligionários visava impregnar os meios educacionais, sociais e urbanos com uma nova visão sobre o campo – Thales já havia feito isso por meio de *Saudade*; e, diga-se de passagem, dez anos antes da primeira publicação da revista *Educação* vir a público (tornando-se assim, *Saudade*, um verdadeiro paradigma para o ensino rural).

Isto posto, agora sim podemos apontar o caráter precursor de *Saudade* no ensino público do estado de São Paulo e na literatura infantil brasileira. Afinal, se concebido como um instrumento pedagógico engajado numa cruzada pela ideologia ruralista, o principal romance do mestre piracicabano da literatura infantil desponta (enfim), entre os demais romances de sua época, com o pioneirismo que tantos adoradores da obra de Thales querem (como já evidenciamos) a ela atribuir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A UTOPIA RURALISTA DE THALES DE ANDRADE

*O paulista, pela iniciativa, é poeta,
poeta do progresso, poeta prático.
Seus versos são estes: boas estradas, máquinas,
navegação, lavoura, melhoramentos (...).
A seus olhos a primeira qualidade que
pode por graça de Deus tocar a uma criatura
é ser Paulista.*¹⁴⁷

Talvez a melhor definição para o vocábulo “utopia” seja aquela que, oriunda do senso comum, nos diz que a “utopia é tudo aquilo que de melhor poderia acontecer a alguém ou a uma sociedade, mas que – infelizmente ou não – jamais vai acontecer”. Nesse sentido, um mundo utópico seria, portanto, um mundo no qual tudo é harmoniosamente perfeito e todos os seres são felizes – sendo que a tristeza, a desilusão, a angústia, a fome, a miséria, a depressão e todos os outros males que afligem a humanidade jamais viriam a existir.

Dessa maneira, tal idéia de utopia mais adequadamente poderia ser classificada como “utopismo”, uma vez que se refere a um “sonho bom” (muitos vezes coletivo), mas que nunca vai deixar de ser sonho, pois a sua realização (apesar de, por vezes, necessária) beira o impossível ou o impraticável – algo assim como desejar o fim da corrupção em nosso país, o fim da dominação de superpotências sob países subdesenvolvidos, a paz entre povos de religiões distintas, etc.

¹⁴⁷ ALMEIDA, 1934, p. 17. *Apud* Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida. *IN: ADDUCI*, 2000, p.10.

A gênese do conceito de utopia, todavia, remete-nos por sua vez a um determinado gênero literário estabelecido por Thomas Morus, em 1516, a partir de sua obra *Utopia*. Criação modelar, a *Utopia* de Morus apresenta-nos uma perfeita e imaginária ilha, “Utopia”, habitada por uma sociedade ideal em todos os sentidos e na qual todos os “utopianos” (“ascéticos e frugais”) vestem hábitos iguais e preocupam-se “com a dignidade do trabalho, com a planificação da produção e com a frutuosa organização do tempo livre”¹⁴⁸ – originado-se daí, então, a idéia de “mundo perfeito” que o termo utopia acaba emprestando.

Partindo dessas definições, podemos dizer enfim que, tangenciando ao mesmo tempo esse dois conceitos mas sem se prender ou sem se encaixar perfeitamente em um ou em outro, a utopia ruralista de Thales de Andrade funda-se em *Saudade* como uma proposta de retorno, revitalização e revalorização do campo inserida paradoxalmente em um século no qual a urbanização e a industrialização despontavam em nosso país como ícones do progresso e do desenvolvimento dos quais se acreditava carecer a nação.

Nesse sentido, se a idéia de utopia, como nos lembra Berriel, pode também ser propositiva – “isto é, pode ser um programa de ação concreta, uma idéia que o utopista sugere à sua época e que aspira a se tornar realidade”¹⁴⁹ –, podemos dizer que Thales de Andrade, Policarpo Quaresma a seu modo, utopicamente propõe em *Saudade* as bases de uma ideologia que crê (ou quer crer?) na (re)criação de um mundo rural que nunca existiu e que (sabia Thales?) muito possivelmente nunca viria a existir.

¹⁴⁸ BERRIEL, 2004.

¹⁴⁹ *Ibid.*

Dessa forma, e enquanto uma utopia que veicula uma determinada ideologia, *Saudade* vai tentar estabelecer a concretização de um determinado conceito sobre o campo. Ou seja, de certa forma, *Saudade* torna-se (ou quer tornar-se) a materialização de uma idéia, de uma “cultura” sobre (e entorno de) um mundo rural substancialmente irreal – mas que, enquanto criação e expressão forjada como a identidade de um determinado grupo social, quer passar a existir.¹⁵⁰

Ora, sabendo que historicamente – e como tentamos mostrar neste trabalho – as características que costumeiramente incidem-se sobre o campo enfatizam nele a idéia de atraso, letargia e ignorância, podemos afirmar que Thales – ao atribuir ao campo uma atmosfera de harmonia social e econômica – cria conseqüentemente uma nova identidade para o campesino e para as relações que no campo se estabelecem; identidade essa que, diante da eminente derrocada da lavoura paulista em meados do século XX, deveria tornar-se, emblematicamente, memória viva e coletiva.

Em outras palavras, o que se vê em *Saudade* é uma bem elaborada proposta de recuperação do mundo rural baseada na extinção da imagem de desorganização do campo e na eliminação da figura do campesino enquanto um “caipira” indolente e atrasado. Deixando de lado a caricata figura do “matuto” doente e preguiçoso, Thales de Andrade – por meio da exposição da valorosa vida da personagem Mário e das demais personagens que habitam o sítio “Congonhal” – estabelece em *Saudade* um novo paradigma para a roça

¹⁵⁰ Não teríamos, portanto, no título dado a primeira série de livros infantis publicados por Thales, série essa intitulada “Encanto e Verdade”, mais um indício da formulação desse jogo de identidades?

paulista. Dessa forma, o sítio passa, então, a ser um local de investimento seguro e lucrativo – enquanto o “matuto” campesino deixa de ser apenas um rude “caboclo” para se tornar um verdadeiro empreendedor do mundo agrário.

Com isso, podemos supor também que, ao revalorizar a figura do homem do campo, Thales revitaliza consequentemente a figura do interiorano paulista. Afinal, como nos lembra o professor Celso Ferreira, até as últimas duas décadas que antecedem à proclamação de um novo regime no Brasil, era o estado paulista visto ainda pelos demais estados brasileiros como um local de gente “atrasada e aferrada a costumes antigos”.¹⁵¹ Sobre isso, nos conta Ferreira:

*No rio de Janeiro, os paulistas eram, geralmente, chamados de sertanejos ou caboclos. Algumas vezes, continuavam a lhes ser atribuídas as conotações negativas que, numa época mais afastada, os jesuítas imputaram aos bandeirantes: homens rudes, violentos e ignorantes. O progresso recente da província mal começara a ser assimilado no com junto do país, de maneira a reverter essas impressões pouco lisonjeiras.*¹⁵²

Nesse sentido, não é difícil imaginarmos que (em meio à expansão da lavoura paulista ao longo das décadas iniciais do século XX e do fortalecimento da economia do estado de São Paulo), aliado a empreitadas literárias inovadoras (como, por exemplo, a criação do *Almanac Litterario de São Paulo*, da *Revista Educação*, da *Revista do Brasil* e da fundação de grandes editoras paulistas, como a *Editora Weisflog/Melhoramentos* e a própria *Lobato & Companhia*) e a eventos culturais de grande magnitude (como as primeiras exposições de pintura modernista, como a de Anita Malfati (ocorrida em 1917)

¹⁵¹ FERREIRA, 2002, p. 34.

¹⁵² *Ibid.*

ou mesmo a própria Semana de Arte Moderna, de 1922) – vem o romance *Saudade* a contribuir imensamente para a afirmação e fixação de uma nova identidade paulista; cuja imagem, associada à riqueza da “terra” do estado de São Paulo, passa a ser propagandeada aos demais estados brasileiros.

Por fim, e ilustrando a idéia de que Thales, com sua obra, tenta eliminar de vez a imagem do “matuto”, do “jeca tatu”, a fim de encontrar no empreendedor agrícola uma nova identidade paulista, vale citar como exemplo uma gravura de propriedade do próprio Thales (hoje pertencente ao arquivo do Museu Prudente de Moraes), na qual se vê um “caipira” – vestindo um traje pobre e tipicamente interiorano – oferecendo um frango ao ilustre escritor piracicabano – vestido como um intelectual – e sob os quais podem ser lidos os seguintes dizeres:

*- Nhô Tále! Nós era uns marvado pras arve. No entretantos, a sua ingloriosa “Fia da Floresta” nos abriu os óio da verdade. Já não semo mai judeu pr’as pranta. Por isso, Jeca Tatu agradecido, em nome dos compadre (...), quer mostra pra mecê a nossa gratidão ilimitadas. Matamo o franguinho mais gordo do terrero e li truxémo. Tá aqui. Aceite.*¹⁵³

Por outro lado, mas ainda no campo das utopias, *Saudade* vem a tornar-se também um importante instrumento político por meio do qual a oligarquia rural tentava manter-se politicamente fortalecida. Ao revalorizar o campo e o campesino, *Saudade* – como tentamos mostrar até aqui – incutia na mente da população (e em especial das crianças) a

¹⁵³ Gravura arquivada no Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes (mantida a grafia e sintaxe originais). Ver anexos: figuras 12 e 13.

idéia de que o campo ainda era a grande força capaz de impulsionar o crescimento do país – devendo-se, portanto, dar crédito à poderosa oligarquia por meio dele estabelecida.

Mais do que isso, cabe ressaltar ainda que a grande utopia política presente em *Saudade* acaba transparecendo por meio da valorização das forças estatais que o enredo do romance destaca. Como mostramos ao analisarmos o enredo de *Saudade*, é o governo do estado o fiel aliado de Seu Raimundo, pai de Mário, quando esse – de volta ao campo – necessita de apoio financeiro para fazer “funcionar” o sítio “Congonhal”.

Da mesma forma, e como ressaltamos no capítulo em questão, é o governo do estado também quem vai fornecer gratuitamente a Seu Raimundo as mudas necessárias para que ele possa fazer em seu sítio o plantio das mais variadas espécies de vegetais. Assim, também vem a ser a “Caixa Econômica” a instituição a garantir que o dinheiro da família de Mário não vai ser perdido ou roubado (como poderia ocorrer caso o dinheiro da família estivesse depositado em algum banco particular que, por ventura, viesse a abrir falência).

Enfim, e ao final do romance, é o governo também quem vai possibilitar que Mário, quando mocinho, venha a ter acesso gratuito ao ensino superior em agronomia – fato demonstrado ao final do enredo do romance, quando o protagonista muda-se para Piracicaba; a fim de vir a estudar na “Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz”.

Assim, enquanto uma utopia ruralista, *Saudade* funde programa político e ideologia em um único instrumento: a literatura infantil escolar. Afinal, se ideologicamente o romance propõe que o campo necessitava de uma nova imagem, ao mesmo tempo *Saudade*

vende a idéia de que somente o “governo” era capaz de viabilizar tal mudança. Em outras palavras, é o estado, em *Saudade*, quem vai possibilitar que o homem do campo deixe de ser um “matuto” e passe a se tornar um verdadeiro empreendedor do mundo rural.¹⁵⁴

A utopia da pedagogia rural

Em outra via, é pelo viés da pedagogia que o romance *Saudade* vai ser definitivamente eternizado. Sustentando o ideológico e o político, é o caráter pedagógico de *Saudade* que possibilita a difusão (e assimilação, por parte do leitor, e em especial do leitor mirim) de todo o programa ruralista que o livro abraça. Ao “ensinar brincado”, ao optar pelo “aprendizado divertido”, Thales faz de *Saudade*, como pudemos perceber ao longo da análise de seu enredo, uma cartilha ruralista que, juntamente com o aspecto moralizante, dissemina e incute também sua ideologia e sua política.

Valendo-se do recurso de utilizar uma criança como protagonista das aventuras a serem narradas – recurso esse anteriormente já utilizado, como também mostramos, pelos europeus *Le tour de la France par deux garçons* e *Cuore*, e pelo brasileiro *Através do Brasil* –, vai Thales atrair esse leitor mirim para ainda mais perto do mundo rural que *Saudade* quer firmar como modelo.

¹⁵⁴ De forma intrigante, vale observar também que, ao valorizar a “verdade essencial da terra”, Thales de Andrade, em *Saudade*, curiosamente acaba também por antecipar em alguns anos o discurso político (e não menos utópico) do integralismo de Plínio Salgado – uma vez que o enredo do romance (como tentamos mostrar até aqui) favorecia a difusão da idéia de que o Brasil (como queriam também os integralistas) precisava reconhecer definitivamente que a sua condição natural é a agricultura; e que o investimento no mercado agrário específico de cada região era a saída para o fortalecimento da economia brasileira. Sobre as relações entre a criação de uma política agrária e o integralismo de Plínio Salgado conferir: CHASIN, 1978, p. 111.

Nessa mesma trilha pedagógica, Thales também contraria as histórias infatis de seus antecessores europeus ao situar o enredo de *Saudade* num cenário com o qual a criança brasileira, e em especial a criança paulista, estava mais ambientada. Ou seja, deslocando o eixo de seu romance para a zona rural, Thales acaba por se opor a uma tradição literária que costumeiramente se valia de bosques recheados de animais não pertencentes à fauna brasileira – e com os quais nossas crianças estavam acostumadas.

Dessa forma, ao invés de se deparar com uma floresta habitada por lobos e ursos falantes, vai o leitor de *Saudade* encontrar no enredo do romance um sítio cheio de galinhas, porcos, vacas e cavalos que não apresentam, por sua vez, qualquer aspecto antropomórfico – fato que, convenhamos, pedagogicamente facilitava ainda mais a assimilação do enredo da história por parte do leitor infantil brasileiro.

Além disso, ao optar por uma linguagem simples e não metafórica, Thales constrói uma obra de estilo simples e de fácil aceitação. Assim, e como já dissemos, seguindo uma fórmula que o aproxima dos *best-sellers* atuais ¹⁵⁵, *Saudade* faz do ensino e da aprendizagem das coisas do mundo rural uma atividade prazerosa e divertida – e na qual leitores de todas as idades podem se reconhecer. ¹⁵⁶

¹⁵⁵ A seu tempo, pode-se dizer que *Saudade* atingiu também uma vendagem típica de um grande *best-seller*. Afinal, e de acordo com dados fornecidos pela Companhia Editora Nacional, essa obra de Thales de Andrade atingiu, de 1927 (data em que a editora assume os direitos de publicação do romance) até o ano de 1982 (data da última estimativa feita e fornecida pela editora), a marca de 306.204 exemplares vendidos. Fonte: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br>

¹⁵⁶ Como um verdadeiro *best-seller*, vale dizer que *Saudade* ainda pode ser encontrado à venda até mesmo em livrarias *online*. Até o dia 10/01/2007, o site de vendas *Submarino*, por exemplo, disponibilizava, à pronta entrega, exemplares de *Saudade* ao preço de 24 reais e noventa centavos cada. Nesse mesmo sentido, é

Curiosamente, esses aspectos congenialmente pedagógicos que apontamos em *Saudade* – e que podem ser observados ao longo de toda obra de seu autor – vão fazer com que a figura de Thales venha ser ainda mais notada pela crítica literária da época (ainda insipiente, diga-se de passagem) e pelos demais escritores de seu tempo – como é o caso, por exemplo, do próprio Monteiro Lobato – tornando-se Thales, em seu tempo, um modelo a ser seguido. A esse respeito, nos conta Albieri:

*Monteiro Lobato talvez tenha ficado seduzido pela literatura infantil de Tales de Andrade graças ao fato de que Saudade associa recreação à instrução, além da simplicidade do estilo literário, condição sine qua non da boa literatura, na concepção do escritor. Ao contrário dos outros autores que produziam literatura infantil nesta época, Tales de Andrade introduziu em Saudade um protagonista criança (e criança interiorana), o que provavelmente também encantou Lobato, já que ele também vai criar, nos livros que escreve, crianças moradoras de um sítio como personagens centrais. Isto permite que tanto Andrade quanto Lobato inovem em seus textos o conceito de literatura infantil e de criança: abandonam a concepção oitocentista de criança – consideradas adultos em miniatura – construindo histórias com crianças mais verossímeis, e não apenas para crianças.*¹⁵⁷

Reconhecendo o caráter pedagógico da obra de Thales, Lobato (desconsiderando obras como, por exemplo, *Através do Brasil* – de Olavo Bilac e Manuel Bonfim, editada em 1910 – e as narrativas de Júlia Lopes de Almeida – como os *Contos Infantis*, de 1886, e *Era uma vez*, de 1917) vai mesmo apontar no escritor piracicabano o pioneirismo que, diga-se de passagem, muitos fiéis leitores da obra de Thales querem ver reconhecido:

importante registrar também que a Companhia Editora Nacional manteve o romance *Saudade* disponível em seu catálogo de vendas até o ano de 2005.

¹⁵⁷ ALBIERI, 2006.

*Mas na literatura brasileira o pioneiro foi Thales de Andrade com seu livro A filha da floresta, publicado em 1918. Em seguida, apareceu Saudade, livro esse onde ele procura instruir e recrear. Thales é um dos luminares da nossa literatura. Possui inúmeros livros publicados, cheios de beleza e ensinamentos.*¹⁵⁸

Mais do que isso, reconhecendo o projeto pedagógico de Thales de Andrade, Lobato – em dedicatória dirigida a Thales de Andrade quando do lançamento de *Narizinho Arrebitado: segundo livro de leitura para uso das escolas primarias* – vai saudar o escritor piracicabano como a um dos “padrinhos” dessa obra:

*Thales,
Esse exemplar é dos primeiros e envio-o a você como um dos padrinhos da obra, enquanto espero a tua aprovação. Fique certo que ela é mais valiosa para mim do que a de muitos medalhões da crítica (...). Por que você é pedagogo (...) e parte da pedagogia.*¹⁵⁹

Isto posto, vale ainda dizer que, se é fato que, como nos lembra Zilberman, os “fatores estruturais de um texto de ficção – narrador, visão de mundo, linguagem – podem se converter no meio por intermédio do qual o adulto intervém na realidade imaginária, usando-a para incutir sua ideologia”, a leitura que até aqui apresentamos de *Saudade* nos leva a apontar que Thales de Andrade, ao fazer de seu romance um manual de instruções pedagógicas, sabia muito bem que – valendo-se do livro infantil – tinha em mãos um instrumento cuja aparente inocência possibilitava a mais silenciosa e vertiginosa ação política e ideológica.

158 NUNES, Cassiano. A literatura infantil. In: *Novos ensaios sobre Monteiro Lobato*. Editora UnB, 1998. Apud ALBIERI, 2006.

¹⁵⁹ A versão original da qual transcrevemos esse texto encontra-se no Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – IHGP (ver anexos: figura 09).

Um utópico julgamento (?)

Ao encerrarmos aqui este trabalho, talvez ainda nos reste uma tarefa não menos utópica: a de fazermos uma consideração final sobre o utópico programa ruralista que a obra *Saudade*, de Thales de Andrade, acaba por desvendar. Todavia, por outro lado, cremos também que não nos cabe aqui um julgamento direto sobre a figura de Thales de Andrade – afinal, se *Saudade* carrega marcas de um perigoso programa político-ideológico, a vida particular de Thales (e também a sua vida como professor) não nos permite elogios menores.

Militante de uma causa determinadamente política? Literato preocupado em difundir uma ideologia perigosamente bairrista? Político empenhado em valer-se da máquina estatal para difusão de interesses oligárquicos? A figura de Thales professor permanece, todavia, intacta – sendo inúmeros os relatos e depoimentos de ex-alunos que reconhecem em Thales a figura do professor empenhado e do educador à frente de seu tempo.

Por outro lado, se neste momento não podemos negar que Thales faz com que *Saudade* carregue em seu cerne o estigma de ser um instrumento de doutrinação e controle, não podemos negar também que os meios dos quais Thales se valeu para praticar tal doutrinação e tal controle se estabeleceram diretamente por um viés tão deficitário e problemático nos dias atuais: o viés da educação. Afinal, o que teria sido mais correto naquele momento: preocupar-se com o campo, mesmo que atendendo a desejos oligárquicos, ou não se preocupar com ele, abandonando-o a sua própria sorte?

Deixando de lado a figura de Thales – a fim de que historiadores e sociólogos possam debater sobre ela – fechemos finalmente estas páginas voltando mais uma vez a nossa atenção para o corpus central desta investigação: *Saudade*. Pioneiro ou não da literatura infantil, pioneiro ou não do ruralismo na literatura voltada às crianças, instrumento político, instrumento ideológico, material pedagógico, *bestseller*, obra carente de complexidade, obra carente de um estilo mais literariamente apurado, utopia..., o romance *Saudade*, todavia, eterniza-se como obra emblemática dentro da história da literatura infantil e da educação brasileira.

Assim, acreditamos, por fim, que ao reconhecermos *Saudade* como uma utopia ruralista – ao desvendarmos aqui sua estrutura, ao apontarmos aqui seus meandros e seu sistema literário – reconhecemos e apontamos aqui também a utopia presente num momento histórico de formação de uma nova identidade para estado de São Paulo.

Utopia? Esse novo paradigma estabelecido nas primeiras décadas do século XX, aliado ao poder econômico que nesse momento em São Paulo se estabelecia, engendraram na alma paulista o sonho de uma verdadeira epopéia: uma “epopéia bandeirante”.¹⁶⁰ Tal sonho, tal epopéia, levou o estado de São Paulo, até mesmo a ser apontado, por um grupo de intelectuais de grande relevância dentro da história de nosso país, como uma verdadeira pátria: a pátria paulista! Mas, paremos por aqui. Afinal, talvez esse assunto já faça parte de uma outra utopia...

¹⁶⁰ Sobre o tema conferir: FERREIRA, A. C. **A Epopéia Bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870 – 1940)**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

ANEXOS

Dr. Thales de Andrade

Um dia nos estávamos brincando, e o nosso abridor trouxe-nos um livrinho de histórias muito engraçado. A nossa professora dona Elvira, leu-o e nos achamos muito bominho. Ella disse que esse livrinho era do senhor. E o senhor faça o favor de fazer outros livros para nós, sim? Deus vos pague senhor Thales! Quem trabalha para as crianças faz muito bem!

Da amiguinha,
Ebe Longelotti
São Paulo 5 de junho de 1919 Aluna do 2º Anno B

Figura 01

Dr. Thales de Andrade

Receba os meus cumprimentos.
Nós aqui estamos trabalhando como abelhinhas. Depois estamos contentes com o nosso lindo trabalho. Que bella Senhora Thales!
Trabalhe muito para nós que Deus o ajudará.

Da amiguinha,
Encarnação Monteiro
Aluna do 1º Anno B

Figura 02

Dr. Thales de Andrade

Minhas saudações

Estamos muito contentes porque recebemos o nosso lindo livrinho. A filha da florista faz saberes muitas coisas sobre a vida do campo e porque uma florista é dona. D. Rute nos disse que o nosso livro é muito bom e nos aconselhou que o comprássemos. Hoje cedo logo fui a livraria comprar o. Mamãe também gostou muito dele.

Os parabéns da amiguinha,
Alexandrina Barreto
Aluna do 2º Anno B

Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07

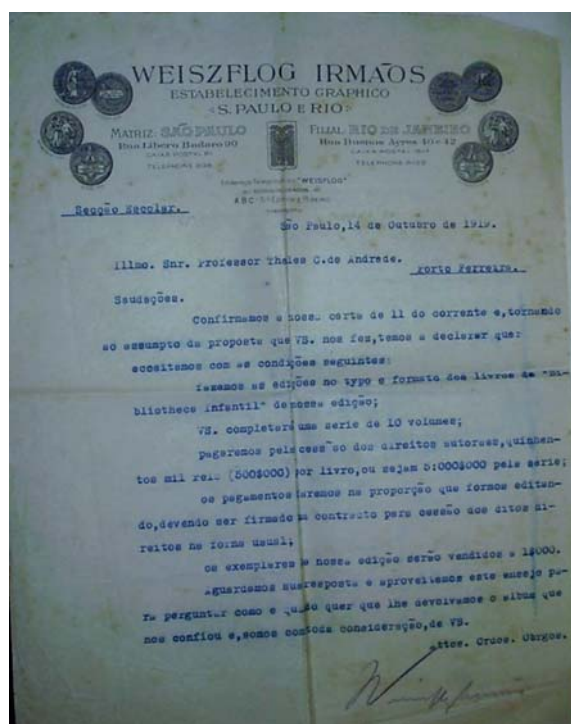


Figura 08

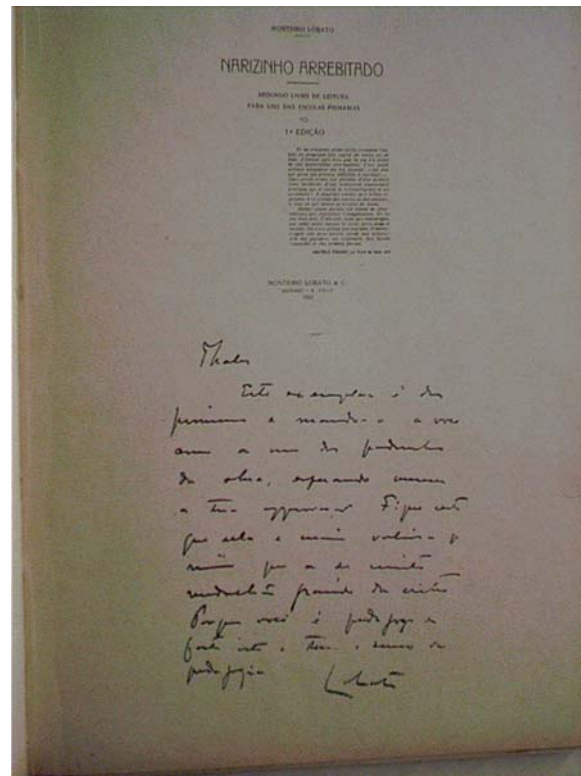


Figura 09

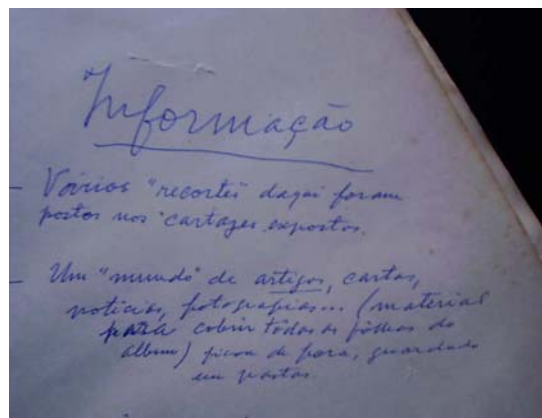
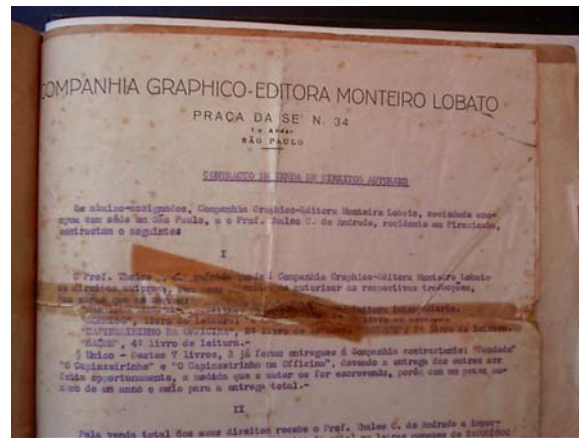


Figura 10



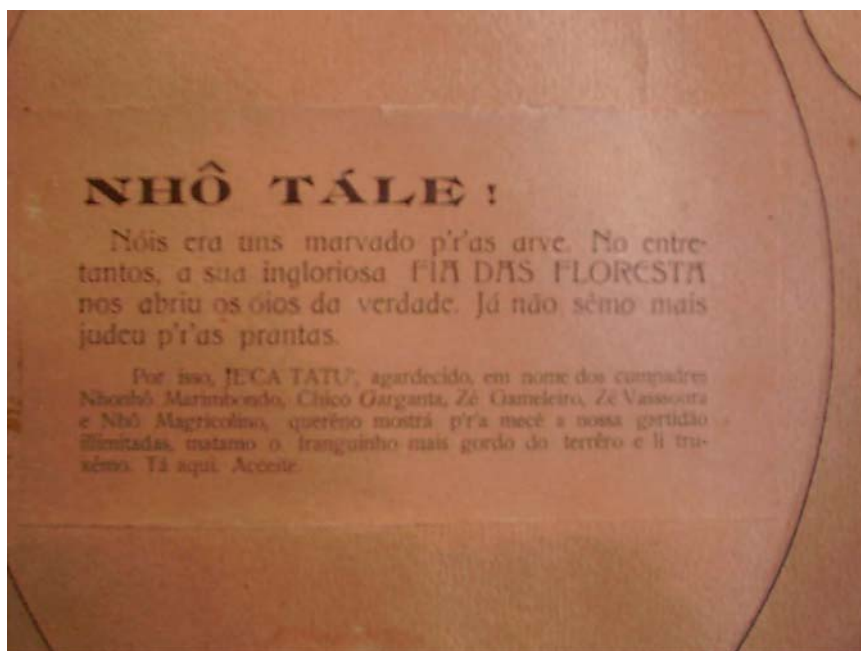


Figura 13

BIBLIOGRAFIA

ADDUCCI, C. C. A **“Pátria Paulista”: o separatismo como resposta à crise final do império brasileiro**. Coleção teses e Monografias. Imprensa Nacional, 2000.

ALBIERI, T. de M. A cultura gramatical em Emília no país da Gramática. *In: Sínteses - Revista dos Cursos de Pós-Graduação*. Vol. 11, 2006.

ANDRADE, T. C. **Saudade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

ÁREAS, Vilma. **Introdução à Comédia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ARISTÓFANES. **Lisístrata - As Nuvens**. Coleção Teatro Vivo. Tradução e comentários: Millor Fernandes. São Paulo: Abril Cultural, 1997.

AZEVEDO, C. L. de; SACHETTA, V.; CAMARGOS, M. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

BERRIEL, C. E. O. **Tietê, Tejo, Sena: a obra de Paulo Prado**. São Paulo: Papyrus, 2000.
_____. Vida Literária no Período Prudente de Moraes (1849 -1898): Eduardo Prado, pensamento oligárquico e restauração monárquica. *In: República, Liberalismo, Cidadania*. SILVA, F.T. *et al* (orgs.) Piracicaba: Editora da Unimep, 2003.

_____. **Cidades Utópicas do Renascimento**. Cienc. Cult. Vol.56. No.2 São Paulo: Abr./Jun: 2004.

_____. Uma utopia do cinquecento: Mondo savio e pazzo, de Anton Francesco Doni. *In: Remate de Males*. No. 22, IEL-Unicamp, 2002.

BOSI, A. **Reflexões Sobre a Arte**. São Paulo: Ática, 2004.

CAMARGO, L. **A Ilustração do Livro Infantil**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.

CARONE, E. A **República Velha: instituições e classes sociais**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

CARVALHO, B. V. de. **A literatura Infantil**. São Paulo: Global, 1984.

COELHO, N. N. **Panorama Histórico da literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.

- _____. **Dicionário Crítico da Literatura Infantil Brasileira.** São Paulo: Edusp, 1995.
- _____. **A Literatura Infantil.** São Paulo: Moderna, 2000.
- _____. **O Conto de Fadas: símbolos, mitos, arquétipos.** São Paulo: DCL, 2003.
- CHASIN, J. **O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio.** São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1978.
- FERREIRA, A. C. **A Epopéia Bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940).** São Paulo: Editora da Unesp, 2002.
- GADOTTI, M. **História das Idéias Pedagógicas.** São Paulo: Ática, 2003.
- GÓES, L. P. **A Aventura da Literatura para Crianças.** São Paulo: Melhoramentos, 1991.
- _____. **Olhar de Descoberta.** São Paulo: Paulinas, 2004.
- HALL, M. Os Fazendeiros Paulistas e a Imigração. *In: República, Liberalismo, Cidadania.* SILVA, F.T. *et al* (orgs.) Piracicaba: Editora da Unimep, 2003.
- JESUALDO, J. **A Literatura Infantil.** São Paulo: Cultrix/USP, 1978.
- LAJOLO, M. **Usos e Abusos da Literatura na Escola.** Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- _____. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo.** São Paulo: Ática, 2000.
- LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira: histórias e histórias.** São Paulo: Ática, 1999.
- LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. **Formação da Leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1997.
- _____. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias.** São Paulo: Ática, 1999.
- _____. **História da Literatura: ensaios.** Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- _____. **Usos e Abusos da Literatura na Escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha.** Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- LEITE, S. **Escola Rural: urbanização e políticas educacionais.** São Paulo: Cortez, 2002.
- LOBATO, M. **Emília no País da Gramática.** São Paulo: Cia Editora Nacional, 1934.
- LOURENÇO, E. **Mitologia da Saudade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

- _____. **A Nau de Ícaro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LUZ, N. V. **A Luta pela Industrialização do Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.
- HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**. Tradução: Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.
- MAAS, Wilma P. D. **Robinson Crusoé: o único livro de Emílio**. Araraquara: Itinerários. Vol. 17-18, 2001.
- MACHADO DE ASSIS. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1990.
- _____. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1990.
- NAGLE, J. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: Edusp/EPU, 1974.
- NIETZSCHE, F. **A Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PALO, M. J. & OLIVEIRA, M. R. **Literatura Infantil**. São Paulo: Ática, 1986.
- PERRONE-MOISÉS, L. **Inútil Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- PERROTTI, E. **O Texto Sedutor na Literatura Infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.
- _____. **Confinamento cultural, Infância e Leitura**. São Paulo: Summus Editorial, 1990.
- _____. **Literatura Infantil & Juvenil: vivências de leitura e expressão criadora**. São Paulo: Saraiva, 1993.
- PRIORE, M. Del & VENANCIO, R. **Uma História da Vida Rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- ROSEMBERG, F. **Literatura Infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1984.
- ROUSSEAU, J.J. **Emílio, ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- SEVCENKO, N. **A literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SCHWARZ, R. **Ao vencedor as Batatas**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.
- _____. **Um mestre na Periferia do Capitalismo**. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
- SUD, M. **Aspectos do Ensino Rural**. s/e, 1934.
- THOREAU, D. H. **A Desobediência Cívica**. Porto Alegre: L& PM, 1997.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ZILBERMAN, R. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2003.

_____ & MAGALHÃES, Cademartori, L. **Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1982.

Revista Educação:

COSTA, F. da. Ensino Rural. *In: Educação*. Serviço de Instrução Pública do Estado de São Paulo & Sociedade Paulista de Educação, 1929.

MAGALHÃES, F. O Combate ao Analfabetismo na Zona Rural. *In: Educação*. Serviço de Instrução Pública do Estado de São Paulo & Sociedade Paulista de Educação, 1929.

TOLEDO, J. Preparação e Fixação do Professor Rural. *In: Educação*. Serviço de Instrução Pública do Estado de São Paulo & Sociedade Paulista de Educação, 1930.

SUD, M. Reforma do Ensino Rural em São Paulo. *In: Educação*. Serviço de Instrução Pública do Estado de São Paulo & Sociedade Paulista de Educação, 1931.

_____. A Guerra à Zona Rural. *In: Educação*. Serviço de Instrução Pública do Estado de São Paulo & Sociedade Paulista de Educação, 1933.

OLIVEIRA, A. de. O Problema da Escola Rural. *In: Educação*. Serviço de Instrução Pública do Estado de São Paulo & Sociedade Paulista de Educação, 1945.

CARVALHO, P. P de. Educação e Escola Rural. *In: Educação*. Serviço de Instrução Pública do Estado de São Paulo & Sociedade Paulista de Educação, 1945.

PAZ, U. F. da. Problemas Ruralistas. *In: Educação*. Serviço de Instrução Pública do Estado de São Paulo & Sociedade Paulista de Educação, 1945.